

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

POLIANE PEREIRA ALMEIDA DE OLIVEIRA

BOAVENTURA PEREIRA SOUSA : memória, oralidade e escrita na Igreja Assembleia de
Deus (1963 – 1996)

São Luís

2023

POLIANE PEREIRA ALMEIDA DE OLIVEIRA

BOAVENTURA PEREIRA SOUSA : memória, oralidade e escrita na Igreja Assembleia de Deus (1963 – 1996)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Estado do Maranhão. Linha de pesquisa: Linguagens, religiosidades e culturas.

Orientador: prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos.

São Luís

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Oliveira, Poliane Pereira Almeida de.

BOAVENTURA PEREIRA SOUSA : memória, oralidade e escrita
na Igreja Assembleia de Deus 1963 1996 / Poliane Pereira
Almeida de Oliveira. - 2023.

121 p.

Orientador(a): Lyndon de Araújo Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2023.

1. Boaventura Sousa. 2. Assembleia de Deus. 3.
Autobiografia. I. Santos, Lyndon de Araújo. II. Título.

POLIANE PEREIRA ALMEIDA DE OLIVEIRA

BOAVENTURA PEREIRA SOUSA : memória, oralidade e escrita na Igreja Assembleia de Deus (1963 – 1996)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Estado do Maranhão. Linha de pesquisa: Linguagens, religiosidades e culturas.

Orientador: prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos. (orientador)

Prof.^a. Dr.^a Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira (Examinadora interna)

Prof.^a. Dr.^a Elba Fernanda Marques Mota (Examinadora externo)

São Luís

2023

À minha saudosa mãe Rosimar, por todo esforço de proporcionar-me dentro de suas possibilidades, a educação e a certeza de que somos capazes de vencer os nossos medos. (In Memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos são tão necessários quanto o suporte que recebemos durante o deserto que atravessamos na solidão da escrita. Os medos, conflitos e anseios são minimizados quando temos uma rede de apoio formada por um tripé: família, amigos e orientador. Porém, a primazia de todas as coisas estar Deus, que abriu as portas do mestrado e não permitiu que fechasse sem que antes eu o concluísse.

Nossa, que tempos difíceis vivemos! A angústia do isolamento, a ansiedade para que a pandemia chegasse ao fim, o exercício da fé para que todos que estavam com os pulmões parando voltassem logo a respirar e a dor do luto. Tempos sombrios também na educação e na ciência. O Brasil paralelo do desgoverno deixou milhares de brasileiros sem comida, sem moradia e sem esperança. É preciso muita saúde mental para digerir tudo que passamos nesses últimos dois anos.

A força que precisava foi suprida dentro do meu lar, com a família que não é perfeita, nem tradicional, mas posso chamar de minha. Gratidão aos meus tios, Rose e Gil, que me deram todo apoio para ingressar nesse desafio. Em especial aquele que escolhi para ser meu companheiro de todas as horas, Fernando Oliveira, juntos nos tornamos um e numa soma perfeita nos tornamos três com a chegada de Sophia. Obrigada por todo incentivo e por acreditar em mim!

As minhas amigas que desde a graduação dividem o fardo da vida acadêmica comigo. Nesse ciclo me acompanham desde a elaboração do projeto, etapas de seleção, auxílio com leituras e revisão de texto. Minha gratidão eterna a Adriana Santos, Jaciara Frazão e Elenildes Marchão. Aos colegas que ganhei na pós-graduação: Diogo Aires, Valerice Fonseca, Talita Plum, Eva Lago e em especial, Hemelita Silva (Mel). Hemelita em plena pandemia entrou em trabalho de campo comigo, viu de perto a profícua Bacabal, quente e instigante. A fortaleza de Mel, a resiliência, a confiança foram mais que pegar na minha mão, foi acreditar em mim quando eu mesma duvidei. Doce Mel, obrigada!

Como parte desse tripé, agradeço ao meu orientador, o prof. Lyndon de Araújo Santos, que de longe, desde a graduação foi uma das minhas primeiras leituras sobre o protestantismo no Maranhão. Aliás, leitura obrigatória a todos que pretendem estudar o protestantismo maranhense. Ao historiador, escritor, professor, minha admiração e respeito. E hoje como meu orientador, a minha gratidão.

Ao PPGHIS e todo corpo docente pelo compromisso e seriedade na contribuição das pesquisas que são lapidadas dentro do programa. A CAPES pelo financiamento deste trabalho meu muito obrigada.

Meus agradecimentos sinceros também, a prof. Márcia Milena Galdez por essa pesquisa, através de seu incentivo o que era para ser apenas um trabalho monográfico se descortinou e me fez chegar até aqui. Agradeço ao Marcos Ferreira, aos meus entrevistados Pr. Francisco Raposo, Pr. Telmí Vasconcelos, José Antônio, Osmilta Teixeira e José Batista. Ao pastor Boaventura Pereira Sousa pela vida instigante, que dádiva foi conhecê-lo e contar sua trajetória. Obrigada a todos!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a análise dos lugares de memória construídos em torno da figura de Boaventura Pereira Sousa, pastor da Igreja Assembleia de Deus (AD) no estado do Maranhão. Com recorte temporal entre os anos de 1963 a 1996, período em que esteve à frente da AD como pastor presidente na cidade de Bacabal. Durante essas três décadas conduzindo a Igreja, Boaventura Sousa foi uma liderança com forte influência dentro da comunidade assembleiana bacabalense onde se tornou uma das principais representações da preservação dos costumes e (re)afirmação identitária do movimento pentecostal maranhense. Sua ampla atuação no trabalho evangelístico contribuiu para que o pastor construísse em torno de si lugares de memória que o perpetuasse no sentimento coletivo do grupo à qual pertencia. As fontes que utilizamos para o desenvolvimento desse trabalho foi a autobiografia de Boaventura Sousa, entrevistas realizadas com membros assembleianos que tiveram vivência com o eclesiástico, respaldada na metodologia da História Oral e mapeamento de registros materiais, ou melhor, os lugares de memória acerca do sujeito/objeto Boaventura como: fotografias, placas, jornais, relicário pessoal do pastor, entre outros. O aporte teórico estrutura-se no campo da História da Religião e História Cultural. Dialoga com conceito de: Lugares de memória, identidade, memória e discute sobre autobiografia.

Palavras-chaves: Boaventura Sousa; Assembleia de Deus; autobiografia.

ABSTRACT

This paper centers its analysis around the figure of Boaventura Pereira de Sousa, pastor of the Assembly of God Church (AD) in the state of Maranhão. With a time frame between the years 1963 to 1996, the period in which he was ahead of the AD as president pastor in the city of Bacabal. During these three decades leading the church, Boaventura Sousa became a leadership with strong influence within the assembly community in Bacabal where he became one of the main representations of the preservation of customs and identity (re)affirmation of the Pentecostal movement in Maranhão. His broad performance in evangelistic work contributed for the pastor to build around himself places of memory that perpetuated him in the collective feeling of the group to which he belonged. The sources that we used for the development of this work were the autobiography of Boaventura Sousa, interviews conducted with assembly members who had experience with the ecclesiastic supported in the methodology of Oral History and mapping of material records, or rather, the places of memory about the figure / object of research among these: photographs, plaques, newspapers, personal reliquary of the pastor, among others. The theoretical contribution is structured in the field of History of Religion and Cultural History. It dialogues with the concept of: Places of memory, identity, memory and discusses about autobiography.

Keywords: Boaventura Sousa; Assembly of God; autobiography.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Assembleia de Deus
AGO	Assembleia Geral Ordinária
CPAD	Casa Publicadora da Assembleia de Deus
CEMP	Centro de Estudos do Movimento Pentecostal
CEADEMA	Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Maranhão
CGABD	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CONAMAD	Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EBD	Escola Bíblica Dominical
EETAD	Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus
IADESL	Igreja Assembleia de Deus em São Luís
IBAD	Instituto Bíblico das Assembleias de Deus
IBI	Instituto Bíblico Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMPD	Igreja Mundial do Poder de Deus
IPI	Igreja Presbiteriana Independente
MP	Mensageiro da Paz
PIBPA	Primeira Igreja Batista do Pará
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Foto da capa da autobiografia de Boa Ventura pereira Sousa lançada em comemoração aos seus 90 anos - 2016	24
Figura 2	- Notícia do falecimento do Pr. Boaventura	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	BOAVENTURA PEREIRA SOUSA: ESCRITA DE SI E MINISTÉRIO PASTORAL NA ASSEMBLEIA DE DEUS	19
1.2	O CONTEXTO ASSEMBLEIANO MARANHENSE E O MINISTÉRIO PASTORAL DE BOAVENTURA SOUSA	19
1.3	A ESCRITA NA ASSEMBLEIA DE DEUS	21
1.4	BOAVENTURA SOUSA E A ESCRITA DE SI	23
1.4.1	LENDA FAMILIAR: TODOS A SERVIÇO DO SANTO MINISTÉRIO	29
1.4.2	UM HOMEM VOCACIONADO E CONVICTO DE SUA MISSÃO	35
1.4.3	O EXEMPLO	41
1.4.4	APOLOGIA	49
2	BOAVENTURA PEREIRA SOUSA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA	53
2.1	OS (DES)CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PENTECOSTAL	53
2.2	IDENTIDADE PENTECOSTAL	58
2.3	BOAVENTURA PEREIRA SOUSA FRENTE ÀS MUDANÇAS NOS USOS E COSTUMES ASSEMBLEIANOS	72
3	ORALIDADE NA ASSEMBLEIA DE DEUS: BOAVENTURA SOUSA NA NARRATIVA DOS ASSEMBLEIANOS BACABALENSES	82
3.1	REMEMORAR E CONTAR BOAVENTURA SOUSA	82
3.2	SOB O OLHAR DA MEMBRESIA: BOAVENTURA SOUSA NA NARRATIVA DOS SUJEITOS	85
3.3	LUGAR DE MEMÓRIA (FÍSICOS/MATERIAIS): “PASTOR BOAVENTURA FOI ESSA PESSOA QUE MORREU, MAS AINDA VIVE”	93
3.4	AS REPRESENTAÇÕES E AUTOIMAGENS: AS CONSTRUÇÕES ACERCA DO PASTOR BOAVENTURA SOUSA E SUAS	103

CONTRIBUIÇÕES PARA APROPRIAÇÃO E PERPETUAÇÃO DOS
VALORES E DA IDENTIDADE ASSEMBLEIANA

4	CONCLUSÃO	108
	REFERÊNCIAS	110
	ANEXO A - BOAVENTURA NA FACHADA DO PRIMEIRO TEMPLO CENTRAL EM BACABAL	116
	ANEXO B - CARTA DE BOAVENTURA SOUSA AOS MEMBROS QUE HAVIAM SE AFASTADO DA IGREJA	117
	ANEXO C - FOTOGRAFIAS DO PASTOR BOAVENTURA	118
	ANEXO D - BANNER DO PASTOR BOAVENTURA	119
	ANEXO E - FACHADA DA IGREJA	120

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou refletir acerca dos lugares de memória construídos em torno da imagem do pastor Boaventura Pereira Sousa dentro da igreja Evangélica Assembleia de Deus (AD) na cidade de Bacabal-MA. Para tanto, evidenciaremos os símbolos e os lugares de memória, através dos quais se deu a materialização das representações, memórias e dos sentimentos coletivos em relação à Boaventura, e o tornaram um elemento de (re)afirmação identitária e de preservação do movimento pentecostal no município.

Justificamos a preferência pela figura emblemática do pastor Boaventura Pereira Sousa, por este ser ferramenta relevante para a realização da análise e compreensão da difusão do protestantismo no Médio Mearim. Além disso, é possível compreendermos as peculiaridades do pentecostalismo no interior maranhense com ênfase na conjuntura de atuação da maior liderança na Assembleia de Deus em Bacabal nos seus diversos aspectos: social, político e religioso.

Boaventura Pereira Sousa foi um sujeito com ampla participação na organização da Assembleia de Deus em várias regiões do interior maranhense como: Rio Novo e toda área praiana do município de Tutóia, Santana do Maranhão, Barreirinhas, Magalhães de Almeida, Santa Quitéria, Caxias, São José de Ribamar, Paço de Lumiar, Raposa, Morros, Axixá, Icatu, Timon, entre outros municípios. Foi, sobretudo, em Bacabal que o pastor se constituiu como referência simbólica do protestantismo no estado, tornando-se a figura máxima da denominação protestante do município. Em Bacabal, atuou como pastor-presidente durante trinta e três anos (1963-1996), destacando-se pela longevidade do período em que permaneceu na presidência. Foi responsável pela consolidação e expansão da igreja na cidade, esteve à frente da construção de um dos maiores templos do estado, o templo central da Assembleia de Deus em Bacabal, dedicou-se a inúmeras obras de caráter filantrópico e sociais.

Essa pesquisa é uma ramificação derivada do trabalho de monografia no qual tinha por objetivo analisar a trajetória do pastor Boaventura Sousa e o seu ministério pastoral na cidade de Bacabal. Como membro da Assembleia de Deus esta pesquisa contribuiu para aprofundar o conhecimento sobre a estrutura organizacional da Igreja, que apesar de me parecer tão familiar, desconstruiu a imagem que fui doutrinada a conceber nos discursos disseminados nos púlpitos assembleianos. A começar pela narrativa de sua fundação, desprendimentos de bens materiais, negação das trocas de favores com a política e a preservação de uma doutrina genuína e inegociável com as inovações culturais.

Provavelmente, manter a doutrina dos anos iniciais da AD, tenha sido um dos maiores desafios de Boaventura Sousa que por muitas vezes hesitou em se render às novas formas litúrgicas de cultos. Sua resistência em aderir elementos que tornasse as reuniões mais animadas, sem a monotonia de outrora foi fator preponderante para que percebermos que havia em torno de si, uma perceptível promoção de sua (auto) imagem como arquétipo de valores e modelo para os membros da comunidade. Havia uma capacidade de mobilização dos membros dentro da AD, não era apenas um fator de crescimento lento e gradual, mas, também, de poder, sobretudo simbólico. Conforme Bourdieu (2006), o poder simbólico se fundamenta na cumplicidade dos que a ele estão sujeitos e dos que o exercem.

O contato com o pastor Boaventura Sousa nos possibilitou perceber que ele possuía popularidade e visibilidade dentro da cidade bacabalense. Em uma das falas da esposa do referido pastor, Maria de Jesus, nos relatou em entrevista realizada em 2016 que o pastor era muito procurado pelo pessoal da universidade principalmente da área de História e Sociologia com objetivo de saber sobre o histórico da Assembleia de Deus. É importante ressaltar que em 2017 defendemos monografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), no curso de História intitulada: *Trajetória e ministério do pastor Boaventura Pereira Sousa na Assembleia de Deus em Bacabal (1963 – 1996)*. No ano seguinte Fortunata Maria da Luz, aluna do curso de Sociologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) campus Bacabal, defendeu seu trabalho monográfico com o seguinte título: *Narrativa autobiográfica e (re)escrita de si: memória, vocação e trajetória do pastor Boaventura Pereira Sousa*. Ambos os trabalhos fazem uma reflexão sobre a figura, sujeito/objeto do Boaventura Sousa. Na pesquisa do historiador Marcos Ferreira que aborda sobre as nucleações do pentecostalismo no Médio Mearim, o historiador bacabalense elenca o Boaventura Sousa e suas atuações.

Desta maneira, podemos sugerir que o pastor em abordagem é um sujeito de notoriedade para além do segmento religioso. Podemos afirmar que o sujeito em abordagem também tinha ciência de relevância religiosa, social e política. Para se fazer presente de alguma forma ou imortalizar-se na memória coletiva e individual do grupo à qual pertencia, Boaventura construiu em casa um acervo pessoal onde guardava ferramentas de trabalho das inúmeras profissões que acumulou ao longo da vida e suas invenções como luminárias (conforme seus relatos, foi produtor de luminárias para a cidade de Tutóia) para que pudesse ser lembrado conforme a autoimagem que construiu.

Nesse sentido, nos é apropriado utilizarmos o conceito que Pierre Nora denomina de lugar de memória, no qual “[...] à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi [...]” (NORA, 1993, p. 15). Ainda conforme Nora (1993, p. 13) “[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos [...]”, para nova geração que não conviveu com o Pr. Boaventura, seu relicário é útil para acionar a memória do significado que esses arquivos tiveram na vida do pastor. Dimensionar sobre as experiências, vivências cotidianas de Boaventura e suas múltiplas profissões que necessitou exercer.

À medida que analisamos a atuação de Sousa em torno de sua própria imagem, percebemos a preocupação do pastor em ser lembrado, sobretudo, associado à memória institucional da Assembleia de Deus. A vida religiosa de Boaventura Sousa esteve presente de forma latente em seu discurso, ações e comportamento. É visível como ele internalizou os princípios bíblicos, os incorporou nas práticas religiosas e os reproduziram no seu cotidiano. Como se fosse uma segunda natureza que Bourdieu (2006) conceitua de *habitus* que se apresenta como social e individual ao mesmo tempo, e refere-se tanto a um grupo quanto a uma classe e, obrigatoriamente, ao indivíduo também.

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas- o que o operário come e, sobretudo, sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar. (BOURDIEU, 1996, p. 22).

Dentro da perspectiva de associação à vida religiosa do sujeito, o pastor escreveu sua autobiografia intitulada: “Autobiografia e eventos que a história não divulgou”, lançada em 2016 ano que foi comemorado seus noventa anos de idade. Na obra autobiográfica podemos perceber a ênfase que ele dá a vida pastoral, podemos afirmar que sua autobiografia aborda do início ao fim sobre sua vida religiosa, ou melhor, sua narrativa é organizada em torno da Assembleia de Deus. O sujeito Boaventura mantém adequada a sua vida aos requisitos exigidos pela Igreja. O que justifica também a escolha do nosso objeto, estudar a instituição/denominação a partir da figura do pastor, agente central dentro da hierarquia eclesiástica assembleiana. Conforme apontamentos da historiadora Elba Fernanda Mota, há uma ausência de interesse pela figura do pastor (MOTA, 2013), optamos por realizar este trabalho em torno da maior liderança e suas relações na cidade de Bacabal.

O diálogo com a historiografia voltada para temática, no qual historiadores se debruçam a estudar a sociedade e a cultura a partir de instituições religiosas e das religiosidades tem se consolidado no Brasil e no Maranhão e nos serviram de embasamento bibliográfico para o desenvolvimento deste trabalho. Em ascensão nos últimos anos, a produção bibliográfica sobre o protestantismo maranhense destaca-se o pioneiro acerca da temática, o historiador Lyndon Santos, com a obra “As outras faces do sagrado: Protestantismo e cultura na Primeira República”. Através da leitura desse trabalho onde o autor elenca os agentes históricos que expandiram o protestantismo na capital e no interior maranhense. Ressaltando o imbricamento do espaço sagrado e a cultura desses sujeitos.

A dissertação de mestrado denominada Representação de si e prática da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996)” de autoria de Elba Fernanda Mota (2013), é uma das poucas referências bibliográficas que problematiza a trajetória de vida de uma liderança religiosa protestante do estado. O trabalho de Mota (2013) enriqueceu e aprofundou a construção deste objeto de pesquisa, com suas contribuições teóricas, metodológicas e pela proximidade desses dois sujeitos, Estevam Ângelo de Sousa e Boaventura Pereira Sousa, ambos pastores praticamente na mesma temporalidade, da mesma instituição religiosa, irmãos na fé e na consanguinidade. Uma leitura obrigatória para o desenvolvimento do trabalho.

Bertone de Oliveira Sousa (2010) em “Uma perspectiva histórica sobre construções de identidades religiosas – a Assembleia de Deus em Imperatriz-Ma (1986-2009)” traça as origens, estratégias de difusão e as características da identidade assembleiana, bem como sua relação com a alteridade (catolicismo e neopentecostalismo) e com o campo político, e também esquadriar sua visão de mundo no tocante a questões socioculturais. O diálogo com este trabalho contribuiu para entender como foi moldada a identidade assembleiana, e, desse modo, poderemos assemelhar com o perfil assembleiano que Boaventura Sousa buscou preservar através da construção de uma autoimagem que servisse de parâmetros para os fiéis.

Do mesmo modo, a tese de Jaime Delgado intitulada *Nem terno nem gravata: As mudanças na identidade pentecostal assembleiana*, contribui para o entendimento sobre o processo de (des)construção da identidade assembleiana. O autor retrata sobre as contradições dessa identidade ocorridas com advento do neopentecostalismo., Conforme Delgado (2008) “[...] durante oito décadas a Assembleia de Deus vinha mantendo firme sua identidade, que fez parte do cotidiano das pessoas, e de uma cultura religiosa brasileira que se acostumou a

vê-las como fora do mundo [...]” (DELGADO, 2008, p. 06), no entanto a chegada das igrejas neopentecostais provocou mudanças no ethos assembleiano.

Ainda no campo da historiografia maranhense, Adroaldo José Silva Almeida (2016) com a tese de doutorado *“Pelo Senhor, marchamos”: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)* que a partir da análise do jornal Mensageiro da Paz aponta para postura que a AD assumiu diante da instauração da ditadura civil militar, bem como as igrejas Presbiteriana e Batista. Na tentativa de compreender como a AD se articulou em meio ao autoritarismo dos militares na condução do país, este trabalho respondeu a questões que foram suscitadas ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Sobretudo, o total apoio da Igreja AD ao militarismo ditatorial.

As produções historiográficas sobre o protestantismo maranhense, bem como, as que abordam a AD no cenário nacional tiveram significativa relevância e contribuíram para o aprofundamento desta pesquisa. Cabe ressaltar a dificuldade de fazer pesquisa no acervo da AD em São Luís, a restrição de acesso a documentos, a desconfiança de pastores, mesmo nas entrevistas as respostas são óbvias, discursos prontos e na defensiva.

Este trabalho se estrutura na História Cultural que com a crise de paradigmas no século XX, segundo Sandra Pesavento (2003), a Nova História Social, através da Escola dos Annales possibilitou novas metodologias de pesquisas na observação dos sujeitos dentro da cultura contemporânea (tempo presente). Os conceitos e categorias que dirigem esse estudo como: memória, representação social, imaginário coletivo e História Oral estão pautados no campo da História Cultural.

A História das Religiões também é um dos pilares deste trabalho, uma vez que o campo religioso não está distante do sociocultural, ambas se tocam, se divergem e negociam entre si. A dessacralização das Religiões nos permitiu reduzir a escala de observação sobre os mecanismos simbólicos, confessionais e experiências com o sagrado para que pudéssemos compreender suas singularidades e significados.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa em sua fase inicial foi uma revisão e um levantamento bibliográfico, levantamento e análise de fontes que nos auxiliaram na verticalização desse trabalho. A utilização da autobiografia, a escrita de vida sobre si, que teve seu retorno nos anos iniciais de 1970 e 1980 não mais com a visão romantizada sobre o sujeito que a escreveu, sintetizou, omitiu informações e se apresenta

como um referencial. O contrário, assim como as demais fontes utilizadas, a obra produzida por Boaventura Sousa, possibilitou a construção deste objeto de estudo, mas não nos impediu de analisarmos criticamente o discurso utilizado pelo pastor na interação com o público a qual destina sua escrita.

Bem como, as narrativas dos sujeitos entrevistados através da metodologia da História Oral também são necessárias uma análise crítica na interpretação das falas desses agentes. Esta metodologia da História Oral é relevante na nossa abordagem para analisarmos a partir dos relatos dos membros da Assembleia de Deus em Bacabal a influência do pastor sobre a membresia assembleiana, como o arquétipo assembleiano construído e preservado pelo pastor foi recebido pela comunidade religiosa, qual a memória que se tem acerca do pastor, qual a dimensão entre o discurso e a prática propagada por Boaventura Sousa foi absolvida e reproduzida no cotidiano das pessoas nessa rede de relação religiosa. Nos deslocamos para cidade de Bacabal com o objetivo de colhermos narrativas de fiéis que conviveram com o pastor através da entrevista, tivemos êxito em algumas, em outras, nossos entrevistados por serem pastores, estarem acostumados a falar com o público, por terem um discurso pronto. Utilizaram adjetivações como: gênio, ícone, índole ilibada, figura divina. Respostas curtas e objetivas.

Nos trabalhos de campo, por mais que traçamos um roteiro, determinando o passo a passo de execução do trabalho, nem tudo sai como planejado, os desencontros e imprevistos acontecem. Exemplo disso foi nossa entrevistada, Severina de Jesus, viúva de Boaventura, embora estivesse ciente de nossa presença na cidade e concordasse em conversámos sobre o pastor. Não a encontramos em casa, fizemos plantão à sua espera, mas não foi possível realizámos a entrevista que contribuiria bastante com esse trabalho, porém não invalida as outras entrevistas que foram realizadas.

Também utilizamos como fontes de análise o jornal Mensageiro da Paz (MP), periódico oficial da Assembleia de Deus, pois através deste seria possível mapear as adjetivações deferidas ao pastor e sua atuação. Porém todas as edições catalogadas possuem poucas reportagens referentes ao pastor em estudo, notas bem pequenas em relação ao pastor foram encontradas, poucos eventos na AD em Bacabal tiveram publicações no MP. Porém, não inviabilizou a análise do sujeito Boaventura Sousa dentro do espaço social e religioso na AD. O contexto histórico o qual estava inserido permitiu nos aproximarmos do nosso objeto de estudo e compreendê-lo.

Desta forma, nosso trabalho foi executado e pautado sobre Boaventura Pereira Sousa dentro da AD em Bacabal. No primeiro capítulo buscamos apresentar o sujeito Boaventura Sousa, a partir de sua narrativa autobiográfica. A construção de si, nucleação familiar, conversão, início da vida pastoral e atuação na AD Bacabalense onde foi consolidada sua representatividade no cargo que respeitosamente chamava de “santo ministério”. Pontuamos o contexto assembleiano maranhense, atrelado ao cenário religioso nacional. A abordagem da escrita de si foi possível através da interdisciplinaridade entre História Cultural, Sociologia e Antropologia na utilização de categorias e conceitos utilizados durante nossa escrita. A Teologia nos auxiliou na construção identitária do pastor e na noção de vocação.

No segundo capítulo, trabalhamos nos propomos abordar a construção identitária assembleiana, destacando os eventos que ocorreram a partir de 1930 com a criação da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), órgão responsável pela conservação da doutrina assembleiana, e a busca pela “padronização” dos costumes. Elencamos os (des)caminhos da construção da identidade pentecostal, as cisões, as resoluções para oficializar os comportamentos dos membros da Igreja e como a cultura, o neopentecostalismo influenciou no uso e costumes assembleianos. Buscamos apresentar Boaventura Sousa como agente defensor da conversação dos costumes assembleianos, frente às mudanças ocorridas dentro da AD, sobretudo a partir do nosso recorte temporal (1963-1996) quando se intensificaram as discussões acerca do uso da televisão, movimentos culturais, políticos e tecnológicos. Como essas mudanças foram recebidas, a flexão das regras doutrinárias e os desdobramentos para manutenção de uma identidade “genuína” dos anos iniciais da AD no Brasil.

No terceiro capítulo, buscamos apresentar o Boaventura Sousa, a partir da perspectiva da membresia assembleiana bacabalense. Visando obter a leitura que os fiéis fizeram sobre o pastor, o tipo de influência que Boaventura exerceu sobre seu rebanho no cotidiano, na preservação dos usos e costumes e no apoio espiritual. Além de mapear os lugares de memórias, elementos constituídos pelo pastor como vestígios solidificador do enquadramento de memória à comunidade a qual pertencia. Importante ressaltar que, esses lugares de memória foram construídos não apenas pelo próprio Boaventura, mas por sujeitos que de alguma forma quiseram homenageá-lo ainda em vida e postumamente. Desta maneira, descartamos que a relação do pastor com os membros da AD é visível a afetuosidade ao prestar-lhes homenagem e conservar a memória de Boaventura Pereira Sousa. Deste modo,

realizamos esta pesquisa com o objetivo de contribuir com a historiografia maranhense acerca do protestantismo maranhense.

1.1 BOAVENTURA PEREIRA SOUSA: ESCRITA DE SI E MINISTÉRIO PASTORAL NA ASSEMBLEIA DE DEUS

Neste capítulo, pretendemos apresentar a autobiografia do pastor Boaventura Pereira Sousa com o objetivo de compreender através da escrita de si, como o pastor buscou construir sua trajetória a partir de sua atuação dentro da AD (Assembleia de Deus). Através da trajetória/atuação do pastor em questão é perceptível a promoção da sua (auto) imagem diante de seus liderados e demais sujeitos como um autêntico assembleiano e um modelo a ser seguido. Em sua escrita, é possível notar a preocupação do pastor em elencar o providencialismo divino em “determinar” todos os acontecimentos em sua vida: conversão, chamada pastoral e experiências com o sagrado.

1.2 O CONTEXTO ASSEMBLEIANO MARANHENSE E O MINISTÉRIO PASTORAL DE BOAVENTURA SOUSA

A vida de Boaventura Sousa está imbricada com a história da Assembleia de Deus no Maranhão. Devido a sua longevidade, Sousa era considerado o pastor mais antigo do Maranhão, pois seu ministério pastoral totalizou setenta anos (1947-2017). O qual podemos dividi-lo em três fases: 1947 a 1962 período que atuou em diversas¹ cidades do interior maranhense. De 1963 a 1996 corresponde ao período em que esteve à frente da Igreja de Bacabal. E, de 1996 a 2017, na fase em que foi aposentado do cargo de pastor, e se tornou conselheiro da liderança bacabalense.

Nas décadas de 1921 a 1940, segundo o historiador Lyndon Santos (2006), corresponde a implantação do pentecostalismo na capital e interior maranhense. A chegada da Assembléia de Deus ocorreu na mesma década do nascimento de Boaventura, para ser mais exato no ano de 1926, a idade do pastor tinha pouca diferença com o tempo de fundação da AD no Maranhão. A fase de ampliação e estruturação do pentecostalismo assembleiano acontece no período de 1941 a 1957, que (co)incide com a conversão de Boaventura em 1944, e, posteriormente no ano de 1947 sua autorização ao pastorado. A fase de crescimento e consolidação das Assembleias de Deus que a tornou maior denominação no estado, corresponde às décadas de 1957 a 1996. Esta fase é também caracterizada pela centralização

¹ Rio Novo e toda área praiana do município de Tutóia, Santana do Maranhão, Barreirinhas, Magalhães de Almeida, Santa Quitéria, Caxias, São José de Ribamar, Paço de Lumiar, Raposa, Morros, Axixá, Icatu, Timon, entre outros municípios.

da Igreja na figura dos seus líderes, destaque ao pastor Estevam Ângelo de Souza (SANTOS, 2006). Em Bacabal, a Igreja passou a ser comandada por Boaventura Pereira Sousa a partir de 1963 a 1996. Assim como a liderança de Estevam, Boaventura desenvolveu uma liderança longa, porém descentralizadora² no momento de expansão e solidificação da AD.

A liderança de Boaventura não difere das demais lideranças assembleanas dos anos de 1940. Sujeito leigo, trabalhador rural e migrante, perfil que caracteriza os primeiros conversos da AD maranhense, principalmente na zona rural do estado. Os contatos iniciais com a religião são oriundos do catolicismo popular e posteriormente se converteu ao pentecostalismo. Perseguições, privações e desapego de bens materiais, discurso característico da Assembleia de Deus que atraiu os marginalizados, pobres e sofredores eram frequentemente reproduzidos por Boaventura. A entrega aos trabalhos evangelísticos e a busca incessante pelo batismo no Espírito Santo, possibilitaram a indivíduos como Boaventura Sousa, a participação ativa na liturgia dos cultos. As mãos calejadas que antes segurava o terço, passou a carregar a bíblia (BRANDÃO, 1983). Desta forma, é possível delinear a atuação de Boaventura Sousa na AD e a construção de sua auto representação, constituindo-se como referência simbólica para o pentecostalismo no Maranhão.

Paralelo a construção de maior liderança na Assembleia de Deus em Bacabal na década de 1960. No cenário nacional o país estava vivendo efervescência política e cultural. A implantação da Ditadura Militar, repressão, censura, movimentos sociais dos trabalhadores do campo e da cidade. Culturalmente, a chegada do *rock n roll*, Jovem Guarda, Tropicalismo e mistura sócio cultural. Na CGADB ocorreram intensos debates sobre a construção identitária e ajustes doutrinários na AD, como será abordado no capítulo seguinte. No Maranhão emergem os conflitos agrários, sobretudo, na região do Médio Mearim, parte central do estado onde está localizada a cidade de Bacabal, cerne da nossa pesquisa.

Bacabal é uma cidade banhada pelo rio Mearim, economicamente viveu o *boom* do algodão em meados da década de 1930, quando o Maranhão se tornou um dos principais exportadores algodoeiro no país. Com o declínio do algodão, a cidade bacabalense passou a

² As cidades de São Luís Gonzaga, Bom Lugar, Lago Verde, Cordeiro e Bela Vista faziam parte da AD de Bacabal, mas Boaventura Sousa desmembrou-se da cidade bacabalense formando outras nessas cidades novas sedes. Diferente de Estevam Ângelo de Sousa que manteve a IADSL (Igreja Assembleia de Deus em São Luís) centralizada durante sua administração, mas em 1997 foi criada áreas pastorais, cada bairro ludovicense possui subsede e suas filiais, igrejas menores, sob o cuidado de pastores que estão subordinados hierarquicamente ao Templo Central e ao Pr. Coutinho. No ano 2000 a AD do bairro do Tirirical foi desmembrada do campo de São Luís, tornando-se independente possuindo seu próprio regimento interno, estatuto e o pastor presidente, atualmente é o Pr. Osiel Gomes. Podemos destacar outros campos como: Cohatrac, Calhau, São José de Ribamar, Raposa e etc.

produzir arroz. Através do êxito na produção do grão, em 1968 Bacabal voltou a se destacar no estado pela exportação de arroz (SOARES, 2018). Posteriormente, o ciclo do arroz entrou em decadência e, a extração da amêndoa do babaçu, palmeira nativa e abundante na região, possibilitou ao Médio Mearim o “retorno ao progresso” do estado (FERREIRA, 2015). O extrativismo do babaçu não se limita apenas a extração do óleo e do leite, proporciona a produção do:

[...] carvão, a ração para gado, também a massa da entrecasca, pode-se produzir bolo, mingau, chocolate e serve ainda para fabricação de detergente, sabão, margarina, cosméticos, asfalto, etc. Inclusive, as folhas podem ser aproveitadas para cobrir casas, fazer confecção, artesanato e fornecer celulose para a industrialização do papel [...]. (SOARES, 2018, p. 26).

Podemos observar que o babaçu, além de movimentar a economia da cidade, teve papel fundamental na renda das famílias camponesas, sobretudo, dos migrantes. A intensa migração na década de 1960 na cidade de Bacabal, afetou diretamente a AD, pois não havia estabilidade no número dos fiéis. A medida que as Cartas de Mudanças chegavam a igreja de Bacabal, na mesma proporção eram emitidas com a finalidade de atestar a boa conduta dos membros em mudança para outro município ou estado. Este documento redigido era para certificar a igreja que o fiel iria se apresentar, que ele fazia parte de uma congregação, em alguns casos havia um breve histórico sobre os cargos que o fiel exerceu, data de batismo em águas, data de casamento etc. Caso se tratasse de uma viagem de rápido regresso, o documento emitido seria uma Carta de Recomendação legitimando que o fiel fazia parte da AD e que fosse recebido como membro da instituição (ALMEIDA, 2017).

1.3 A ESCRITA NA ASSEMBLEIA DE DEUS

Para as ADs, os anos de 1960 não se limitam apenas ao turbilhão de acontecimentos interno e externo. Em 1961, a AD completou cinquenta anos em solo brasileiro, junto às comemorações deram início a construção da memória institucional da Igreja. Para comemorar o cinquentenário pentecostal, o pastor Nels Nelson (2001) anunciou no *Mensageiro da Paz* a publicação do livro de Emílio Conde, *História das Assembleias de Deus no Brasil*, junto ao anúncio do livro comemorativo que sairia no início do ano de 1961, quem o adquirisse com antecedência teria 30% de desconto. À medida que a data do cinquentenário se aproximava, os anúncios se intensificavam. Bem como, as cobranças aos pastores para não esquecerem de enviar em caráter de urgência as remessas prometidas para o financiamento do livro. Esta foi a primeira de inúmeras publicações narrando a história da AD.

Para além das edições comemorativas das igrejas, os órgãos e eventos pertencentes às ADs também tiveram publicações especiais. A CGADB ao completar setenta e cinco anos foi publicada uma edição comemorativa, *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. Para comemorar o centenário da AD em 2011 a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) lançou o livro *100 acontecimentos que fizeram a História da Assembleia de Deus no Brasil*, atrelado a este exemplar veio uma edição homenageando as mulheres que contribuíram com a AD, intitulado *100 mulheres que fizeram história na Assembleia de Deus no Brasil*. Torna-se jocoso esta publicação, uma vez que, as mulheres não tiveram visibilidade dentro das ADs e o número de mulheres abordadas no livro é irrisório. O jornal *Mensageiro da Paz* também teve edição comemorativa, ao completar oitenta anos a CPAD lançou a edição, *Mensageiro da Paz artigos históricos*, a obra foi dividida em três volumes contendo duzentos artigos que marcaram a história e a teologia do movimento pentecostal no Brasil.

A AD é uma instituição com vasto acervo de produção que contribui com o trabalho de pesquisadores que abordam a AD como objeto de estudo, uma das Igrejas que mais produziu material escrito sobre si. Embora nos anos iniciais o público da AD, fosse majoritariamente composto por analfabetos, desde os anos de 1930 há a circulação do jornal *Mensageiro da Paz*. Em 1940, a CPAD foi inaugurada com o objetivo de publicar literaturas de tradição assembleiana: revistas, periódicos, livros, hinários e bíblias. Como forte aliada da memória oficial, a escrita foi bem explorada dentro da AD.

A escrita na AD é utilizada para registrar os grandes acontecimentos, aniversários, promover celebrações na tentativa de bloquear o esquecimento. Para manter continuidades da AD, seria necessário deixar vestígios das tradições assembleianas com intenções de despertar na memória geracional o sentimento de pertença e consciência de continuadores da geração anterior (CANDAU, 2011). O fortalecimento das lembranças deste grupo ocorreu pela interação entre a memória coletiva e individual, onde “[...] o indivíduo que se empenha em reconstituir e reorganizar suas lembranças irá inevitavelmente recorrer às lembranças de outros [...]” (BARROS, 2000, p. 322).

Além de publicações memorialísticas das instituições, a AD tem diversas publicações de biografias e autobiografias de pastores que participaram da construção histórica da Igreja. Pela CPAD foram publicadas biografias dos missionários: Nils Tarenger (STEIN, 2002), Samuel Nystron (NELSON, 2006), Nels Nelson (NELSON, 2001), Gustavo Bergstron

(HOOVER, 2002). Além das autobiografias do pastor brasileiro Alcebíades Pereira Vasconcelos (VASCONCELOS; LIMA, 2003) e do pastor sueco Lewi Petrus (PETRUS, 2004). Os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da AD, também tiveram suas biografias publicadas. Mais recentemente, a missionária sueca, Frida Vingren (ARAÚJO, 2019), teve sua biografia publicada. Nestas publicações, esses sujeitos são apresentados como “[...] personagens modelos nos quais são mascarados os defeitos e enaltecidas as qualidades, seleção de traços de caráter julgados dignos de imitação, [...]” (CANDAU, 2011, p. 143).

Estes são elementos que compõem a construção da memória oficial da AD. Cujas memória histórica é constituída pela escrita, pragmática, unificada e busca revelar as coisas do passado (CANDAU, 2011). São pontos de referência para promover a coesão do grupo, reforçam suas estruturas institucionais e alimentam o trabalho de enquadramento da memória. Pois, segundo Michael Pollack, os rastros do enquadramento de memória são os objetos materiais, os monumentos. No caso da AD, os megatemplos, o Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP) e a CPAD contribuem para solidificar a memória coletiva, embora Pollak (1989) assegure que “[...] nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada [...]” (POLLAK, 1989, p. 09). Visto que, a memória é transitória e passível de esquecimento.

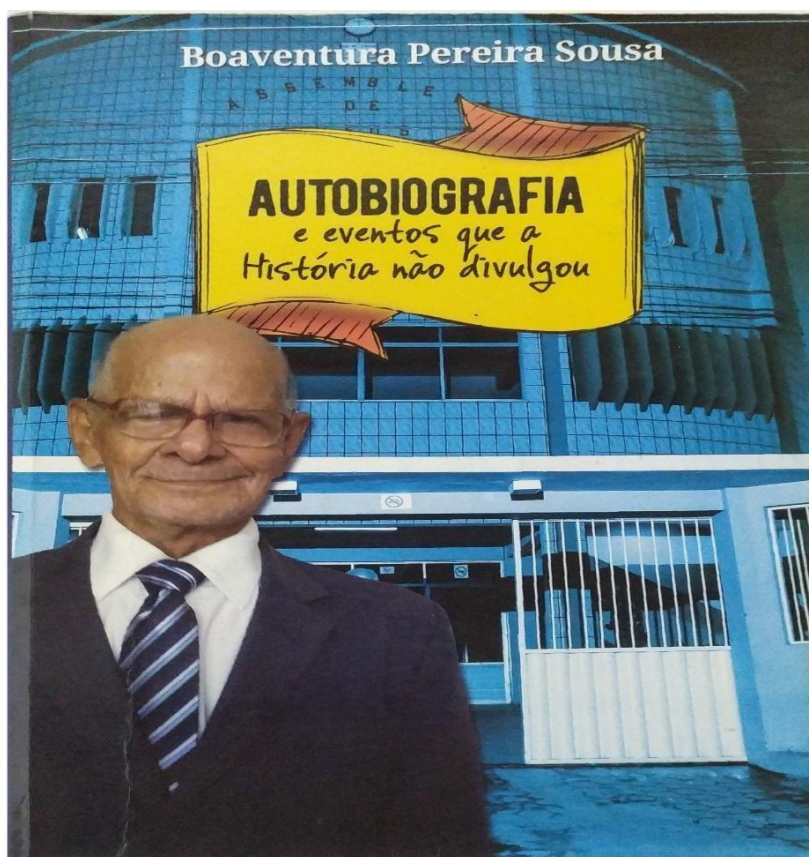
"A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado" (POLLAK, 1992, p. 203). Diante disso, a AD usa os acontecimentos, os lugares e os personagens como formadores de sua memória histórica e geradora de identidade. A membresia assembleiana, por sua vez, absorve estes acontecimentos “vividos por tabela”, os reproduzem como memória individual e internalizam essas memórias como se fossem suas. Ao assimilar as memórias produzidas pela AD, os membros reconstroem suas narrativas associando suas datas privadas às datas públicas da Igreja. Onde esses fenômenos de projeções e transferências da memória também são organizados através do enquadramento de memória.

Desta forma, podemos observar nas biografias e autobiografias de líderes assembleianos que as narrativas biográficas desses sujeitos são rememoradas a partir da relação com a AD. A memória (auto)biográfica é acionada através da experiência vivida no coletivo. A memória histórica da Igreja serve como referência para a organização da memória individual, a trajetória pessoal, as lembranças de fatos sociais são (re)construídas sob influências de acontecimentos que são exterior ao indivíduo.

1.4 BOAVENTURA SOUSA E A ESCRITA DE SI

Nesse contexto, destacamos a narrativa autobiográfica do pastor Boaventura Pereira Sousa construída a partir de sua vivência na Igreja Assembleia de Deus. Em seu texto autobiográfico: *Autobiografia e eventos que a história não divulgou* (2016) publicado para comemorar seu aniversário de noventa anos, como exposto anteriormente a AD possui o hábito de comemorar aniversários, eventos e personagens com publicações. Boaventura Sousa reproduziu essa prática na condição de autor, narrador e personagem de sua escrita.

Figura 1: Foto da capa da autobiografia de Boa Ventura Pereira Sousa lançada em comemoração aos seus 90 anos - 2016.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Portanto, é possível identificar a estreita relação que o autor nutriu com a AD, a partir da capa de sua autobiografia. Onde a imagem de Boaventura Sousa divide espaço com o templo central da Assembleia de Deus em Bacabal, obra idealizada e realizada por ele. Na sua apresentação ao público leitor, há evidência da pretensão de Boaventura em ser rememorado de maneira indissociável da Igreja. A representação de sua imagem passada ao público leitor é a identidade assembleiana (re)produzida na memória coletiva como marco de sua trajetória. Calligares (1998), pontua que essa é uma polêmica tradicional, pelos que concebem a “[...] autobiografia como algum tipo de “representação” do sujeito por si mesmo [...]”

(CALLIGARES, 1998, p. 49), já que desconstrucionistas como Paul de Man, afirmam que o sujeito nada é senão um efeito do seu próprio texto, onde a escrita de si é apenas uma figura de leitura (ESTRADA, 2009).

Calligares (1998) afirma que o sujeito que fala e escreve sobre si, não é objeto (re)presentado por seu discurso reflexivo, mas literalmente, ele se produz. Contudo, nos respaldamos em Philippe Lejeune e em seu texto *O pacto autobiográfico*, ao apontar que o pacto/contrato entre autor (narrador e personagem) e leitor corresponde a identidade exposta na capa do livro. A identificação do autor/narrador torna-se uma assinatura firmando o compromisso de escrever a história da própria vida. Lejeune (2014) afirma: “[...] o que define a autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo próprio nome. E isso é verdadeiro também para quem escreve o texto.” (LEJEUNE, 2014, p. 39). Parte-se de um reconhecimento imediato pelo leitor de um “eu autor” proposto na coincidência de relacionar o sujeito do enunciado e da enunciação (ARCHUF, 2010).

Embora para Philippe Lejeune o que predomina seja a relação de entendimento entre leitor e autor através do pacto. Diana Klinger (2006) ao discorrer sobre a obra de Lejeune, dá ênfase ao que denomina de pacto de referencialidade, onde parte-se do pressuposto que a narração apresentada pelo autor realmente aconteceu e é comprovável. Além de sugerir que o “eu” (autor) que assina na capa é a mesma pessoa responsável pela narração (narrador), consequentemente é também o mesmo inserido no contexto da narrativa (personagem) o “princípio de identidade” estabelece a união entre os sujeitos que compõem a autobiografia. A qual é definida por Lejeune como: “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz parte de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade [...]” (LEJEUNE, 2014, p. 16).

Sobre o nome do autor na capa do livro, De Man (2012) faz a seguinte crítica ao Lejeune quando afirma que: “[...] o nome na capa não é o nome próprio de um sujeito capaz de autoconhecimento e entendimento, mas a assinatura que dá ao contrato autoridade legal, ainda que de nenhum modo autoridade epistemológica [...]” (DE MAN, 2012, p. 05). De Man pontua que o leitor se torna juiz encarregado de verificar a autenticidade da assinatura e consistência do comportamento do signatário. Porém, conforme Elizabeth Estrada (2009) a primeira voz autor referencial do “Eu”, a convocar o leitor para ser juiz diante dos mal-entendidos e contendas em que se envolveu, foi Rousseau em suas *confissões* ao entender que a verdade reside não na representação fiel dos fatos, mas na tentativa de uma exposição

precisa e objetiva. Para Estrada, a forma mais apropriada de abordar a autobiografia é afirmar aquilo que ela não pode cumprir: “[...] apresentar a verdade de uma vida reunida numa trama narrativa [...]” (ESTRADA, 2009, p. 17).

O pacto autobiográfico proposto por Lejeune, supõe uma verdade e não a totalidade dela. Pois o autor afirma ser impossível atingir a verdade, sobretudo, por se tratar em particular a verdade de uma vida humana, porém o desejo de alcançá-la nada tem de ilusório em virtude de abordar relações humanas que define um campo discursivo e atos de conhecimentos. Lejeune afirma que: “[...] creio ser possível se comprometer e dizer a verdade; creio na transparência da linguagem e na existência de um sujeito pleno que se exprime através dela; creio que meu nome garante minha autonomia e singularidade [...]” (LEJEUNE, 2014, p. 76). O autor defende veementemente a verdade inserida na narrativa autobiográfica. Porém, o pacto não descarta “[...] falhas, erros, esquecimentos, omissões e deformações na história do personagem [...]” (ALBERTI, 1991, p. 76).

Na perspectiva antropológica de Calligares (1998), o autor afirma que a verdade que importa é a que está no sujeito, “[...] no foro íntimo do indivíduo, de onde se presume que provenha a fala e a escrita [...]” (CALLIGARES, 1998, p. 45). Porém, é relevante considerar que a narrativa elaborada pelo sujeito é estrategicamente selecionada e ressignificada, o sujeito que rememora e escreve não é mais o mesmo que vivenciou o acontecimento, narrador e personagem não são iguais, mesmo que a narrativa seja verdadeira. Para Leonor Arfuch (2010) mais importante do que o conteúdo do relato por si, são as estratégias de auto representação que importam. “Não tanto a verdade do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história alguém conta de si mesmo ou de outro eu.” (ARFUCH, 2010, p. 73). Para Arfuch (2010), o caminho auto reflexivo da narração é o que importa.

A narrativa retrospectiva da identidade individual na escrita para Lejeune não constitui uma ficção, já que considera a ficção uma invenção diferente da vida. O teórico francês utilizou o conceito de Paul Ricoeur (1991), *identidade narrativa*, e afirma que esta não é uma quimera. Transformar a vida em narrativa não é inventar-se, no processo de elaboração da narrativa o sujeito tem a percepção de sua relação com o mundo ao seu redor. É na identidade narrativa que Ricoeur (1991) abrange a combinação entre as modalidades *idem* (mesmo) e *ipse* (si mesmo), tanto em personagens de romance, históricas ou cada indivíduo que reflete a

si mesmo e sua experiência no tempo (SILVA, 2017). Leonor Arfuch afirma que para Ricoeur (1991), identidade tem um sentido de uma categoria prática ao supor a pergunta: “[...] ‘quem fez tal ação, quem foi o autor?’, a resposta que não pode ser senão narrativa [...] supõe é ‘contar a história de uma vida’ [...]” (ARFUCH, 2010, p. 115). A narrativa permite ao sujeito a apresentação de sua *epseidade*, individualidade ao público leitor sem perder de vista a coerência de uma vida.

Como já abordado, no pacto autobiográfico é importante que a identidade do sujeito apareça, que seja exposta pelo autor/narrador. Embora Lejeune não descarte que no processo de articulação da narrativa há uma versão melhorada do sujeito, ele apresenta um lado positivado. “É claro que, ao tentar me vê melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade [...], mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade.” (LEJEUNE, 2014, p. 121). embora o teórico Lejeune não exclua a possibilidade de o sujeito apresentar uma versão melhorada, ressignificada do seu passado no presente, durante o processo de criação da narrativa, para o autor a verdade é efetiva por parte do sujeito, pois é nela que há exposição de sua subjetividade mais profunda. A forma como cada um conta sua própria história sob ação da hermenêutica de si. Tudo que é apresentado na narrativa, mesmo que não seja verdadeiro, representa o narrador/personagem na autobiografia. Como afirma Phelippe Lejeune (2014):

[...] ainda que, em sua relação com a história (longínqua ou contemporânea) do personagem, o narrador se engane, minta ou deforme, erro, mentira, esquecimento, deformações terão simplesmente, se forem identificados, valores de aspectos, entre outros, de uma enunciação que permanece autêntica. (LEJEUNE, 2014, p. 47).

A narrativa construída pelo sujeito, a maneira como ele se vê, a veracidade no enunciado sobre a identidade para Lejeune o torna verdadeiro. Assim como a autenticidade da narrativa, a relação de verossimilhança entre autor, narrador e personagem onde ambos se reconhecem na narrativa também se torna uma verdade no pacto autobiográfico, o qual a intenção é honrar sua assinatura. Segundo o autor, o leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto ao seu nome. Pois cada um preza pelo seu próprio nome (LEJEUNE, 2014).

Para Lejeune, é impossível que coexista a vocação para autobiografia e a paixão ao anonimato no mesmo ser. Conforme Verana Alberti (1991), na autobiografia anônima falta o nome do autor, aquele que atualiza o pacto. Quem se dispõe a escrever sobre si, tem a pretensão de fixar-se no tempo, no lugar social que ocupa, quer ser notado. Ainda segundo

Lejeune, uma narrativa autobiográfica sem autor não se encaixa no gênero literário de autobiografia, uma vez que a autobiografia conta uma história datada e situada.

A escrita de Boaventura Sousa situada no contexto religioso eclesial, propõe ao seu leitor o pacto/contrato de expor a mais “fidedigna” representação de sua vida e a exclusividade de informações sobre o início do movimento pentecostal no Maranhão. Para que houvesse a entrega do que foi proposto ao leitor, Boaventura aciona a memória na perspectiva de reconstruir o vivido, porém não em sua totalidade, pois o real é descontínuo Bourdieu (2006). As deformações, omissões, lapso de memória promovido pelos sucessivos retornos ao passado não invalidam o compromisso com o “real”. Bem como, a crítica de Pierre Bourdieu (2006) no texto *Ilusão Biográfica* não é descartada em nossa análise por concordamos com o autor ao afirmar que “[...] o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância... como a do efeito à causa eficiente ou final [...]” (BOURDIEU, 2006, p. 184). O sociólogo francês, sugere que a organização e totalidade da vida não segue uma linearidade de sucessivos eventos como narrado pelos sujeitos, no jogo de causa e efeito.

Concordamos com Leonor Arfuch (2010) ao afirmar que a ordenação da autobiografia, o conhecimento da própria vida não supõe a univocidade, pois há revisionismo da vida. Como já abordado, através da escrita, o sujeito se permite o vaivém da narração, faz o rascunho de si e ao selecionar o que vai ser colocado em definitivo na escrita de si. Ele sintetiza e apresenta o que lhe convém, as superações, os atos heróicos, as conquistas e se (re)inventa no melhor contexto que é do seu interesse. Em narração autobiográfica como a de Boaventura Sousa, o cerne de sua escrita possui característica de efeito moral e espiritual por se destinar ao público leitor que o tem como sujeito que guardou os preceitos da AD e possuía autoridade eclesial para fazer admoestações.

A narrativa apresentada por Boaventura Sousa (2016) é relevante para esse trabalho pela singularidade do sujeito que promoveu sua (auto) imagem como arquétipo de valores e modelo para membresia assembleiana. Além de colocar-se como remanescente dos anos iniciais do pentecostalismo no Brasil e no cenário maranhense. Como nos afirma Calligares, a escrita de vida requer que:

[...] o indivíduo (seja qual for sua relevância social) situe sua vida ou seu destino acima da comunidade a que ele pertence, na qual ele concebia sua vida não como uma confirmação das regras e dos legados da tradição, mas como uma aventura para

ser inventada. Ou ainda uma cultura na qual importe ao indivíduo durar, sobreviver pessoalmente na memória dos outros - o que acontece quando ele começa a viver sua morte como uma tragédia. (CALLIGARES, 1998, p. 46)

O fragmento acima descreve o contexto o qual Boaventura Sousa estava inserido, após ter desfrutado da longevidade, era do seu interesse e interesse da comunidade assembleiana que o fizessem viver por mais tempo, a “ilusão da eternidade” (ARFUCH, 2010). A escrita autobiográfica proporcionará maior duração do pastor na memória e no conhecimento histórico da AD, apesar de desfrutar de vida longa a morte de Boaventura foi concebida como perda irreparável por parte dos assembleianos.

De acordo com a análise que Lígia Pereira (2000) fez da obra “O pacto autobiográfico”, Lejeune (2014) aponta cinco elementos fundamentais a biografia e autobiografia dos grandes homens: a lenda familiar, o relato de vocação, o exemplo, a apologia e a pequena história. A escrita de Boaventura se estrutura nos elementos acima citados, houve a preocupação em elencar estes segmentos de sua trajetória de forma indissociável da vida religiosa.

A organização de sua autobiografia está dividida em quarenta e quatro capítulos sucintos, com recorrentes repetições, provavelmente não houve uma revisão do texto antes de sua impressão ou de maneira proposital para que não houvesse dúvidas sobre sua autenticidade, optaram por deixá-la exatamente da maneira que o pastor a escreveu. Assim como no pacto autobiográfico, a escrita de Boaventura é autodiegético, se comprometeu com seu leitor, sobretudo, seus familiares em falar sua verdade: “[...] tentarei transmitir este assunto com fidelidade a meus familiares [...]” (SOUSA, 2016, p. 15), linguagem em narrativa e assim como pressupõe Lejeune sobre a identidade do nome, o autor, Boaventura Sousa, possui seu nome estampado na capa do livro. Com ênfase no providencialismo divino, perseguições, preservação da doutrina assembleiana e triunfalismo da AD através da consolidação do patrimônio que construiu, Boaventura assim escreveu suas memórias.

1.4.1 Lenda familiar: todos a serviço do santo ministério

Em sua escrita autobiográfica, Boaventura Sousa já no primeiro capítulo, ao narrar sobre sua genealogia associa a expansão do pentecostalismo a família Sousa. O pastor assegurou em sua narrativa que por intermédio de sua família muitas vidas foram salvas, não apenas no Maranhão, mas em todos os estados brasileiros.

Boaventura Pereira Sousa nasceu na cidade de Araíoses (interior do Maranhão), filho de migrantes, com descendência portuguesa. Seu pai, José Romão de Sousa precisou migrar com a família várias vezes por diversas cidades do interior maranhense, foi ao estado do Piauí, mas por conta da seca retornou novamente ao Maranhão juntamente com sua primeira esposa, Maria Alves Pereira Sousa, com quem teve doze filhos foram: Luís, Firmo, Estevam, Pedro, Boaventura, Raimundo, Euzébio, João, Maria Filha, Antônio, José e Matilde. Em 1934, Maria Alves faleceu e José Romão casou-se novamente com Corina Alves de Oliveira com quem teve mais oito filhos: Bernarda, Maria, Francisca, José, Jonas, Elizeu, Daniel e Asenete.

Como já mencionado, Boaventura Sousa é proveniente de um lar católico, em seus relatos afirmou o seguinte: “[...] em minha genealogia ficou claro que meus pais eram católicos praticantes, de tal maneira que os mesmos ajudavam os padres na celebração das missas e atos litúrgicos [...]” (SOUSA, 2016, p. 101). Para dar mais destaque a proximidade que seus pais possuíam com o catolicismo, o pastor afirmou que sua casa servia de hospedagem aos padres e seus acompanhantes. Porém, conforme narrativa de Boaventura, seus pais foram os primeiros da família a converter-se ao pentecostalismo, deixou todos surpresos com este rito de passagem. Pois eram católicos assíduos e devido a disputa no campo religioso entre o catolicismo e o protestantismo, era impensável um católico convicto aderir ao principal oponente da fé Católica, o pentecostalismo, uma vez que José Romão de Sousa, segundo Boaventura, era apaixonado pelo catolicismo e odiava o protestantismo.

Nas palavras de Boaventura, um fator que contribuiu para a surpresa e admiração de todos em relação a conversão de seus pais foi que: “[...] eles não se comunicavam com protestante, e ainda os consideravam uma peste, mas repentinamente, passaram a ser protestante [...]” (SOUSA, 2016, p. 101). Sousa dá ênfase a conversão dos seus pais como algo que foge da compreensão humana, uma intervenção sobrenatural que mudou a ordem dos acontecimentos em torno de sua família, que o colocou no centro de um “projeto divino”, o qual o próprio Boaventura assegurou ter sido um milagre de Deus.

Quando houve a conversão de seus pais, Boaventura e o seu irmão Estevão estavam viajando para o estado de Santa Catarina a trabalho. Retornou ao Maranhão próximo a comemoração da Páscoa, período de muita representatividade religiosa ao catolicismo por aguardarem as festividades com entusiasmo desde a Quaresma. Nunes (2021) nos apresenta que o período quaresmal corresponde aos quarenta dias de penitência antes da páscoa onde se

comemora a ressurreição de Jesus Cristo no Cristianismo. No judaísmo a páscoa é rememorada associada a libertação do povo hebreu do Egito. Mas voltando ao trabalho de Adailton Nunes, a páscoa é de intensa prática pedagógica aos católicos, onde se busca a mortificação da carne, se “[...] luta para vencer a si mesmo, os desejos e as paixões [...]” (NUNES, 2021, p. 48). O autor apresenta ainda que:

[...] nos dias mais próximos à Páscoa, evitava-se barulhos excessivos, brigas entre irmãos e não desobediência aos pais. Qualquer estripulia, a criança poderia “virar bicho”; é o que se ouvia nas cidades do interior. Aos casais católicos, a relação sexual era evitada[...] no tempo de quarenta dias, a Igreja recomenda vigilância redobrada aos católicos e três práticas espirituais caracterizam o período. São elas: a do jejum, a da esmola e a da oração. (NUNES, 2021, p. 48-50)

Como toda festa religiosa, na páscoa há o momento litúrgico que para o homem religioso caracteriza o tempo sagrado (festas periódicas) e “[...] representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar no passado místico [...]” (ELIADE, 1992, p. 63). Essas práticas também eram reproduzidas por José Romão de Sousa, mas após se converter deixou de realizá-las, a mudança do hábito quaresmal causou estranhamento em Boaventura. O pastor relatou que: “[...] uma área que nos deixou muito admirados, foi o fato de antes, meus pais se abstinham de serviços, logo na quinta-feira “santa”, logo após o meio-dia. Mas agora, como protestantes trabalhavam direto sem mais obedecer a doutrina católica [...]” (SOUSA, 2016, p. 104). Esta foi uma das principais atitudes da família Sousa que despertou a atenção de Boaventura sobre a alteração de comportamento pós conversão.

A conversão de Romão de Sousa, segundo Sousa (2016), ocorreu após realização de leituras comparativas da bíblia em versões católica e protestante. Sousa (2016) afirma que após “profundo estudo” da bíblia houve a adesão ao pentecostalismo, porém este relato suscita a seguinte interrogação: qual a verticalização desse estudo, se o próprio Boaventura e o Estevam Ângelo de Souza afirmavam que quando se converteram possuíam baixíssimo grau de escolaridade? Desde muito cedo tiveram que trabalhar para ajudar na renda familiar de numerosos irmãos. Boaventura assegura em seu texto autobiográfico: “[...] meus pais, mesmo ainda quando católicos, *liam várias versões* bíblicas diariamente e explicavam o texto lido aos filhos [...]” (SOUSA, 2016, p. 104, grifo nosso). É surpreendente um trabalhador rural do interior maranhense ter praxe de leitura diária e coletiva da bíblia, sobretudo, em várias versões. Primeiro por conta de sua jornada exaustiva de árduo trabalho, a inacessibilidade a tantas versões da bíblia, as dificuldades financeiras para adquirir tantos exemplares, embora fossem doadas essas versões ou mesmo emprestadas, partimos do pressuposto que não era tão habitual encontrá-las.

Na historiografia sobre as primeiras décadas da AD é recorrente a abordagem sobre a leiga liderança assembleiana. Lyndon Santos (2006) apresenta que a expansão do pentecostalismo ocorreu por meio de pregadores leigos e a ênfase na figura do Espírito Santo como batizador e doador de dons tornava o homem sujeito a sua manifestação e secundário a compreensão do sagrado. Gedeon Alencar (2012) ao argumentar que sobre o ethos brasileiro assembleiano afirma que pentecostalismo sueco-brasileiro se espalhou acompanhado pela migração nordestina ocasionada pela estiagem e se implantou de maneira autóctone e anárquica, porque é uma igreja de liderança leiga. Marina Corrêa (2012) ao abordar sobre a venda de exemplares de livros vindos dos Estados Unidos, assegura que apenas os padres sabiam ler a bíblia em latim e a população leiga possuía pouca leitura. Elba Mota (2013) afirma que as comunidades pentecostais eram dispersas, pobres, longínquas e o inexpressivo número de pastores e missionários abriu espaço para uma liderança leiga e feminina.

Sob a ótica weberiana, a autêntica religiosidade congregacional para manter o poder precisa do leigo, leigo este, que muitas vezes não compreende o propósito de sua liderança, mas é responsável pelo processo de expansão da AD. Freston (1994) afirma que a AD se expandiu não somente pela ação planejada da liderança, mas também pelas mãos dos leigos, todos eram responsáveis por divulgar sua fé. “Sobretudo a imigração inter-regional. Cada crente que se desloca carrega consigo sua igreja para plantá-la no lugar onde vai morar. Não espera a construção de um templo, nem mesmo pela chegada de algum pastor [...]” (ROLIM, 1987, p. 46). A relação entre sacerdotes e leigos é importante para atuação das práticas religiosas impostas sem que haja questionamentos e sejam obedecidas. Embora para Weber (2000) o próprio profeta ético e exemplar, também é um leigo que apoia sua posição de poder sobre os grupos de adeptos leigos.

Os primeiros conversos passaram a participar ativamente dos cultos assembleianos por meio da oralidade, compartilhamento de testemunhos e os ensinamentos eram passados à membresia através de narrativas bíblicas. Conforme Cartaxo Rolim (1987):

[...] os crentes falam nos cultos, ora pregando, ora trazendo seus testemunhos. Prega o pastor, prega o diácono ou o simples crente. Não denotam medo de falar em público, mas entusiasmo. Ser letrado ou não ter instrução, não é exigência. O que conta mesmo é a fé, cuja mensagem cada um procura transmitir. De costume, a pregação não é doutrinária. É antes uma fala simples, repisando sempre o poder de Deus, descambando frequentemente para o moralismo. (ROLIM, 1987, p. 43-44).

O investimento na formação teológica de pastores ocorreu somente a partir do ano de 1959 com a criação do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD) sob direção do

casal missionário, João Kolenda Lemos e Ruth Dorris Lemos, em Pindamonhangaba (SP). Desde o ano de 1943 era debatido a instituição do ensino teológico formal para a liderança da AD, porém houve muitas resistências por parte dos pastores em aceitar a ministração das aulas, argumentavam que a Assembleia de Deus seria uma “fábrica de pastores” (ARAÚJO, 2014). Os pastores atribuíam ao Espírito Santo a responsabilidade de conceder o conhecimento necessário para preleções bíblicas. O reconhecimento do IBAD pela CGADB ocorreu somente em 1973, segundo Silas Daniel (2004) a comissão de Educação Religiosa se reuniu oito vezes no período de 1971-1973 até a definição do reconhecimento. Posterior a criação do IBAD, em 1961 na cidade do Rio de Janeiro, foi fundado o Instituto Bíblico Internacional (IBP) por Lawrence Olson, missionário norte americano, este foi reconhecido pela CGADB no ano de 1975.

No Maranhão, segundo Sousa (2016), até os anos iniciais da década 1970 não havia nenhum pastor nordestino com curso de Teologia. Na narrativa do pastor, o missionário norte americano John Peter Kolenda criou o curso Teológico Bereano (ARAÚJO, 2014) e o instituiu a partir da região Nordeste, com início no estado maranhense. Para que o curso pudesse começar, Boaventura e Estevam Sousa tiveram que persuadir os pastores contrários ao ensino formal de Teologia, muitos se recusavam em se inscreverem. Boaventura afirma que: “[...] não foi fácil começar, porque pra matricular 35 alunos, eu e Estevam visitamos 42 cidades. Em algumas fomos mal recebidos, pois pastores e igrejas diziam: receberemos os irmãos como pastores, mas não com essa história de cursos teológicos!” (SOUSA, 2016, p. 164). Nos relatos do pastor, quando enfim concluiu a viagem de recrutamento de pastores para fazer o curso, se sentiu desapontado em relação ao número de pessoas que conseguiram matricular. Contudo, ao comunicar para o missionário Kolenda a quantidade de inscritos foi parabenizado pelo norte americano, pois segundo Boaventura ele havia conseguido em pouco mais de dois meses o que J. P. Kolenda não havia conseguido em vinte anos com a Convenção Nacional. Desse modo, o curso Bereano foi fundado no Maranhão e através dele foi criado o primeiro núcleo da EETAD (Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus) no Nordeste.

Desta maneira, alguns pastores passaram a ter contato com ensino teológico. Porém, Boaventura Sousa garante em sua narrativa que sua família se converteu através de acelerados estudos em diversas versões bíblicas, sem precisar de evangelização, sob atuação direta do Espírito Santo que os persuadiu a conversão e causou espanto na comunidade católica. Destaca que houve lamento por parte dos católicos devido a nova adesão de fé de seus pais,

em razão de seus familiares serem um dos mais devotos da região³. Interessante perceber a maneira como Boaventura conduz sua narrativa ao falar sobre sua família, os pronomes de intensidade que emprega quando se refere aos seus, a mais dedicada, mais devota, os mais procurados pelos padres faz parte da construção de sua trajetória familiar “exemplar”. Weber (2000) afirma que: “[...] um profeta exemplar mostra um caminho de salvação mediante seu exemplo pessoal [...]” (WEBER, 2000, p. 311). A apresentação de uma família comprometida com a vida espiritual estabelece uma relação de confiança com a comunidade a qual pertencia, havia no imaginário assembleiano que a ética cristã de Boaventura tinha fundamento na família que o tornava um homem respeitável e de reputação “inquestionável”.

Na AD, Sousa (2016) afirma que sua família foi abençoada não somente com a salvação, mas também com o que ele denomina de “santo ministério”, no exercício do pastorado onde cita: José Romão de Sousa (pai), Estevam Ângelo de Sousa (irmão), João Pereira de Sousa (irmão), Raimundo Pereira de Sousa (irmão), Levi Câmara de Sousa (sobrinho), Semaías Saraiva Sousa (filho) Benjamin Sousa (Sobrinho), João Pereira de Sousa Filho (sobrinho), Jaziel Escócio Sousa, João Escócio Sousa, Paulo Farias de Vasconcelos, Telmí Farias de Vasconcelos e por fim, o próprio Boaventura Pereira Sousa, todos tiveram atuação pastoral dentro da AD. Apesar do número de familiares em cargo eclesiástico assembleiano, a família Sousa não teve força suficiente para desenvolver uma dinastia no Maranhão. Na capital, São Luís, após a morte de Estevam Ângelo de Sousa quem o substituiu foi José Guimarães Coutinho. Em Bacabal, o sucessor de Boaventura Sousa foi Francisco Raposo. Diferente da AD do Brás que formou dentro do Ministério de Madureira a dinastia dos Ferreira, bem como os Costa no comando da CGADB, os Alencar na AD de Bom Retiro, Malafaia na AD Ministério Vitória em Cristo (CORREIA, 2012; FAJARDO, 2012).

A família Sousa como precursora do ministério pastoral assembleiano, sobretudo, por ser herdeira do legado de Estevam que com sua morte abrupta e de grande comoção não conseguiram sucedê-lo na liderança que estava consolidada não somente como pastor presidente da AD em São Luís, mas como presidente da CEADema e fundador da rádio Esperança FM. Assim como os descendentes de Boaventura não o sucederam, somente um dos seus filhos seguiu o pastorado, Semaías Saraiva Sousa, foi indicado e autorizado por

³ A família de Boaventura Sousa quando se converteu ao pentecostalismo residia na cidade de Magalhães de Almeida, localizada na microrregião do Baixo Parnaíba maranhense, leste do Maranhão. Fica a 408 Km da capital, São Luís. De acordo com dados do IBGE: www.ibge.gov.br. Acesso em: out. 2021.

Boaventura, embora não estivesse mais no comando da Igreja, pois já havia sido substituído pelo Pr. Raposo.

Os dois pastores presidentes Boaventura e Estevão, o primeiro na AD de Bacabal e o segundo em São Luís tiveram liderança carismática, duradoura, forte contribuição no pentecostalismo maranhense e ambos saíram do poder sem deixar um sucessor de sua linhagem. Consideramos relevante utilizar a classificação de Marina Correa (2014), embora a autora esteja se referindo aos ministérios autônomos⁴, o quarto tipo de autonomia que a autora denomina de *autonomia por disputa familiar* contempla nosso trabalho, pois segundo Corrêa (2014) esta ocorre “[...] quando o pastor-presidente morre; ou, mesmo em vida, quer impor seu filho ou genro à liderança da igreja [...]” (CORREA, 2014, p. 255). O que não ocorreu com os irmãos Sousa que por mais influência local que tivessem para a prática do caudilhismo abordada por Freston (1994), o trabalho dos pastores mencionados têm em comum a gerontocracia, o que motivou a jubilação (aposentadoria) voluntária de Boaventura por entender que não possuía mais condições físicas para se manter à frente da AD.

1.4.2 Um homem vocacionado e convicto de sua missão

Boaventura Sousa apresenta em sua narrativa autobiográfica, o início de sua vida ministerial. O Pr. Boaventura não expôs suas qualidades como pastor, mas através do não dito é perceptível as adjetivações que atribuiu a si, em alguns momentos ele narrou suas insatisfações com os pastores da atualidade e apontou como lidava com algumas situações enquanto estava no exercício eclesiástico. Na sua visão enfatizou que um pastor não pode almejar o pastorado se ele possuir: falta de humildade para servir, falta de vocação e visar apenas posição social.

Sobre a falta de humildade em servir, para posteriormente ascender ao cargo de pastor, Boaventura afirma que muitos aspirantes ao pastorado não começam nem como auxiliar de pastor e já querem ser pastores titulares. Em seguida afirma que na década de 1940, temporalidade em que começou sua vida ministerial, os obreiros ajudavam os pastores na evangelização, visitas aos membros e se auto referência como exemplo, pois no início de sua vida pastoral foi auxiliar de professor de Escola Bíblica Dominical (EBD), realizou visitas em

⁴ Marina Aparecida Corrêa aponta que os ministérios autônomos se utilizam da sombra da tradição da sigla AD para se emanciparem e trabalham com a ideia de continuidade para não perder a visibilidade institucional. Dentre os inúmeros ministérios considerados autônomos é possível destacar: AD Ministério de Madureira, AD de Bom Retiro, AD Vitória em Cristo, AD Fogo Santo, AD Ministério Boas Novas etc. Os quatro tipos de autonomia ministerial sugerido por Correa são: autonomia por expansão; autonomia por disputa de campo; autonomia por disputa teológica; autonomia por disputa familiar.

diversas congregações distantes, assegurou ter gozo em estar próximos a pastores experientes que transmitiam conhecimentos e visões sobre o serviço pastoral. Seguindo as argumentações de Boaventura Sousa é pertinente a colocação de Paul Freston (1994) quando aponta a hierarquia na AD para enfim chegar ao cargo de pastor:

[...] tradicionalmente, um homem chega a ser pastor na AD, vencendo uma série de estágios de aprendizado: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor. [...] O pastor é apenas aquele que chegou ao topo da escada, mas não se distancia do membro comum por uma formação especializada. A escada de aprendizado é um forte meio de controle social nas mãos dos pastores-presidentes. (FRESTON, 1994, p. 87).

O sociólogo apresenta que embora o membro alcançasse o topo da escada, se tornando pastor, ele não se diferencia da membresia por não possuir uma educação formal, era mais um leigo liderando outras dezenas de leigos e ambos eram controlados pelo pastor presidente. Porém, como vimos, o pastor presidente em alguns casos estava inserido na dinâmica liderança leiga, o pastorado de Boaventura em Bacabal é exemplo de um leigo que chegou no topo da escada mencionada por Freston (1994), obteve obediência e controle social dos demais, mas não possuía conhecimento verticalizado em Teologia para se diferenciar deles. Correa (2014) afirma que o pastor presidente recebe na AD configuração patriarcal, há autoridade de mando sobre as pessoas e gera submissão.

Para Sousa (2016) o pastorado era considerado um serviço no qual o pastor seria o primeiro a se dispor em servir a membresia, que não havia vocação nos pastores atuais, pois estes queriam apenas serem servidos. O historiador Martin Dreher (2015, p. 113) sugere que “[...] aqueles que anunciam a Palavra e administram os sacramentos são servidores de Deus e dos homens. Todo o seu “poder” consiste em servir [...]”. Realidade que destoa dos pastores assembleianos, em virtude de estarem cada vez mais inacessíveis, muito bem assessorados, com agendas para grandes eventos, poucos são os atendimentos à membresia e a programação local de sua congregação que em maior parte do tempo ficam sob a responsabilidade de seus auxiliares. São casos semelhantes a estes que Boaventura Sousa afirmava que não havia vocação, mas busca por *status* sociais.

Para legitimar que havia vocação em si, Sousa (2016, p. 108) afirmou que foi no auge das perseguições que “aceitou” a salvação, ou seja, se converteu. O pastor tem uma narrativa ufanista ao relatar sua conversão, “na noite em que aceitei a Jesus como meu salvador, alguns irmãos sofreram perseguições, mas quanto mais sofriam, mas Deus aumentava o número de salvos [...]”. O discurso de perseguição na AD é recorrente desde os fundadores, Gunnar

Vingren e Daniel Berg, porém o que Boaventura (2016) apontava é que perseguição desde sua conversão se caracterizou como uma retaliação do “inimigo”, diabo, para impedir sua confissão de fé e o impossibilitasse de realizar o propósito para qual foi vocacionado, ser pastor.

Interessante destacar que, embora estivesse uma força sobrenatural trabalhando para que as conversões não ocorressem, ela não foi forte o suficiente e teve efeito contrário, porque mais pessoas se converteram e o número de salvos aumentavam segundo relato do pastor. A necessidade de salvação conforme Weber (2000), é uma compensação futura onde um herói, ou um deus virá algum dia para colocar seus adeptos como merecem no mundo. Segundo a escatologia messiânica apresentada por Weber (2000), Deus responsabilizará a todos, a consequência para os pecadores será o sofrimento e aos piedosos será ver o reino messiânico. A carência de salvação do homem emerge não somente por uma questão religiosa, mas por conta de esferas sociais, econômicas e culturais, o benefício da salvação seria um alento àqueles que de alguma forma são negativamente privilegiados, uma vez que as camadas positivamente privilegiadas dificilmente sentem por si a necessidade de salvação (WEBER, 2000). “Toda necessidade de salvação é uma expressão de ‘indigência’ e, por isso, a opressão social ou econômica é, por sua própria natureza, uma fonte muito eficiente de sua gênese, ainda que de modo algum seja a única [...]” (WEBER, 2000, p. 335).

Desta forma, a salvação como único modo de viver as promessas de uma vida feliz é deslocada para dimensão supramundana (OLIVEIRA, 2009). Depois da salvação, o segundo passo é entender o propósito dela aqui no plano terreno, Boaventura afirma que compreendeu seu chamado para a evangelização de almas e assistência espiritual aos novos convertidos. Assegurou ter profundo amor pelas vidas que estavam perdidas precisando de salvação, sua convicção era que havia recebido a vocação de anunciar a mensagem salvífica.

O conceito de vocação apresentado por Weber, a partir da concepção de Lutero no sentido tradicionalista religioso, produto da Reforma, possui conotação de uma tarefa confiada por Deus, engloba a abstenção dos deveres deste mundo e obrigações temporais concebidas como sinônimo de egoísmo para abordar vocação numa perspectiva externa de amor fraterno (WEBER, 2001). O teólogo Gustav Wingren ao analisar o conceito de vocação segundo Lutero, afirma que: “[...] a vocação é uma convocatória para trabalhar em favor do próximo [...]” (WINGREN, 2006, p. 87). Desta forma, para fundamentarmos a maneira como

Boaventura Sousa se colocou como um homem vocacionado para o serviço eclesiástico e de profundo amor pelos “perdidos” utilizaremos este conceito.

Boaventura narra em sua autobiografia: “[...] eu sentia tanto amor pelos pecadores que às vezes não podia dormir. Orando e meditando na situação de um pecador que morre sem ouvir o evangelho [...]” (WINGREN, 2006, p. 87). Ao pastor, o amor é o mediador de sua ação em prol dos pecadores, o desejo de evangelizar para que todos fossem alcançados pela salvação e não perecessem (morressem) sem que antes ouvisse falar sobre, foi anterior a sua ordenação pastoral. Sousa (2016) afirmou que havia recebido uma profecia que Deus o enviara a lugares distantes para levar o evangelho às pessoas que estavam precisando de ajuda. Este não é um acontecimento raro dentro da AD, o receber profecias, pois a profecia é um elemento que compõe o mito fundante da AD, onde os já mencionados missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, receberam a profecia que determinava o Pará como destino para que pudessem evangelizar.

É relevante pontuar como as narrativas de líderes, pastores, membros assembleianos se conectam a partir de símbolos, revelações, visões que construíram a fundação da Assembleia de Deus no Brasil. Da mesma maneira como os suecos narraram em seus diários que através de uma profecia eles vieram anunciar as “boas novas” aos perdidos. Boaventura Sousa (2016) afirmou em sua autobiografia que a predição de seu pastor, José Cândido, também se cumpriu em sua vida confirmando a (con)vocação que lhe foi ordenada. Ambos foram conduzidos por uma experiência sobrenatural, a influência das ações e vivências dos missionários fazem parte da memória coletiva e individual assembleiana, não é descartado que o imbricamento dessas memórias possam promover uma conexão com suas narrativas e por fim, confundir as memórias dos membros com a dos missionários, uma vez que são vistos pela membresia como um exemplo a ser seguido. O próprio Boaventura afirmou em sua narrativa autobiográfica que muitos pastores da atualidade imitam os pioneiros nas ações evangelísticas, seguem as pegadas dos pioneiros para o crescimento da Igreja.

Interessante destacar que Boaventura Sousa não se colocava como um predestinado ao ministério pastoral. Embora Sousa apresentou em sua escrita autobiográfica sobre a profecia, predição que ele haveria de trabalhar evangelizando pessoas, Boaventura se coloca com um vocacionado. Pois dentro da AD é contestado corrente teológica baseada no Calvinismo pautada na predestinação, como abordado em capítulo posterior. A AD defende que o serviço da evangelização é uma responsabilidade individual e coletiva de cada membro e que a

omissão em anunciar o evangelho será cobrado no julgamento final. A orientação teológica da AD é pautada no Arminianismo que prega a salvação para todos.

A referência aos pioneiros assembleianos é frequente na autobiografia de Boaventura Sousa, bem como a modéstia de assegurar que foi seus contemporâneos, porém não se coloca como tal. Fez a seguinte afirmação: “[...] não sou pioneiro, apenas fui um de seus contemporâneos por alguns tempos e participantes de muitas bênçãos de Deus concedidas a eles. Comecei a servir a igreja em um tempo muito próximo dos mais antigos pastores pentecostais brasileiro [...]” (WINGREN, 2006, p. 99) . Em outro momento afirmou: “[...] não sou pioneiro, mas vi e lutei com todas as dificuldades. Não sou pioneiro da primeira geração, mas carreguei um pouco da aflição de Cristo [...]” (SOUSA, 2016, p. 234).

Relatou eventos que esteve com Daniel Berg, Cícero Canuto de Lima, Túlio de Barros, mas não há detalhes desses encontros com datas, lugares, pautas discutidas, identificações desses eventos, são lapsos de memória que ao mesmo tempo soam como autênticas, nos fazem supor que se trata uma memória adquirida através da leitura do jornal *Mensageiro da Paz*, por exemplo. As narrativas do Pr. Boaventura sobre os pioneiros em nada diverge sobre o que a história oficial da AD relata, sobretudo, o MP. Como assinante do impresso MP e antes de se tornar assinante, recebia fotocópia do impresso oficial da AD e informações sobre o que estava ocorrendo nas ADs através de cartas que recebia do pastor Francisco Assis Gomes, este foi articulador dos periódicos da CPAD, escreveu diversos artigos ao MP e a revista A Seara. Além de possuir forte atuação nas comissões das assembleias gerais da CGADB.

Nas narrativas de Boaventura, não há relato de que esteve presente nas assembleias gerais da CGADB, nos MP analisados de 1963 a 1996 não há qualquer menção de Boaventura Sousa nas Convenções Gerais. O localizamos em eventos realizados em São Luís com tímida participação, seu nome é relacionado a oração de abertura ou leitura bíblica. Em Bacabal, os eventos que foram publicados no MP apresentam Boaventura apenas como o pastor responsável pela Igreja. Se realmente esteve presente nas Convenções Gerais, o próprio autor deixou de registrar nas suas memórias autobiográficas.

Provavelmente as memórias sobre eventos de visibilidades nacionais e internacionais não foram consideradas por Boaventura Sousa relevante para registrar, ou, faria parte do volume II de sua autobiografia. Uma vez que se comprometeu a contar eventos que a história não divulgou. Nos seus relatos autobiográficos não há menção de viagem para fora do país em

eventos ou mesmo em outro estado, mas na memória fotográfica de sua autobiografia há registro do pastor em viagem a Israel em 1995 em companhia de Estevam Ângelo de Sousa, porém não tem referência se foi uma viagem em evento pela AD ou em passeio. Há registro de Boaventura recebendo título de cidadão bacabalense, honraria municipal de reconhecimento por sua relevância religiosa para a cidade que também não foi mencionada por Boaventura.

O pastor buscou se apresentar como um alguém que se disponibilizou em cuidar, ensinar, aprender, ouvir seus liderados e mostrou-se preocupado com os chamados desviados, aqueles que por algum motivo se afastaram da Igreja. A estes Sousa (2016) endereçou uma carta intitulada de: *prezado(a) irmã(o) fraco, desviado ou caído, o Senhor tenha misericórdia de ti*. A carta contém inúmeras referências bíblicas, onde o pastor afirma o desejo de conscientizar o “desviado” em pontos que o ajudarão na vida espiritual e destaca que Deus ama o pecador, Cristo resgatou sua alma, o Espírito Santo o santificou e o renovou. Após mensagem introdutória o pastor suscita algumas reflexões ao seu destinatário como: por que não conservaste naquela posição? O irmão sabia que a concupiscência e o descuido te fizeram uma vítima? Desta forma Boaventura buscava promover encorajamento aos que haviam se afastado da igreja para se reintegrar.

Como pastor, Boaventura buscou cumprir seu ofício com zelo pela doutrina e uma vida espiritual de entrega em cuidar de sua membresia para que cada um continuasse ligado à igreja. Ainda em sua carta aos desviados procurou persuadi-los a voltar para igreja argumentando que o lugar do fiel estava vazio, que os pecados serão perdoados e esquecidos por Deus. Elenca a batalha entre Deus e Satanás para impedir a salvação da alma dos afastados da congregação. Ao final da carta assegurava que aquele poderia ser seu último aviso, mas que Deus poderia usar outras pessoas para admoestar o membro novamente, porém pontuava que a salvação dependia somente do fiel que precisava fazer um esforço para vencer os obstáculos, pois forças ocultas o impediam de se reconciliar com o sagrado e motivava da seguinte forma: “esforça-te, vence os obstáculos e apodera-te da salvação”. Em despedida afirmava que estava ansioso pela salvação e que era o amigo que sempre orava pelo seu destinatário.

Nas suas narrativas biográficas, Sousa (2016) relata a necessidade de visitas nos lares dos seus liderados, onde havia fracos na fé, os enfermos, os novos convertidos todos precisavam de assistência pastoral para que fossem fortalecidos e “alimentados”

espiritualmente. Desta forma, Sousa (2016) assegurou que só penetravam na área pastoral quem fosse chamado, vocacionado e que demonstrasse amor aos pecadores. Mark Coppenger (2007) apresenta que “[...] é dever do pastor amar, resgatar, cuidar, guiar, vigiar e guardar sua ovelha. Não é dever do pastor impressionar outros pastores ou ganhar aclamação [...]” (COPPENGER, 2007, p. 57). Boaventura era contrário à profissionalização do ministério pastoral, na visão do pastor ninguém poderia aderir ao ministério por questões monetárias, mas por apreço a obra de Deus.

Embora o pastor dê ênfase a vocação como evangelizador de almas, desbravador do pentecostalismo, construtor e ampliador de templos por cidades maranhenses, suas narrativas não o colocam junto a cúpula da Igreja com poder de decisão, os que determinam, que impõem, *status* sociais. Boaventura se coloca como servo da membresia e dependente da benevolência de Deus. Um homem que buscou na simplicidade ser exemplo aos demais e criticou os que usaram o pastorado como promoção financeira.

1.4.3 O exemplo

Na sua autobiografia Boaventura dedica um capítulo para pontuar exemplos de pastores que o inspiraram devido a sua entrega ao serviço da igreja. Nos seus relatos os pastores da primeira geração da Assembleia de Deus por serem destemidos na evangelização, por enfrentarem as ameaças e perseguições, por não se deixarem deter diante das retaliações. Segundo o pastor, os homens citados por ele são responsáveis por impulsionarem o desenvolvimento do pentecostalismo no Maranhão e servem de referência para geração futura.

O pastor destaca como exemplo: João Jonas, missionário húngaro que atuou em parte do Maranhão, Piauí, Goiás, na cidade de Bacabal contribuiu na evangelização e na consagração do pastor Francisco Assis Gomes, primeiro pastor da AD bacabalense (ALMEIDA, 2017). Francisco Moises Garcia pastor atuante no interior maranhense, saiu da Igreja Presbiteriana Independente (IPI) e passou para AD. Para Boaventura estes eram modelos a serem seguidos por viajarem centenas de quilômetros evangelizando e cuidando de novos convertidos como se fossem seus familiares. O já mencionado Túlio Barros, Alcebíades Vasconcelos, Otoniel Alves de Alencar, esses dois últimos atuaram no Maranhão, também foram elencados por Boaventura. Vários outros nomes são citados como exemplo que na visão de Boaventura se fossem seguidos pela nova leva de pastores o Brasil e outros países já estariam evangelizados e a igreja preparada para o arrebatamento.

O discurso do retorno de Cristo para buscar sua Igreja e levar para si foi recorrente na narrativa do pastor, bem como a perseguição. Esta última é praticamente o cerne da autobiografia, assim como o batismo com o Espírito Santo que é um dos pilares da AD. A Igreja Primitiva, também é concebida como “[...] inspiração para o pentecostalismo, onde os mártires e as perseguições eram positivados e os motivavam a prosseguir na sua caminhada de fé e no crescimento espiritual [...]” (ALMEIDA, 2017, p. 23). Segundo Francisco Barbosa (2007), a AD resolveu ler toda a ridicularização e perseguição, transformando-a na luta do bem contra o mal e cresceu a partir daí. Elba Mota (2013) afirma que os assembleianos foram vítimas de perseguições tanto da Igreja Católica como das protestantes históricas.

Alencar (2000) denomina a ênfase da AD na perseguição de *teodicéia do sofrimento* o qual transformam o escárnio em privilégio. Sousa (2016) assegura que a Igreja nasceu e cresceu em perseguição, mas que isso não impediu o progresso da AD, teve efeito rebote. O pastor associa a perseguição da AD às igrejas ao período Inquisitorial e no tempo dos imperadores como: Nero (64-68 d.C.), Domiciano (81-96 d.C.), Trajano (98-117), Décio (249-251) que perseguiram os cristãos. Segundo relatos bíblicos sobretudo as cartas paulinas, eram lançados para serem devorados por feras, queimados, todavia a Igreja não foi destruída. O exemplo do Apóstolo Paulo é bem emblemático aos assembleianos e citado por Sousa (2016) como milagre e modelo de perseverança. Antes como perseguidor da Igreja, porém não conseguiu destruir aos cristãos, foi transformado em evangelizador e segundo Boaventura, promoveu uma “explosão” evangelística. A perseguição é imaginada como força que impulsionou a expansão da Assembleia de Deus, como ação do mal em deter a “mensagem salvadora” para que todos fossem condenados ao inferno.

Ainda conforme Alencar (2000) que faz a seguinte reflexão:

[...] quem está perseguindo a mensagem pentecostal hoje? Os pastores formados em seminários (batistas, presbiterianos, etc.), os religiosos oficiais (na Suécia, os luteranos; no Brasil, os padres), os sábios (jornalistas), os poderosos (fazendeiros), os pecadores (bêbados, arruaceiros) [...]. (ALENCAR, 2000, p. 77).

Alencar pontua estes sujeitos como responsáveis por perseguirem os membros da AD nos seus anos iniciais e no discurso assembleiano somente os autênticos cristãos suportam as perseguições.

Sousa (2016) menciona que a paixão pelas almas fazia os pioneiros da AD selarem o seu testemunho de fé com o próprio sangue, além de muito jejum e oração para que houvesse uma resposta divina promovendo a conversão dos “pecadores” e conforme o pastor, Deus

usava até as pessoas não evangélicas para ajudar os pregadores para que todos ouvissem a mensagem, o efeito reverso como já mencionado. Boaventura cita casos de pastores que foram ameaçados e perseguidos como: Otaviano José dos Reis que teria sido açoitado durante oito horas em Bonsucesso, com quem Boaventura teria sido preso e também agredido, mas segundo o pastor o resultado desses atos é a sede da Assembleia de Deus na cidade. O segundo caso em Bonsucesso foi de um homem denominado por Boaventura de irmão Simeão que teve todos os seus pertences queimados, conforme narrativa do pastor durante as retaliações Simeão dizia: “[...] se Jesus sofreu por mim, porque não sofrer por seu povo?” (SOUSA, 2016, p. 110).

A passividade em passar por situações que fazem alusão aos mártires dos primeiros séculos do Cristianismo é que potencializa a síndrome do perseguido mencionada por Alencar (2012). O autor aborda que ser membro da Igreja AD é ser igreja em todas as suas implicações, de passar pelas adversidades e sofrer por uma causa que na visão de seus membros não traria benefício algum no plano terreno, porém havia a esperança de uma recompensa no plano espiritual. Ao apresentar as diversas dificuldades enfrentadas pelos pastores, Boaventura relatou que ovos podres, urina, artigos putrefatos, vísceras de galinha e pedras eram lançados contra os pastores.

Sousa (2016) apresenta na sua autobiografia sua primeira experiência com o que ele afirma ser perseguição:

[...] em Juçatuba, município de Icatú, onde fui recepcionado com ovos podres e os recepcionistas eram 800 homens armados e um deles tentou tirar minha vida com um falcão Collins. Esta foi a primeira tentativa contra mim e a segunda foi mais perigosa, mas Deus me guardou, porque quando o chefe do grupo penetrou no salão com um revólver para nos atingir, fui obrigado a deixar o púlpito, fechar o colarinho da camisa dele, detonar pra cima a munição do revólver e jogar fora a faca dele e o convidei para ouvir a palavra de Deus[...] O resultado é que temos uma sede da Assembleia de Deus naquele povoado. (SOUSA, 2016, p. 197).

Na narrativa de Sousa (2016) o motivo de centenas de homens para recepcioná-los ocorreu após orientação do padre local que teria afirmado que no momento o qual Boaventura estivesse realizando o culto, um bode preto comeria os católicos, bem como especulações sobre a bíblia que os assembleianos utilizavam e era identificados como crentes, o chamado livro de capa preta, era visto como mágico que fazia as pessoas a abandonar a fé católica e se converter ao protestantismo.

Sobre este episódio Sousa (2016) afirmou que nenhuma estratégia para persuadir os ouvintes à conversão durante o culto funcionou, pois todos temiam ser devorados pelo tal

bode preto. Sousa (2016) relata o enfrentamento de luta corporal para se desvencilhar de arma branca, arma de fogo e de espancamento coletivo de 800 homens armados termina em livramento, conversão e em testemunho para os demais membros. Livramentos aos perseguidos, conversão dos perseguidores e o testemunho para contar o êxito da evangelização. Embora nesse relato seja visível a contradição, pois no primeiro momento o pastor Boaventura afirma que não houve conversão e posteriormente pontua ter ocorrido. Provavelmente a afirmação positiva ele quis se referir ao período em que atuou na cidade de Icatu, mas o pastor frequentemente reitera que o sofrimento vivido “vale a pena” e que toda luta a que foram submetidos será transformada no galardão vindouro e eterno.

Além da violência física, o pastor relatou também dificuldades em alugar imóvel para morar com sua família quando era transferido para outros lugares. Boaventura foi migrante desde a infância primeiro por causa da seca, jovem precisou migrar por causa de trabalho e posteriormente, por causa dos constantes deslocamentos (transferência) que os pastores viviam. Ao se deslocarem às cidades que eram designados, os pastores eram alojados em casas pastorais, geralmente construídas no mesmo terreno que o templo das ADs, porém nem todas as cidades possuíam residências prontas para receberem o pastor e sua família. Quando não havia moradia, o eclesiástico alugava um imóvel, mas de acordo com a narrativa de Boaventura em algumas cidades maranhenses não era tão fácil aceitar um morador pentecostal, principalmente se o proprietário do imóvel fosse católico. O que fazia com que alguns pastores fossem morar em casa abandonadas.

O pastor (SOUSA, 2016) relata que em certa ocasião fez uma viagem em visita aos seus membros e deixou sua família residindo em uma casa, mas quando retornou a encontrou em outra moradia, pois os donos do imóvel souberam que sua família era crente e pediu para que o desocupasse. Este episódio serviu para que Boaventura construísse não apenas templo, mas casas pastorais para que segundo ele, outros pastores não passassem pela mesma situação com seus filhos e esposa. Na cidade de Caxias, Boaventura construiu a primeira casa pastoral, assim como em Mata Roma, Timon e Paulino Neves. Muitas casas pastorais não tinham condições estruturais para receber os pastores e seus familiares, como exemplo, Sousa (2016) cita a casa pastoral em Redenção (atualmente Mata Roma), “[...] a primeira casa que morei, era coberta de palha, as paredes de palhas, as portas de palhas, no inverno era um açude [...]” (SOUSA, 2016, p. 203). É notório que as construções e reformas realizadas por Boaventura em templos e casas pastorais foram executadas por conta da necessidade que permeava sua vivência familiar e pastoral.

Ao abordar sobre os templos construídos e ampliados, Boaventura Sousa enfatiza o templo central da AD em Bacabal por sua relevância em seu ministério pastoral, por ser o maior da cidade e pelo expressivo número⁵ de fiéis que a AD tem dentro do município Bacabalense, porém essas construções de templo não se limitam apenas a este município. Boaventura realizou reformas e ampliações nos templos de Magalhães de Almeida, Caxias e Paulino Neves.

Os relatos das dificuldades enfrentadas por Boaventura abrangem a educação dos filhos e a relação com os pequenos comerciantes nas cidades maranhenses. Sousa (2016) afirma que seus filhos foram impedidos de estudarem em escolas públicas por serem evangélicos, e assegurou que a maioria dos filhos dos pioneiros não tiveram acesso à escola, pois os pais não tinham condições de pagar escola privada. Comerciantes se negavam a venderem seus produtos, Sousa (2016, p. 234) afirmou que “[...] nem leite para alimentar os meus filhos eu podia [...]”. Sousa (2016) menciona que dos dez filhos que teve, apenas um fez o ensino médio por consequência da má alimentação. A aversão que o pastor apresenta por parte dos católicos aos assembleianos indica ser contínuos e diversos os embates, seja de forma sutil ou escancarada, da negação a venda de leite a violência física, ameaça de morte.

Não diferente, durante as viagens evangelísticas o pastor relata que em algumas regiões eram impedidos de comprar alimento e consumia o básico que possuía, café e farinha:

[...] quem gostaria de evangelizar muitos lugares durante 29 dias almoçando café com farinha e jantando farinha com café? Aconteceu comigo no município de

⁵ Segundo dados do IBGE- Índice Brasileiro de Geografia e Estatística, o último Censo, 2010, aponta que a religião predominante na cidade de Bacabal é a Igreja Católica Apostólica Romana com 73.280 fiéis, com variedade de igrejas como: Catedral Santa Terezinha, matriz de São Francisco das Chagas, igreja de Sant’Ana e outras capelas. As igrejas evangélicas correspondem ao número de 17.822 segundo IBGE, porém neste quantitativo estão incluídas todas as denominações evangélicas: Batistas, Presbiteriana do Brasil, IURD, IMPD, Adventista do Sétimo Dia e AD. Mas o site da prefeitura de Bacabal, www.bacabal.ma.gov.br, destaca o culto evangélico praticado pela AD tanto no templo sede (Templo Central) como nas denominadas congregações (filiais) em praticamente todos os bairros da cidade, ou seja, por a AD ter maior adesão entre os bacabalenses os dados municipais a destacam como principal segmento evangélico, esse destaque pode ser tendencioso por conta do atual prefeito, Edvan Brandão, ser membro da AD, bem como alguns vereadores. As religiões de matriz africana não são citadas nos dados do IBGE, embora essas sejam presentes na cidade, sobretudo o Terecô. Conforme Fladney Freire (2018), a Associação dos Umbandistas em Bacabal realizou um levantamento do número de terreiros de Terecô no município em 2012, totalizando 46 Terreiros de Terecô e 1 Terreiro de Mina apenas na sede. Ao procurar a Secretaria Municipal de Cultura, Freire não encontrou nenhum registro sobre esse segmento religioso, assim como não é encontrado nos dados do IBGE. Provavelmente seja o que Freire sugere, que ao serem questionados sobre a religião os entrevistados se identificaram como católicos na pesquisa, o que legitima a porcentagem de mais de 70% dos bacabalenses como católicos. Apenas 48 pessoas afirmaram ser espírita ao IBGE. Conforme dados da AD de Bacabal apresentado no site da igreja, esta denominação totaliza 15.000 assembleianos, 10.000 membros, ou seja, convertidos que foram batizados em águas, 5.000 congregados que ainda não desceram as águas para o batismo, distribuídos em 80 congregação, mas o site não especifica se esse número corresponde somente a sede do município ou inclui os povoados também. Disponível em: adbacabal.com.br; cidades.ibge.gov.br; www.outrostempos.uema.br. Acesso em: 12 out. 2021.

Humberto de Campos, no tempo que pastores não tinham direito de comprar alimentos em algumas regiões. Aquele foi um período de muitas bênçãos, salvação de pecadores, cura divina e batismo com o Espírito Santo, acompanhados da manifestação de dons espirituais. Eu e meu auxiliar João Ribeiro sofremos fome e sede durante 29 dias, o amor e a boa vontade dos irmãos uniram-se no trabalho de evangelismo e estudos bíblicos, fazendo com que o resultado fosse de bênçãos de Deus, com salvação de dezenas de pecadores. (SOUSA, 2016, p. 63-64).

Interessante que na narrativa de Boaventura Sousa (2016), ele apresenta os episódios de privações alimentar ou mesmo de fome, mas logo em seguida afirma que era um “período de muitas bênçãos”, há um paradoxo na fala do pastor, fome e bênçãos parece não ser uma combinação coerente. Porém, podemos compreender a narrativa do pastor no sentido espiritual, onde ele tenta argumentar que fome e sede durante vinte e nove dias se tornaram irrelevantes diante do resultado alcançado na viagem evangelística, cujo principal objetivo era a “salvação de almas”, conversão de pessoas ao pentecostalismo. É notório também que o pastor frisa: cura divina, batismo com o Espírito Santo e manifestação dos dons espirituais, estes são considerados elementos básicos que caracterizam os assembleianos. Boaventura como eclesiástico que buscou se apresentar consoante ao que a AD prega e defende, menciona com frequência esses elementos que são particularidades da AD em sua autobiografia.

Sousa (2016) afirma que enfrentou dificuldades até para realizar batismo em águas, este que promove a integração do congregado no rol de membros da AD, nos anos iniciais da AD era realizado em praias ou rios. Atualmente alguns templos já possuem piscinas ou tanques batismais para reservar o momento somente a sua membresia, mas segundo Sousa (2016) este já foi motivo de conflito, como o caso na cidade de Coroatá. “Eu efetuei batismo no município de Coroatá, em águas tão imundas, que, depois do batismo precisava passar álcool no corpo para tirar as sanguessugas que aderiam ao corpo das pessoas que entravam na água [...]” (SOUSA, 2016, p. 193). O *simbolismo batismal* que Mircea Eliade (1992) apresenta por imersão, também se caracteriza no rito de passagem e representa a morte e (re)nascimento de um novo homem que ao emergir faz a demonstração pública de uma “nova vida”. “O ‘velho homem’ por imersão na água dá nascimento a um novo ser regenerado.” (ELIADE, 1992, p. 112). Conforme o pastor, o padre da cidade assegurava aos moradores locais que o rio ou açude onde fosse realizado o batismo em águas iriam secar ou apodrecer, devido essa afirmação muitos proprietários não permitiam o batismo em sua propriedade.

Nas viagens missionárias, ao chegar em cidades e povoados que já possuíam assembleianos a hospedagem dos pastores e de seus auxiliares estavam garantidas, caso contrário, Sousa (2016) relata que pastores se alimentavam de frutas do mato e dormia

próximo a cemitérios, pois lhes ofereciam maior segurança. Além da resistência dos habitantes locais em ouvir a mensagem evangelística que os pastores se dispuseram a entregar para que houvesse conversão, havia também que desconstruir a fala ⁶dos padres locais sobre os assembleianos para que os fiéis pertencentes ao catolicismo não os ouvissem ou os recebessem em seus lares. Sousa (2016) afirma que:

[...] existiam lugares onde ninguém podia pronunciar o vocábulo culto sem se expor ao perigo de ser apedrejado[...] nesses lugares substituímos o vocábulo culto por reuniões de louvores ou palestras bíblicas. Naquele tempo os padres diziam ao povo: “cuidado com os camisas verdes ou comunistas”. Estes eram nomes dados aos crentes, pois nessa época, ser comunista no Brasil era um crime inafiançável. (SOUSA, 2016, p. 96).

A recusa aos pastores, segundo relatos de Sousa (2016), ultrapassa os limites das lendas e histórias mirabolantes de bode preto, livro de capa preta ou seca dos rios e açudes. Ser associados a comunistas talvez seja aos pastores a atribuição que mais pesou, já que a AD foi favorável ao governo militar⁷, rechaçou o comunismo afirmando que suas ideologias feriam os princípios cristãos. Boaventura atuou apenas em cidades do interior maranhense, não liderou AD na capital do Maranhão, mas o temor e horror ao comunismo permeava os assembleianos nos municípios maranhenses, assim como na capital. Embora em alguns momentos os assembleianos não vivessem muito diferente dos “comunistas”, na clandestinidade, escondido no mato, perseguidos, reprimidos, reformulando seus vocábulos e buscando estratégias para fazer suas ministrações.

Na busca por estratégias, Sousa (2016) afirma ter sido privilegiado em relação aos outros pastores por contas das várias profissões⁸ que exerceu e orgulhosamente exibiu emoldurada no seu relicário que possuía na sua casa contendo todas as ferramentas de trabalho e suas invenções, especialmente as luminárias que criou. Muitas delas o ajudaram a iluminar os cultos em locais onde não havia energia elétrica. Em seus relatos o pastor afirma:

⁶ Boaventura Sousa (2016) afirma que: “[...] naquele tempo os católicos obedeciam mais aos padres do que os crentes obedeciam aos pastores. Que a doutrina de não facilitar nada para protestante era conhecida pela maioria e obedeciam religiosamente aos chefes religiosos.” (SOUSA, 2016, 46-47) segundo o pastor, a obediência inquestionável dos fiéis foram responsáveis por reproduzir o que os padres lhes ordenavam em repulsa aos assembleianos.

⁷ Segundo Adroaldo Almeida, a AD assumiu posição favorável no ano de 1968, antes disso a postura da AD e o seu período MP, Mensageiro da Paz, foi de silenciamento sobre o cenário político do país. Importante ressaltar que a AD expôs seu apoio publicamente aos militares no ano em as medidas de combate ao comunismo foram duramente violentas e intolerante, sobretudo, com o Ato Institucional de Nº 05, onde prisões, cassações políticas, demissões de servidores públicos, suspensão de direitos humanos e fechamento Congresso Nacional todos legitimados pelo AI- 05.

⁸ Boaventura Sousa trabalhou como: lavrador, oleiro, soldador, desenhista, reparador de máquinas, fotógrafo, carpinteiro, eletricista, ferreiro, contador, encanador hidráulico, serralheiro, marceneiro, flandheiro(funileiro) e adiciona a estas profissões o ofício de pregador do evangelho. (ver anexo X)

“[...] eu tive muita facilidade porque mesmo não sendo perito em todas, trabalhava em 14 áreas profissionais diferentes e atendia a exigência de alguns proprietários[...] pedíamos permissão para fazer palestra sobre família.” (SOUSA, 2016, p. 86). A partir da contratação do seu serviço, Boaventura Sousa (2016) apresenta que aproveitava a oportunidade para evangelizar seu contratante. Interessante que a “falsa modéstia” de Boaventura Sousa não está só em afirmar que não era pioneiro da AD no Maranhão, mas que apesar de exercer quatorze profissões não era “perito”, ou seja, não era especialista e ainda assim atendia a exigência dos contratantes dos seus serviços.

Além de ser beneficiado pelas profissões e utilizá-las para evangelização, Sousa (2016) afirma que as estratégias que surtiram efeitos positivos em sua vida ministerial foram como repentista, cantador de viola e contador de histórias de famílias. O pastor apresenta trechos de suas poesias que eram declamadas durante as evangelizações.

Meus senhores e minhas senhoras,
Peço a vossa atenção,
Para ouvirdes nessa hora,
Falar de renovação,
E da graça de Jesus Cristo,
O autor da salvação.

Não sou um grande pregador,
Que arquitetou este sermão,
Mas foi um servo de Deus,
Que obteve libertação,
E hoje é salvo por Cristo,
O autor da redenção.

Rebusquei subsídios da homilética e da gramática,
Da gramática e da retórica, na hermenêutica procurei,
Preguei, preguei, preguei,
Assim evangelizei,
Depois no afã de declamar,
Pus-me a homologar,
E por último compreendi
Que Jesus morreu na cruz,
Somente pra nos salvar.
Se eu pregasse como sol,
Mensagens cálidas, fulgentes e vitalizantes,
Como raios perfilhantes
Na noite fria emanante
Ousasse falar como o sol,
Dando avisos ao viajante,
Fazendo estremecer a terra
Mostrando que o homem erra,
Relâmpagos fuzilando as trevas,
Percorrendo o universo
Onde habitam os perversos,
Mas o nosso recurso,
É crer em Cristo que não erra,
Pelo contrário oferece perdão pois é autor da salvação. (SOUSA, 2016, p. 91-92)

Os repentes, os contos e poesias fazem parte da literatura nordestina, sobretudo do sertão nordestino. Provavelmente esta estratégia de evangelização tenha atraído pessoas para ouvi-la, mas o que chama atenção são algumas palavras rebuscadas para um pastor que não tinha formação e embora fosse autodidata a linguagem utilizada nos versos revela que Boaventura era um homem acima da média. Poderiam não ser compreendidos por sua plateia, porém o conteúdo é praticamente o mesmo, como se fosse um ciclo: o homem precisa se conscientizar do seu pecado, reconhecer que precisa de um salvador, se arrepender e confessar seus pecados para que haja salvação. concordamos com os autores ao afirmarem que: “[...] a salvação concedida não é apenas um livramento da condenação eterna – do inferno –, mas é uma transformação integral do ser [...]” (CHAVES; PICH, 2019, p. 06).

Estes relatos autobiográficos de Boaventura Pereira Sousa são apresentados como eventos que a história, que a literatura assembleiana não contou. Em alguns momentos ele narra em primeira pessoa por ter acontecido com ele, em outros momentos apresenta nomes de pastores que relataram suas experiências diretamente a ele, ou, provavelmente em testemunho durante as ministrações para membresia, ou o próprio Boaventura leu essas histórias nos livros institucionais da AD, já que alguns são citados em sua autobiografia. Fica evidente em sua narrativa que o pastor se coloca assim como os demais mencionados por ele, como modelo de eclesiástico que enfrentou perigo, escassez alimentar, financeira, habitacional por acreditar no chamado para evangelizar “vidas perdidas” e conduzi-las à salvação. Como prova disso, Boaventura afirmou que os inimigos que se levantaram para impedir a expansão da mensagem salvífica não prosperaram, segundo ele, todos tiveram fim trágico.

1.4.4 Apologia

Como já mencionada, a autobiografia como toda a vida de Boaventura é centralizada em defender a fé cristã. A convicção de uma verdade absoluta, que triunfará sobre seus opositores são características da AD e segundo Alencar (2012), glorificar a Deus pela perseguição é uma postura apologética que se alimenta das polêmicas contra o catolicismo e demais igrejas evangélicas. Como já apresentado, a principal divergência com a AD foi a Igreja Católica que diante da significativa perda de seus fiéis reagiu de maneira contundente.

As divergências e conflitos doutrinários com AD não se limitam apenas ao catolicismo. Ao afirmar que a AD nasceu e cresceu em perseguição, Boaventura nos faz elencar que o “nascimento” se deu por conflitos doutrinário com a Igreja Batista no Pará,

embora já houvesse igreja pentecostal no Brasil, a Congregação Cristã, o “novo” que estava surgindo era algo realmente novo aos brasileiros. Pois conforme Adriano Lima (2014, p. 44) , “[...] naquela época, a igreja Católica celebrava missas em latim, a Igreja Luterana, cultos em alemão, a igreja Anglicana, em inglês e a única igreja pentecostal da época, a Congregação Cristã do Brasil, celebrava seus cultos em italiano [...]”, a AD chegou se apresentando no idioma escandinavo se “aportuguesando” posteriormente, porém com ênfase em línguas estranhas. O idioma escandinavo provavelmente não causou tanto espanto por se tratar da língua de um país, representando uma nacionalidade, mas o batismo no Espírito Santo, cuja a manifestação visível ninguém entendia o que era falado, deve ter gerado estranheza nos ouvintes e curiosos.

Para Adriano Lima (2014, p. 44), “[...] as igrejas protestantes e católicas perseguiram de forma veemente a ‘nova seita’ [...]”. Esse fato é fundamental para compreender a postura atual dessa igreja, rejeitando até ser incluída no movimento ecumênico (o que foi superado pelo catolicismo e em parte pelo protestantismo) (LIMA, 2014). A falta de interação da AD com outras denominações desde seu início a deixou isolada no cenário nacional religioso e assim se mantém por ser contrária⁹ ao ecumenismo. Além disso, AD possui divergências com as Igrejas que possuem a linha teológica calvinista, os conflitos entre as lideranças assembleanas a fragmentaram em inúmeros ministérios, ela busca firmar sua identidade no país que cada dia surgem centenas de novas igrejas. Para deslegitimar as novas denominações, a AD se utiliza da escatologia que para Lima (2014) é bem emblemática por a AD ter surgido quase no intervalo entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial, tinha a AD muitos motivos para acreditar e pregar o fim.

Mas a AD que nutre o discurso ufanista que triunfará no retorno de Cristo é a mesma que exulta e testemunha com a queda dos seus inimigos. Desta maneira, Boaventura Sousa apresenta em sua autobiografia o castigo daquele que lhes perseguiram. Como evidência de que estavam “certos” propagando e defendendo a fé, a vitória sobre seus inimigos veio de formas variadas. Segundo Sousa (2016) uma senhora que tentou imitar os assembleianos falar em línguas estranhas por brincadeira, teve convulsão e morreu com a língua exposta.

⁹ Embora a AD seja contrária ao ecumenismo, Boaventura Sousa relata que por duas vezes foi convidado para pregar na Igreja Católica ainda na década de 1980, pelo padre Jacinto e Frei Solano. Sousa pregou na cidade de Pedreiras e em Bacabal com a permissão de Dom Pascácio. Em sua narrativa o pastor assegura que a convite já havia ministrado várias vezes na Igreja Católica e desta maneira conquistou a amizade do padre da cidade bacabalense e também o levou para participar de alguns cultos na AD.

O chefe da operação que levou presos pastores que evangelizavam na cidade de Bonsucesso poucas horas depois de libertá-los ficou parálítico. Em Coqueiro, Boaventura relatou que os inimigos buscavam feri-lo com pedaços de madeiras e ferro, mas quando pensavam em o atingir, eram feridos. Quando pensavam em queimá-lo com matérias inflamáveis, eram queimados. E ao tentar acertá-lo com facas, um dos inimigos foi a maior vítima. Segundo o pastor: “[...] Deus transtornou o pensamento dos inimigos em Coqueiro, de sorte que não aconteceu quase nada de anormal como eles programaram [...]” (SOUSA, 2016, p. 198).

Elencar os efeitos contrários das “perseguições” sofridas pelo pastor e membresia da AD, legitima o discurso que o inimigo não prospera sobre “o povo de Deus”, escolhido, protegido que as afrontas contra esse povo são destruídas. Assim como os inimigos são atingidos como efeitos contrários, sofrendo as “consequências” por intentar contra os assembleianos. Estes por sua vez também passam a ter posição contrária diante das perseguições, pois ao invés de parar com os trabalhos evangelísticos, prosseguiram e testemunharam. De acordo com Gedeon Alencar (2000, p. 77): “[...] Eles são presos, apedrejados pelo padre, expulsos de casa por seus familiares, e, então, escrevem um artigo para o jornal [...]”. Em casos como pontua o autor, o relato, testemunho das perseguições ultrapassava os limites da oralidade entre a membresia, esses episódios eram publicados nos impressos da AD acompanhado por versículos bíblicos para legitimar os sofrimentos e motivar os membros.

Sousa (2016) relatou que a forte influência do padre na cidade de Coqueiro o impediu de comunicar-se com as autoridades em São Luís para registrar sua prisão, perseguição e ameaça. Segundo Sousa (2016), por conta da autoridade do padre, não conseguiu postar carta no correio e nem telegrafar para o chefe de polícia. Porém, Deus havia respondido contra o padre Nestor Cunha, pois este foi assassinado dentro da Igreja Católica por um dos seus párocos. O pastor relatou que:

[...] dos perseguidores do evangelho, nenhum foi bem-sucedido! Quanto aos mandantes da crucificação do pastor Antônio Prado, um morreu hanseático e o outro morreu queimado debaixo de um carro. o chefe que mandou prender ao pastor João Gualberto Alves morreu em estado de putrefação, de tal forma que ninguém podia chegar perto. [...] outro inimigo do evangelho em Magalhães de Almeida. Querendo aparecer perante os amigos, ajoelhou-se em frente do salão de cultos da Assembleia de Deus e disse: se o Espírito Santo baixar sobre essas carnes podres, quero que Deus mostre um sinal em mim, ou na minha família nestes três dias”. Três dias depois [...]. Ele, que ia dentro do barco, desceu para ajudar a empurrar e os rolores prenderam os pés dele, e esmigalharam dos pés as nádegas, três horas depois ele estava na eternidade sem Cristo. (SOUSA, 2016, p. 175).

Como consequência das perseguições e ridicularização do Espírito Santo, todos foram castigados segundo Boaventura Sousa. Porém, a punição mais cruel no relato do pastor é a morte sem o arrependimento e sem a salvação da alma, já que o castigo se torna “eterno”. O sofrimento por causa de Cristo, por amor a mensagem da salvação e aos pecadores foram a causa de os assembleianos se exporem ao perigo e almejam por uma “justiça divina”, uma vez que as autoridades locais do interior maranhense sofriam influência da autoridade papais. Em oposição ao castigo dos perseguidores, os assembleianos são revigorados por acreditarem que serão recompensados com vida eterna.

Todas as vivências do sujeito Boaventura Sousa se desdobram sobre o pastor assembleiano que se dedicou durante sete décadas ao serviço eclesiástico e acompanhou todo processo de mudanças dentro da AD. Mudanças litúrgicas, patrimoniais, nos usos e costumes, e sobretudo no modo de ser assembleiano frente às explosões de novas igrejas.

2 BOAVENTURA PEREIRA SOUSA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA

Neste capítulo, apresentamos os desdobramentos culturais e sociais que influenciaram a Igreja Assembleia de Deus a discutir sua construção identitária dentro do campo religioso brasileiro. Para tanto, evidenciaremos os eventos realizados com o objetivo de definir a identidade assembleiana, seus empenhos para o fortalecimento da doutrina pentecostal e como buscou firmar-se em relação aos outros segmentos evangélicos que surgiram posteriormente.

Os eventos realizados para discutir sobre as construções identitárias assembleianas, são anteriores ao recorte temporal da dissertação (1963-1996). Desta forma, demarcamos o ano de 1930, quando foi criada a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), órgão responsável pela representação e pela conservação das doutrinas dessa denominação. Este recuo temporal faz-se necessário para compreendermos a conjuntura sociocultural que antecedeu à padronização dos usos e dos costumes da Assembleia de Deus no Brasil.

Interessa-nos contextualizar como o pastor Boaventura Pereira de Sousa buscou incorporar/reproduzir as doutrinas defendidas pela AD e o seu posicionamento frente às mudanças dos usos e dos costumes da igreja frente a expansão do neopentecostalismo que trouxe uma nova roupagem a liturgia e ao comportamento do fiel, influenciando assim mudanças de comportamento na AD.

2.1 OS (DES)CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PENTECOSTAL

A chegada da Assembléia de Deus (AD) no Brasil ocorreu nos anos iniciais do século XX e chegou ao Maranhão em 1920 através da atuação do colombiano Clímaco Bueno Aza. Em 15 de janeiro de 1922 houve a fundação oficial da Assembleia de Deus em São Luís, porém sem um templo, sem um local para as reuniões de culto. Reuniões essas que foram realizadas na residência do casal Propécio Lázaro Lobato e Ana Almeida Lobato (SILVA, 2006).

O início da AD na capital maranhense não difere da realidade assembleiana de outros estados tanto na zona urbana como na rural, com reuniões de pequenos grupos de pessoas nos lares. O chamado culto doméstico como era mais conhecido entre a membresia assembleiana foi o ponto de partida para abertura de templos. Em Belém do Pará, após as dissidências entre os pastores da Primeira Igreja Batista do Pará (PIBPA) e os fundadores da AD, Daniel Berg e

Gunnar Vingren, os jovens suecos foram expulsos da Igreja Batista e por ausência de templo, as reuniões foram realizadas na casa de Celina Albuquerque. Atualmente faz parte do senso comum dos membros e adeptos da Assembleia de Deus, a narrativa que a Igreja tem sua nucleação nos lares, ou seja, que o ponto de pregação¹⁰ “nasceu” através do culto doméstico.

A AD em São Luís teve seu primeiro salão alugado no ano de 1924, neste local o casal Paulino Flávio Rodrigues e Isabel Florestal Rodrigues e Maria Oliveira foram batizados com o Espírito Santo. Este é o principal fundamento da doutrina pentecostal, cuja manifestação visível é o falar em línguas (glossolalia) baseada no livro bíblico de Atos dos Apóstolos, sobretudo no capítulo 2.1 a 4, o qual faz referência à descida do Espírito Santo. além de profecias, curas, maravilhas, evangelização e acreditam no Deus Trino (Pai, Filho e Espírito Santo).

No cenário nacional, na segunda década do século XX, a AD se expandiu pelas regiões Norte, Nordeste e, unido a esse crescimento, surgiram algumas questões internas e externas relacionadas à unidade doutrinária e à identidade pentecostal. À medida em que a igreja crescia, houve a necessidade de realizar reuniões periódicas com os pastores brasileiros para esclarecer assuntos teológicos, administrativos e supervisioná-los. Pois, conforme a pesquisadora Marina Correa (2014), a institucionalização da AD no Brasil teve participação direta dos missionários suecos e causou descontentamentos em alguns líderes brasileiros que não tinham atuações nas decisões tomadas sobre o futuro doutrinário assembleiano. Ainda segundo Corrêa (2012): “[...] às igrejas filiadas da AD, espalharam-se por vários estados do país. Os pastores fortemente engajados começaram a construção de suas igrejas na capital e também a pensar em novos recursos organizacionais e padronizações dos trabalhos evangelísticos.” (CORRÊA, 2012, p. 97).

Diante disso, segundo Isael de Araújo, surgia a necessidade de a liderança sueca realizar uma reunião geral com os pastores brasileiros para corrigir eventuais divergências, já que desde a fundação da AD o primeiro encontro com participação de pastores brasileiros ocorreu somente na segunda década do século XX, na Vila de São Luiz, no município de Igarapé-Açu, no Pará, nos dias 18 a 22 de agosto de 1921.

¹⁰ Ponto de pregação: “local de culto fora do templo, geralmente em residências (sala, varanda, garagem, galpão) amplamente utilizado pelas igrejas pentecostais para a pregação do evangelho, principalmente as Assembleias de Deus, como ponto de partida para a abertura de uma congregação, podendo se desenvolver e atingir o *status* de igreja funcionando como um templo. O culto é dirigido por um obreiro chamado de “dirigente”, que pode ser um “auxiliar de trabalho”, diácono, presbítero, ou até pastor.”

Os principais assuntos tratados foram a evangelização, os esclarecimentos de pequenas dúvidas teológicas e o andamento dos trabalhos das igrejas representadas (ARAÚJO, 2014, p. 81). É importante destacar que neste encontro o principal líder da AD, Gunnar Vingren, não estava presente, uma vez que por motivo de saúde precisou retornar à Suécia. Vingren regressou ao Brasil somente em janeiro de 1923. Nesta reunião foi substituído pelos missionários Nels Nelson e Samuel Nyström. No ano seguinte, 1924, Vingren e sua família mudaram-se para o bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro.

Em 1926, ocorreu no Rio de Janeiro a primeira Conferência Pentecostal no Brasil, segundo Silas Daniel (2004). Essa foi a primeira tentativa de os missionários suecos reunirem a liderança nacional, mas não houve participação dos pastores brasileiros. Fizeram-se presente apenas os suecos que atuavam no Brasil, os quais destacamos: Gustavo Nordlund (Rio Grande do Norte), Otto Nelson (Alagoas), Joel Carlson (Pernambuco), Nels Julius Nelson e Samuel Nyström (Pará) e na Argentina Gunnar Svenson, além de A. P. Franklin da Suécia. Em agosto de 1929 após se reunirem novamente no Rio de Janeiro para realização de Escola Bíblica, dezembro do mesmo ano os obreiros brasileiros já idealizavam organizar uma Convenção Geral para tratar de questões divergentes com os missionários suecos.

No ano de 1929 houve alguns conflitos interno e externo que abalaram as relações entre os líderes suecos e apontavam algumas evidências de divisões ministeriais. A começar pela divergência sobre o ministério feminino entre Gunnar Vingren, conhecido como líder nacional das ADs, e Samuel Nyström, pastor responsável pela AD em Belém do Pará. Esta foi a principal dissensão que culminou na separação ministerial de Vingren e Nyström, a qual foi relatada por Gunnar Vingren em seu diário: “[...] separamo-nos em paz, mas para não trabalhar mais juntos, nem com jornal ou nas escolas bíblicas, até o Senhor nos unir [...]” (ARAÚJO, 2014, p. 104). O resultado desta cisão foi o lançamento de um novo jornal, *O Som Alegre*, que começou a circular como órgão oficial e nacional da Assembleia de Deus ainda no ano de 1929 mensalmente. Logo, a AD passou a ter dois periódicos oficiais *O Som Alegre* impresso pela AD em São Cristóvão, a qual a redatora era Frida Vingren¹¹, e o *Boa Semente* sob direção e gerência de Samuel Nyström em Belém.

No ano seguinte, 1930, sob iniciativa dos pastores brasileiros ocorreu a primeira Convenção em Natal/RN. Neste encontro, a presença majoritária de brasileiros apontava que

¹¹ Frida Vingren usava o jornal *O Som Alegre* como principal ferramenta para defender o ministério feminino, além de divulgar eventos, evangelizações, comunicados, exclusão de membros, tradução de testemunhos e hinos encontrados na Harpa Cristã, hinário oficial da Assembleia de Deus.

havia descontentamentos e reivindicações a serem feitas à liderança sueca. Segundo o historiador Maxwell Fajardo (2012), os pastores brasileiros estavam insatisfeitos com sua posição de apenas acatar as decisões tomadas pelos missionários suecos e já manifestavam o desejo de se envolverem nas questões administrativas da Igreja. Gunnar Vingren temendo uma possível cisão durante o evento, retornou à Suécia para solicitar a presença de Lewi Petrus para pacificar possíveis conflitos naquela reunião. De acordo com Isael Moraes (2014):

[...] Vingren convenceria Petrus e o presbítero da Igreja Filadélfia da importância da vinda do líder pentecostal sueco ao Brasil naquele momento alegando que havia sérias dificuldades entre os missionários e os pastores brasileiros e que, se não houvesse um entendimento, todo o trabalho seria dividido. (ARAÚJO, 2014, p.118).

Como já abordado, na década de 1930 a AD estava centralizada nas mãos de duas lideranças suecas, Samuel Nyström e Gunnar Vingren, ambos usavam de suas influências junto ao corpo eclesiástico nacional para estabelecer a estruturação doutrinária e burocrática da Igreja. Porém, Nyström indicava ser o representante dos pastores brasileiros na busca por autonomia e, por sua vez, visava o apoio dos pastores nacionais para impedir a aprovação do ministério feminino, ao qual era contrário de forma incisiva. Este era o principal motivo de conflitos entre Vingren e Nyström. Vingren por sua vez se apresentava de maneira mais pacífica, buscava resolver as divergências com diplomacia e com o discurso de que tudo que fazia era pelo bem e harmonia da obra do “bom Mestre”. Também era recorrente em seus discursos os pedidos de oração à membresia assembleiana em seu favor.

Nos escritos institucionais produzidos pela Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD) é apresentada uma narrativa de unidade e de fortalecimento da liderança assembleiana, principalmente após a criação da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGABD). Porém, ao longo do desenvolvimento deste trabalho podemos observar as inúmeras dissidências e apontamentos para divisões dentro do corpo eclesiástico assembleiano. Podemos citar a circulação de dois jornais: *Boa Semente* (Pará) e *O Som Alegre* (Rio de Janeiro), ambos pertencentes a AD; no periódico do Sudeste, *O som alegre*, cuja redatora era Frida Vingren, ao divulgar os endereços das ADs nas demais capitais do Brasil. A redatora se recusou a anunciar o endereço da AD de Belém do Pará, a qual Samuel Nyström era pastor; a declaração de Gunnar Vingren afirmando que estava separado de Samuel Nyström, onde argumentou sobre a falta de humildade de Nyström. Em contrapartida, Nyström ameaçou deixar o Brasil caso Vingren aprovasse e instituisse o ministério feminino. Dentro das divergências entre Gunnar Vingren e Samuel Nyström havia as reivindicações dos

pastores brasileiros em terem autonomia e participação direta nas tomadas de decisões da Igreja. Os conflitos apresentados corroboram para desconstruir a narrativa de unidade relatada por pastores/escritores que pertencem à Igreja AD. Esses sujeitos não estavam neutros de interesses e influências na comunidade evangélica assembleiana.

A CGADB, ao contrário do que afirma a narrativa oficial assembleiana, não foi criada como sinônimo de unidade e fortalecimento institucional, mas surgiu no momento de tensão e forte sinal de fragmentação eclesiástica e ministerial. Segundo Corrêa (2012), a CGADB “[...] surgiu como uma espécie de evento conciliatório entre os membros das ADs [...]” (CORRÊA, 2012, p. 109). A “harmoniosa unidade” ou o “espírito de unidade” empregados nas publicações produzidas pela CPAD, são discursos que propagavam uma unidade inventada através da qual se buscava solidificar a Igreja e criar uma via para promover a união entre as ADs. Conforme Paul Freston (1994), a CGADB é um ponto fraco, pois não tem poderes para demitir ou nomear pastores, nem qualquer poder sobre as convenções estaduais. Logo, como endossado no primeiro estatuto¹² da CGADB é coerente apontar que a sua criação foi relevante para mediar as dissidências, manter a “união” doutrinária e “[...] incentivar o progresso moral e espiritual das Assembleias de Deus [...]” (ARAÚJO, 2014, p. 212).

Estavam movidos pelo discurso de unidade doutrinária, na tentativa de padronizar a conduta assembleiana, orientar os membros de como se comportar frente ao mundo secular e de distingui-lo das demais denominações¹³. A ocasião era oportuna para definir a identidade assembleiana fundamentada na doutrina pentecostal. A doutrina pentecostal baseia-se na terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo. Ele que conduz, capacita e “santifica” o indivíduo.

Neste sentido, o historiador Eric Hobsbawn, enfatiza que as instituições têm como “[...] principal objetivo socializar a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamentos [...]” (HOBSBAWN, 1997, p.17). As regras estabelecidas forjaram a identidade dos membros, uma vez que os seus adeptos precisavam renunciar a si mesmos, as suas vontades, passavam pela desconstrução do “velho eu” para se refazer e viverem uma “nova vida” agora baseada em Cristo, guiada pelo Espírito Santo e fundamentada na Bíblia.

¹² O primeiro Estatuto da CGADB foi criado e aprovado no ano de 1946 em Recife, nesta ocasião a CGADB tornou-se pessoa jurídica e também proprietária da CPAD. Conforme Isael de Araújo, os nomes responsáveis pela criação do primeiro Estatuto Social da CGADB foram: Samuel Nyström, Cícero Canuto de Lima, Paulo Leivas Macalão, José Menezes, Nels Nelson, Francisco Pereira do Nascimento, José Teixeira Rego, Orlando Boyer e Bruno Skolimowski.

¹³ Denominações como: Congregação Cristã do Brasil, Igreja Batista, Igreja do Evangelho Quadrangular Igreja Presbiteriana, Metodista, Assembléia de Deus Ministério Madureira etc.

Embora a membresia da AD, em sua maioria não sigam os comportamentos estabelecidos, no imaginário social deste grupo, são as representações incorporadas e reproduzidas por cada adeptos que contribuem para que a coletividade tenha a compreensão da importância de uma vida “santificada”. Conforme Baczko (1985):

[...] Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer colectividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora os seus próprios objectivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súdito”, o “guerreiro corajoso, etc. (BACZKO, 1985, p. 309).

A construção da identidade pentecostal expressava interna e externamente o pertencimento às doutrinas assembleanas, pois para esta denominação era importante criar uma representação coletiva e sectária dos seus membros. A AD, ao mesmo tempo que buscou estabelecer uma identidade que a definisse, se particularizou ao se inserir na contramão do que considerava religiosamente impuro, reprovável aos olhos de Deus e com possibilidades de manchar a conduta cristã. A distribuição de papéis entre os membros da igreja forma uma rede de apoio entre os assembleianos, onde cada um é responsável por si e por incentivar o seu “irmão” a desempenhar o papel de “servo bom e fiel”. O bom servo é caracterizado por aquele que obedece às lideranças, que vive em comunhão com os outros, se disponibiliza aos serviços da igreja, busca uma vida correta e irrepreensível em todos os segmentos.

2.2 IDENTIDADE PENTECOSTAL

A historiografia apresenta a AD fundada em Belém na primeira década do século XX, 1911. Onde muitos a chamam de Igreja Mãe, pois através desta, outras igrejas surgiram sob os seus cuidados espirituais e eclesiásticos. Com a expansão da AD para outras capitais, em 1924 Gunnar Vingren juntamente com sua esposa foram ao estado do Rio de Janeiro para dar início a evangelização e inauguraram no mesmo ano no bairro de São Cristóvão uma igreja. Com forte atuação de Frida Vingren, a consolidação assembleiana no estado carioca, sobretudo, nos subúrbios (Realengo, Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Marechal Hermes) aconteceu de maneira vertiginosa. A presença do jovem Paulo Leivas Macalão foi relevante nos trabalhos evangelísticos, que em 1929 fundaram o primeiro templo da AD em Madureira que ficou sob sua responsabilidade. Paulo Macalão ganhou visibilidade dentro da AD e tornou-se um dos principais nomes eclesiástico no país. (ARAÚJO, 2014)

As discussões acerca das doutrinas pentecostais emergiram na década de 1940, quando as possibilidades de cisão dentro da AD não eram mais uma ameaça e sim uma realidade, porém, não mais entre a AD de São Cristóvão versus a AD de Belém, as divergências circulavam em torno do surgimento dos chamados *ministérios*. Onde a Assembleia de Deus havia sido fundada pelos missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, passou a ser chamada de Ministério de Missão e a igreja fundada pelo pastor Paulo Leivas Macalão recebeu o nome de Ministério de Madureira, fazendo referência ao bairro carioca onde se originou. O crescimento da AD no Rio de Janeiro, promoveu dissidências doutrinárias que culminou na fragmentação da Igreja em ministérios.

A fragmentação da AD em ministérios estava consumada e as comparações entre seus membros foram praticamente inevitáveis, uma vez que igreja de Madureira se afirmava de “verdadeira” Assembleia de Deus por ter sido fundada em solo brasileiro e a outra foi reduzida à “Igreja de Missão”. A narrativa de nacionalidade foi transformada em elemento para “autenticar” a brasilidade da AD de Madureira. Conforme a definição de Stuart Hall, “[...] a identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente buscada na ideia de um *povo ou folk puro, original [...]*” (Hall, 2006, p. 55, grifos do autor). Ao questionar a nacionalidade da Assembleia de Deus, o sociólogo Gedeon Alencar argumenta da seguinte maneira:

[...] A Assembleia de Deus no Brasil é Brasileira? *Brasileiríssima*. Ela pode não ser “a cara” do Brasil, mas é um retrato fiel. E um dos principais. É uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira. Como o Brasil, é moderna, mas conservadora; Presente, mas invisível; imensa, mas insignificante; única, mas diversificada; plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina, mas machista; urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; barulhenta, mas calada; omissa, mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira. (ALENCAR, 2012, p. 15).

Ao analisar as peculiaridades das Assembleias de Deus, o emprego no plural é para englobar todas as ADs e ministérios, o sociólogo Alencar utiliza as adjetivações adequadas para descrever o âmago assembleiano. O argumento de nacionalismo suscitado para legitimar a AD de Madureira não soa de forma inusitada, por ter o seu fundador, Paulo Macalão, vínculos militares. Porém, havia a frustração do general João Maria Macalão pelo filho que não seguiu carreira militar, tornou-se presidente vitalício da Assembleia de Deus em Madureira.

Paul Freston (1994) afirma que Macalão era de origem militar e conduziu a igreja com mão firme sob forte influência da familiaridade como nos quartéis, sobretudo, do cenário

político de autoritarismo que o país atravessava com advento do Estado Novo comandado por Getúlio Vargas, onde imagens, signos e símbolos cívicos foram explorados para consolidar o sentimento de nacionalidade. Para além desses instrumentos, o governo varguista utilizou a produção cultural em seu favor para conquistar as massas. Maria Helena Capelato (2003) apresenta que o cinema, o teatro, a música e as artes plásticas foram valorizadas durante o Estado Novo para exaltar o nacionalismo. Todavia, a valorização cultural não foi igualitária, a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) realizou censura nas produções culturais, atividades recreativas e esportivas que fosse contrária ao governo.

Conforme Marina Aparecida Corrêa (2012), a AD de Madureira comandada pelo pastor Macalão foi a primeira cisão de ministério com autonomia, mas não foi o primeiro caso de pastor que saiu da Assembleia de Deus e fundou outra igreja. No ano de 1933, o pastor Manoel Higino de Souza foi desligado da Assembleia de Deus por aderir a doutrina calvinista¹⁴ que prega a predestinação, onde defende que a salvação de maneira nenhuma pode ser perdida, é incondicional, baseada na vontade de Deus.

Na edição do jornal Mensageiro da Paz da primeira quinzena de dezembro de 1933, foi publicada seguinte declaração:

[...] nós, pastores e cooperadores da obra do Senhor, reunidos em Natal para tomar conhecimento e examinar as causas que determinaram o rompimento de Manoel Higino de Souza e Ursulino Costa seus companheiros como ministérios depois de ouvirmos dele Manoel Higino de Souza mesmo que manteria integralmente os seus “*pontos*” resolvemos de comum acordo nos separar deles no ministério e comunhão bem como todos que tiverem comunhão com eles. Natal, 14 de outubro de 1933 (MENSAGEIRO DA PAZ, 1933, p. 08).

Na nota do periódico oficial da AD, Mensageiro da Paz, os pastores publicaram a exclusão de Manoel Higino de Souza e Ursulino Costa que não negaram seus posicionamentos e simpatia em relação a vertentes defendidas pelo calvinismo. Após seu desligamento, Manoel Higino foi responsável por fundar a Assembleia de Cristo, atualmente conhecida como Igreja de Cristo no Brasil. No ano 1936, Luís Higino Souza, ao ser considerado aliado do seu irmão consanguíneo¹⁵, Manoel Higino de Souza, também foi excluído da Assembleia de Deus.

¹⁴ Calvinismo doutrina teológica que defende a eleição incondicional do povo escolhido por Deus predestinado a salvação. uma vez escolhidos, estes de maneira alguma abandonarão a caminhada cristã. A linha teológica e doutrinária aceita pela Assembleia de Deus é baseada em Jacob Arminius, conhecida como linha arminiana, a qual defende que Deus determinou, predestinou todos a salvação, sem exceção. Porém é necessário esforço por parte do homem, as suas ações são determinantes para a salvação ou condenação, ou seja, a salvação é condicionada.

¹⁵ Consideramos necessário explicar por ser comum no meio evangélico as pessoas se chamarem de irmão, uma vez que acreditam serem todos filhos de Deus e automaticamente são “irmão na fé” fazendo entre si, um elo fraternal.

Em São Luís, Luís Higino, teve atuação relevante dentro da AD. Em 1932 foi enviado para presidir a igreja na capital maranhense, onde fundou a Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Maranhão (CEADEMA)¹⁶. Em 1934 na cidade de Coroatá, no ano seguinte realizou pela segunda vez a convenção estadual na cidade de Pedreiras. No ano de 1952 a convenção paraense reintegrou Luís Higino na AD de Belém, onde permaneceu até 1963, ano de sua morte.

Com a cisão entre a AD Ministério Madureira e a AD Ministério Missão, na década de 1940, a estrutura institucional da igreja fundada pelos missionários suecos ficou estremecida. Uma vez que, oficialmente a igreja de Madureira se tornou independente, na prática já possuía autonomia, ganhou personalidade jurídica, mas continuou ligada a CGADB. Este desmembramento enfraqueceu a AD de Missão de forma quantitativa, em número de fiéis, e qualitativa, já que a Madureira era rígida no cumprimento das doutrinas. Por outro lado, a AD Missão foi compensada ao tornar a CGADB pessoa jurídica e com a criação da Casa Publicadora da Assembleia de Deus (CPAD). É importante ressaltar que somente em 1989 o Ministério de Madureira criou sua própria convenção, a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil (CONAMAD).

O mundanismo na visão dos pastores era uma ameaça à igreja. Portanto, as atenções dos líderes começaram a se voltar aos comportamentos dos membros e a comparação entre esses dois ministérios, Madureira e Missão, sobretudo após a publicação de um artigo no jornal *Mensageiro da Paz* impondo regras relacionadas aos adereços e vestes das mulheres. Este artigo foi motivo de calorosas discussões entre os pastores presentes na Convenção Geral de 1946 realizada na capital pernambucana, Recife. No texto assinado em nome do presbitério da igreja em São Cristóvão no Rio de Janeiro, dizia o seguinte:

- (1) Não será permitido a nenhuma irmã membro desta igreja raspar sobrancelhas, cabelos soltos, cortados, tingidos, permanente ou outras extravagâncias de penteados, conforme usa o mundo, mas que penteiem simplesmente como convém às que professam a Cristo como Salvador e rei.
- (2) Os vestidos devem ser suficientemente compridos para cobrir o corpo com todo o pudor e modéstia, sem decotes exagerados e as mangas devem ser compridas,
- (3) Se recomenda às irmãs que usem meias, especialmente as esposas de pastores, anciãos, diáconos, professoras de Escola Dominical, e dos que cantam no coro ou tocam.
- (4) Esta resolução regerá também todas as congregações desta igreja.

¹⁶ CEADEMA é o órgão representante de todas as Assembleias de Deus no Maranhão pertencente ao Ministério Missão ligada a CGADB. É responsável por todas as Secretarias, Conselhos, Diretorias, comissões de ingressos, todos os assuntos burocráticos, registros de autorização, ordenado e desligamentos de pastores. Todo ano é realizada a Assembleia Geral Ordinária (AGO) para tratar das resoluções convencionais, a assembleia é comandada pelo pastor presidente que é eleito por votação a cada dois anos.

- (5) As irmãs que não obedecerem ao que acima foi exposto serão desligadas da comunhão por um período de três meses. Terminado esse prazo, e não havendo obedecido à resolução da igreja, serão cortadas definitivamente por pecado de rebelião.
 - (6) Nenhuma irmã será aceita em comunhão se não obedecer a estas regras de boa moral, separação do mundo e uma vida santa.
 - (7) Estamos certos de que todas as irmãs que amam ao Senhor, Jesus cumprirão, com gozo, o que foi resolvido pela igreja.
- O Ministério. (DANIEL, 2004, p. 219)

O rigor nas regras doutrinárias dirigidas especialmente às mulheres, por serem consideradas a parte mais fraca e mais tentada pela vaidade (DANIEL, 2004, p. 218), não foi bem recebido por todos os pastores presentes, alguns convencionais cobraram explicações da liderança da igreja de São Cristóvão, mas não houve pronunciamento a respeito. Otto Nelson, missionário que estava à frente da igreja que publicou esta resolução, não se manifestou e não assumiu a autoria do texto, embora os missionários suecos, Gunnar Vingren e Otto Nelson, fossem considerados os mais severos com as vestimentas. Não ocorreu apontamento direto sobre o responsável, o presbitério¹⁷ de São Cristóvão, ou seja, o coletivo, sem dar nome ou rosto foi responsabilizado por esta resolução.

Nos escritos institucionais produzidos pela CPAD, sobretudo o já mencionado *História da Convenção Geral no Brasil* de autoria do jornalista e pastor Silas Daniel (2004), afirma-se que a resolução de São Cristóvão foi influenciada pelas críticas que a AD de Madureira estava fazendo à igreja da São Cristóvão, classificando-a de liberal e que sua doutrina era flexível.

As identidades assembleanas foram construídas a partir das divergências doutrinárias oriundas com a fragmentação da igreja em Ministérios. Outrora, as divergências entravam em atrito direto com o catolicismo, mas à medida que a AD se expandiu pelo território nacional, as subjetividades não se direcionavam mais ao catolicismo, mas aos segmentos pentecostais que brotaram dentro da AD. As identidades emergiram nos jogos estratégicos de poder, concordamos com o posicionamento de Stuart Hall (2007) quando afirma que as identidades são criadas dentro e não fora do discurso, essas identidades precisam ser compreendidas e produzidas em locais históricos e institucionais. Ao serem construídas essas identidades “[...] são mais produtos da marcação de diferença e da exclusão do que o signo de uma identificação.” (HALL, 2007, p. 109).

¹⁷ Na Assembleia de Deus presbitério fazem parte da liderança como conselheiros. Segundo Isael de Araújo, o presbítero na ausência do pastor ele desempenha funções pastorais: unge ministra ceia, batiza e na hierarquia eclesiástica é o penúltimo cargo a ser exercido pelo obreiro na sucessão das ordenações antes de ser consagrado a evangelista ou pastor.

O pluralismo religioso contribuiu para a demarcação do “efeito de fronteiras” e de alteridade, a dinâmica no meio interno do pentecostalismo era aprimorar os esforços para se afirmar e se diferenciar em meios ao chamado processo de *protestantização* (SANTOS, 2006). Stuart Hall (2007) nos apresenta que em determinado momento os sujeitos são obrigados a se posicionarem e assumir suas identidades. Cabe-nos usar o conceito de identidade contrastiva de Roberto Cardoso de Oliveira (2003) que sugere a afirmação de um grupo diante de outro como meio de diferenciação. Segundo Oliveira (2003), é uma identidade que surge por oposição e que não se afirma isoladamente, os grupos se defrontam.

Após a publicação da polêmica resolução de São Cristóvão, a Igreja fez uma nota de retratação, porém o missionário Samuel Nyström foi incumbido de redigir um artigo doutrinário aos assembleianos, o qual passou pela aprovação dos convencionais e foi publicado na segunda quinzena de janeiro de 1947. No texto, Nyström argumentava que o crescimento individual e coletivo da igreja acontecia pela intervenção de Deus que não era/seria por força nem por violência, mas que a santificação vinha pelo Espírito Santo e uma vez nascidos no Espírito não era preciso se exibir com vestido, nem com sabedorias, pois são acúmulos de vaidades.

As discussões sobre identidade pentecostal foram colocadas em pauta novamente em 1975, na Convenção Geral realizada em Santo André, São Paulo, quando buscaram oficializar as regras comportamentais aos membros, pois, como já mencionado, a primeira tentativa de “padronizar” os costumes que particulariza os assembleianos não fora aprovada. Diferente da primeira proposta de formalizar regras comportamentais à igreja, que foi rejeitada por conta do excesso punitivo direcionado às mulheres, a resolução de Santo André foi aprovada por unanimidade.

Culturalmente explodiu no país o movimento da Jovem Guarda na década de 1970 que propagou entre a juventude fortes influências não apenas no estilo musical, mas no vestuário, acessórios e corte de cabelo (OLIVEIRA, 2011). A efervescência desse movimento trouxe abordagens sobre assuntos e comportamentos que eram vistos como tabus pela geração dos anos de 1960, tais como, “[...] as primeiras manifestações do corpo como fonte de prazer para os adolescentes, o amor, o namoro, os beijos, a minissaia e a dança tornaram-se elementos de transgressão dos valores moralizantes da época, dentro dos limites permitidos pela sociedade [...]” (AZEVEDO, 2009, p. 70). A difusão do rádio e televisão contribuiu para potencializar o engajamento juvenil e o consumismo de um leque de produtos divulgados entre seu público.

Associado à Jovem Guarda, o movimento feminista também estava em pauta e polarizou ainda mais o cenário político conservador do governo militar com o movimento que ficou conhecido como “Revolução Sexual”, o qual defendia o uso da pílula anticoncepcional como método contraceptivo. O corpo da mulher agora não era mais só para gerar filhos, ela passou a ter direito ao prazer e ao divórcio, posteriormente. Provavelmente as influências desses movimentos políticos, sociais e culturais colaboraram para que os pastores colocassem em pauta as discussões sobre os usos e costumes da AD.

O debate sobre a moda implementada pela Revolução Sexual teve início ainda na Convenção de 1968 pelo pastor Sátiro Loureiro quando fez o seguinte questionamento: “[...] qual a atitude das Assembleias de Deus no Brasil em relação às minissaias e aos cabeludos que estão tentando invadir as igrejas? [...]” (DANIEL, 2004, p. 392). A minissaia foi rechaçada por ser considerada sensual, indecente, estava fora dos costumes assembleianos. As fotografias das jovens trajando saias e vestidos curtos foram proibidas de serem publicadas no *Mensageiro da Paz*, pois segundo o pastor Paulo Leiva Macalão era “[...] insinuações de crente inescrupuloso, usando esse meio para fazer proselitismo entre os crentes [...]” (DANIEL, 2004, p. 392). A edição do MP de janeiro do ano de 1969, afirmava que “[...] foi votada a condenação ao uso, por pessoa crentes, de minissaias, cabelos crescidos (por pessoas do sexo masculino, os cabeludos) e modas extravagantes [...]” (MENSAGEIRO DA PAZ, 1969, p. 08).

Na Convenção de Santo André, o texto contendo os “sadios princípios” dos assembleianos enumerava as seguintes abstenções:

- 1) Uso de cabelos crescido pelos membros do sexo masculino;
- 2) Uso de traje masculino parte dos membros ou congregados do sexo feminino;
- 3) Uso de pintura nos olhos, unha e outros órgãos da face;
- 4) Corte de cabelo por parte das irmãs (membros ou congregados)
- 5) Sobrancelhas alteradas;
- 6) Uso de minissaias e outras roupas contraditórias ao bom testemunho de vida cristã;
- 7) Uso de aparelho de televisão, convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade dos seus programas, abstenção essa que justifica, inclusive, por conduzir [o uso de televisão] a eventuais problemas de saúde;
- 8) Uso de bebidas alcoólicas. (ARAÚJO, 2014, p. 883).

Essa segunda resolução não difere muito da primeira publicada em meados da década de 1940, a qual se direcionava somente às mulheres por serem mais propensas a cair nas armadilhas das tentações e no pecado. O teor das abstenções foi mais brando, porém as mulheres continuavam como o alvo principal, a proibição ao uso de calças, minissaias,

maquiagens, cabelos curtos e alterar o formato das sobrancelhas foram terminantemente proibidas. Essas medidas foram tomadas para rechaçar os estilos que estavam na moda.

Lilian Azevedo (2009) no seu trabalho sobre *A construção nova da mulher nas revistas Querida e Claudia (décadas de 1960 e 1970)* analisou as tendências que estavam sendo consumidas. Azevedo (2009) nos apresenta que a moda feminina era: cabelos curtos, leves e soltos emoldurando o rosto, perucas coloridas, vestidos acima dos joelhos, minissaia, sobrancelhas alinhadas, meias coloridas. A historiadora Adriana Oliveira (2011), que buscou trabalhar com a Jovem Guarda e indústria cultural, afirma que entre o público masculino predominou o cabelo longo, botinhas com salto e terno com quatro botões inspirados nos *Beatles*. “Posteriormente foram acrescentados roupas e acessórios extravagantes, calças boca de sino, acompanhadas de cinto, anéis enormes e óculos coloridos.” (OLIVEIRA, 2011, p. 86).

Podemos perceber as influências que esses movimentos culturais tiveram na sociedade e como os indivíduos adotaram comportamentos que lhes foram apresentados através dos meios de comunicação e impressos. A identidade cultural é construída a partir de elementos externos ressignificados, mas nunca unificados ou singularizados, que estão em constantes processos de mudanças e transformações (HALL, 2006). Segundo Hall (2006), a identidade não é estável, está em andamento, é inacabada. É composta não de uma, mas de várias identidades.

O mundanismo combatido pela Igreja se referia aos grupos urbanos que se apresentavam caracterizados das indumentárias que identificavam a representação cultural destes movimentos. Para os assembleianos, esses trajes não seriam apropriados por se tratar da não diferenciação do povo que “serve” a Deus e o que “não serve”. O bom testemunho estava no ser diferente, separado, naquele que é identificado como servo nas vestes, no falar, no simbólico. A doutrina pentecostal se moldava e buscava se definir sob influências externas, a forma de barrar a interação da membresia assembleiana com o mundo e os seus sistemas era criar fronteiras, limitar até onde seus membros poderiam ir. Os homens cabeludos e as mulheres de mini saias e cabelos curtos eram inaceitáveis, estavam corrompidos pelo pecado e não poderiam permanecer no “rol dos santos”. Esses conjuntos de códigos de condutas eram comuns ao protestantismo, havia uma concordância em termos da moral sexual e da estética. Não foi uma exclusividade dos pentecostais, mas a AD estabeleceu um padrão de vestimenta mais rigoroso que as demais Igrejas.

Além dos efervescentes movimentos culturais, a televisão também foi uma preocupação aos pastores. O aparelho que no futuro desumanizaria a humanidade segundo o pastor José Pimentel de Carvalho, causou divisão entre os convencionais no ano de 1968, uma vez que, alguns pastores já que possuíam o eletrônico no seu lar, defendia o uso moderado do aparelho. Era necessário ensinar como os membros deveriam usar a televisão sem corromper os “bons costumes” ou se desfazer do televisor. Com o impasse na discussão, o tema foi para votação e como a maioria dos convencionais eram contra o uso da televisão, em 1969 foi publicado no Mensageiro da Paz a seguinte determinação:

[...] considerando os efeitos maléficos que os programas de televisão têm causado à comunidade evangélica, principalmente a família, a Convenção Geral resolveu aprovar a seguinte proposta:

- 1) Os pastores e evangelistas da Assembleia de Deus no Brasil não devem usar aparelhos televisores;
 - 2) Os que já a possuem, devem desfazer-se deles até a próxima Convenção;
 - 3) Os obreiros devem recomendar às igrejas que se abstenham do uso de televisores;
 - 4) Os que possuem desfaçam-se dos mesmo a fim de evitar suspensão;
- (MENSAGEIRO DA PAZ, 1969, p. 08)

A aprovação da proposta que proibiu o uso da televisão se resumia ao “cuidado” que os convencionais tiveram com as famílias assentadas. Este aparelho na visão dos pastores, era uma ameaça a “sã doutrina” da Igreja e poderia desvirtuá-los do caminho da salvação, pois conforme a corrente teológica Arminiana a salvação precisa ser preservada e conquistada diariamente. A displicência com os usos e costumes é considerada uma porta de saída dos caminhos da salvação. No item 1 da resolução de 1968, os primeiros mencionados são os pastores e evangelistas, para que servissem de exemplo aos demais. Cabe lembrarmos, que AD era composta por pessoas socialmente marginalizadas, que habitavam nas periferias com pouco ou nenhum poder aquisitivo suficiente para adquirir aparelho televisor, ainda que o número de consumidores da televisão fosse ascendente, a maioria desse público não correspondia aos assembleianos. É notório observar que a TV chegou ao Brasil em 1950, mas a discussão sobre o uso do aparelho entrou em pauta quase duas décadas depois, em razão da baixa aquisição do eletrônico entre os membros da AD.

O perfil social dos membros da AD no Brasil em meados do século XX em sua maioria era composto por trabalhadores rurais e na zona urbana as condições socioeconômicas destes fiéis eram desfavoráveis para aderir eletrônicos como um aparelho televisor. Segundo Simone Bohn (2004), a renda dos pentecostais era no máximo de dois salários mínimos e quanto maior a renda, menor a proporção de o sujeito ter uma confissão de

fé. Caso se tornasse membro de algum grupo religioso, “[...] a probabilidade de ele não ser membro de uma religião não pentecostal é maior do que ele ser um fiel das denominações pentecostais [...]” (BOHN, 2004, p. 299). O nível de escolaridade também é um fator significativo dentro da AD, pois conforme a análise de Bohn (2004), quanto maior o nível de escolaridade, menor a probabilidade de pertencimento à membresia assembleiana.

Na primeira quinzena de janeiro de 1969 o MP publicou uma entrevista realizada com o pastor Joaquim Marcelino da Silva e ao ser questionado sobre o uso da televisão, respondeu que o aparelho era uma ameaça à Igreja, - este era o principal argumento utilizado pelos pastores para legitimar a proibição da TV -, que esteve orando a Deus durante três anos e teve sua oração respondida, quando das setenta famílias que possuíam o aparelho televisor, apenas três resistiam em usar o eletrônico, não se desfizeram dele apesar de terem sido castigadas pela desobediência. Segundo Roiz e Fonseca (2009), quando Joaquim Marcelino, começou a agir através das orações, o povo começou a vender seus aparelhos com facilidade e alegria.¹⁸ Este era o sinal que Deus desaprovava o uso da televisão.

No ano de 1971, foi formada uma comissão para estudar e elaborar um parecer sobre o uso da televisão na próxima Convenção Geral que foi realizada em 1973 na capital potiguar, Natal/RN. A comissão formada por: Alípio da Silva, José de Castro, José Antônio de Carvalho, José Gomes, José Eduardo Modesto, Pedro Neves e Francisco Assis Gomes, decidiram pela condenação do eletrônico. Os pastores que já possuíam aparelho televisor teriam que se desfazer dele, como já determinado na resolução de 1968. Porém, essa decisão não agradou a todos, alguns convencionais julgaram a proibição da televisão precipitada, assim como fizeram com o rádio no ano de 1937. A Convenção foi contrária ao uso do rádio sob o argumento que as músicas mundanas poderiam contaminar o povo.

O poder simbólico exercido pelos pastores era reproduzido como um cuidado necessário para evitar que seu rebanho sofresse um mal maior, que seria sair do caminho da “salvação”. Toda discussão estruturada na preservação da vida espiritual dos assembleianos reproduziu formas de dominação que inseriram os sujeitos no sistema de imposição da ordem, onde a cumplicidade entres os membros assembleianos e os pastores foi responsável para que a sujeição a que estavam submetidos não fosse percebida. A autoridade dos pastores na visão

¹⁸ Segundo a divisão que Sérgio Mattos (2002) fez sobre o desenvolvimento da televisão no Brasil, no ano de 1964 a 1975 foi denominada de *fase populista*, a programação principal era programas com auditório. Nesta fase, sobretudo, no ano de 1968 as vendas de aparelho televisores aumentaram consideravelmente devido a linha de crédito dada aos consumidores pelo governo. Em 1969 mesmo o eletrônico com valor de mercado em alta, a aproximação da copa do mundo na década de 1970 foi responsável para que o número de televisores disparasse no eixo Rio-São Paulo e chegou a 4 milhões de lares que equivale a 75 milhões de telespectadores.

dos fiéis não poderia ser questionada, pois foi constituída por Deus. Nesse sentido, a passividade de como as estratégias doutrinárias foram recebidas configura conformidade ou naturalização das determinações pastorais.

Podemos observar que a televisão foi rechaçada pela maioria da liderança. Entre os mais influentes e resistentes estava Paulo Leiva Macalão que, mesmo com a chegada do televangelismo, manteve sua postura contrária ao televisor, afirmando que “[...] todo cuidado devemos ter para que os crentes permaneçam afastados desse meio de comunicação.” (DANIEL, 2004, p. 440). Para Macalão, o problema não estava nos televangelistas, estava no prejuízo espiritual que a televisão causaria nos fiéis. A expansão do televangelismo norte americano protagonizado por Billy Graham não foi suficiente para promover consenso entre os pastores sobre a televisão. A resolução de 1975, que proibiu o uso da TV, continuou em vigor até final da década de 1980 quando foi elaborado o plano de execução para o projeto *Década da Colheita*, que tinha como meta alcançar 50 milhões de crentes até o ano 2.000.

Enquanto não atendia aos interesses da liderança assembleiana, a televisão foi proibida. Porém, visando a expansão da Igreja, a TV foi ressignificada como canal de propagação apologética para evangelizar os povos na última década do milênio. A tecnologia que outrora foi vista como responsável pelo enfraquecimento da doutrina assembleiana, passou a ser considerada como uma forte aliada na evangelização do país. Na reunião com o Comitê Mundial das Assembleias de Deus realizado nos Estados Unidos em 1989, foram estabelecidas para o Brasil as seguintes metas:

- 1) Criar no Brasil uma Cadeia de Oração: três milhões de brasileiros orando pela *Década da Colheita*;
- 2) Iniciar o ano de 1990 com um grande trabalho de evangelização, utilizando-se de todos os meios: jornais, rádios, *televisão*, folhetos, praças, telefone, casa em casa, hospitais, etc. com o propósito de chegar ao ano 2000 com cerca de 50 milhões de membros;
- 3) Formar novos obreiros;
- 4) Implantar novas igreja;
- 5) Enviar novos missionários. (DANIEL, 2004, p. 530).

Acima no item 2, das metas estabelecidas ao Brasil, a televisão foi inserida como meio de evangelização, mas não foi executada pelos pastores. No ano de 1990 foi instituída uma Convenção Geral Extraordinária para tratar sobre a *Década da Colheita*, onde as metas foram reestruturadas contendo 18 itens que abordavam o trabalho evangelístico, porém nenhum citava a televisão como meio de evangelização. Os convencionais consideraram a oração, o ensino bíblico, o testemunho e a manifestação dos dons espirituais como suficientes para que as metas fossem atingidas. O resultado alcançado foi bem abaixo do planejado pela *Década*

da Colheita, pois segundo o Censo do ano 2000 o número de assembleianos no país era de 8 milhões, no Censo realizado em 1990 esse número era de aproximadamente 2 milhões. O total de assembleianos bateu a casa dos 10 milhões, mas estava longe de atingir os 50 milhões estabelecidos na *Década da Colheita*.

A liberação do aparelho televisor aconteceu somente em 1999, quando a Resolução de Santo André foi reformulada e flexibilizou o uso da televisão. Mas no ano de 1996, foi ao ar o programa “Movimento Pentecostal”, sob direção do diretor executivo, Ronaldo Rodrigues de Souza, da CPAD. A programação era composta por louvor, mensagem bíblica, milagres e testemunhos evangelístico. No ano de 2004, foi incluída na programação a mensagem do pastor José Wellington, presidente da CGADB, e divulgação de produtos da CPAD. Ainda em 1996 foi solicitado ao ministro de comunicação uma rádio e um canal de televisão. Porém, com o decreto 1720 de novembro de 1995 que restringia as concessões de emissoras¹⁹, em 2001 o presidente Fernando Henrique Cardoso concedeu apenas emissora de rádio em todo país. Diferente do governo de José Sarney que concedeu e outorgou 1.028 (rádio e tvs) no período de 1985-1989 (LIEDTKE, 2003).

A Assembleia de Deus com seu caráter doutrinador viu o campo religioso se pluralizar com o crescimento vertiginoso das igrejas da *terceira onda*²⁰ difundida pelos cultos televisionados que dão ênfase à Teologia da Prosperidade e a libertação das forças sobrenaturais que oprimem a humanidade. A felicidade que estava no porvir através da segunda volta de Jesus, agora poderia ser desfrutada no plano terreno com uma vida próspera, sem abrir mão dos seus adereços e vestimentas já que o mais importante era um coração generoso e puro diante de Deus. Desta forma, o neopentecostalismo e as questões socioculturais foram determinantes para que a AD mudasse sua doutrina.

Mariano (2004), pontua que no final da década de 1990, o público assembleiano já não se restringia somente a camada mais baixa da população. A adesão ao pentecostalismo se estendeu à classe média, aos profissionais liberais, empresários e através desse meio a Assembleia de Deus Missão passou a ter maior visibilidade pública e apresentou uma nova roupagem nos seus usos e costumes. O rigor doutrinário que primava pela santificação e separação do “mundo” cedeu espaço para as moderações e bom senso. A tradição

¹⁹ NETO, João Somma; CALEFFI, Renata; DIAS, Eduardo Covalesky. Política e Televisão: sistema de meios e concessões públicas no Brasil e na Argentina. **Open Edition Journals**, [S. l.], v. 10, n. 15, 2015.

²⁰ Segundo classificação de Paul Freston, a terceira onda corresponde ao surgimento das igrejas neopentecostais nas décadas de 1970 e 1980. Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) e Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986).

assembleiana não era mais um ponto fixo, formalizado, ritualizado que não sofreria variação. Assim como seu costume, como sugere Eric Hobsbawn (1997) não impede as inovações, mas este também estava em negociação com um novo cenário religioso, buscando elementos que o conectasse ao passado de privações. A Resolução de 1999 foi debatida no Encontro de Líderes das Assembleias de Deus (ELAD) e apresentou as seguintes atualizações:

- 1) Ter os homens cabelos crescidos (1Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;
- 2) As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstia (Tm. 2. 9-10)
- 3) Uso exagerado de pinturas e maquiagens- unhas, tatuagens e cabelos (Lv. 19. 28 e 2Rs 9.30)
- 4) Uso de cabelos curtos em detrimentos da recomendação bíblica (1Co 11.6-15)
- 5) Mau uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (1Co 6.12 e Fp. 4.8)
- 6) Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.15) [...] Hoje em dia, há igreja para todos os gostos, mas nós temos compromisso com Deus, com sua palavra e com o povo. O objetivo de conquistar as elites da sociedade em detrimento de nossos costumes e tradição não é bom negócio. Isso tem causado muitos escândalos e divisões e não levaram a resultados positivos. Somos o que somos. Devemos aperfeiçoar nossas estratégias de evangelismo e não mudar arbitrariamente os nossos costumes, pois isso choca com a maioria dos crentes. Criar novos métodos para alcançar pecadores, disso, sim precisamos, para que o nosso crescimento possa continuar [...]. (DANIEL, 2004, p. 581).

A extensa Resolução de 1999 trazia ao lado de cada item a referência bíblica que serviu como embasamento para legitimar as restrições. A Resolução pontuou a pluralidade de igrejas, destacou que a evangelização da elite não poderia se sobrepor aos costumes assembleianos e apresentou a insatisfação com as críticas sobre o conservadorismo doutrinário como principal responsável pela falta do crescimento da igreja. Cabe ressaltar, que neste momento a liderança assembleiana já possuía conhecimento que a meta atingida no projeto da *Década da Colheita* estava muito abaixo do esperado, pois esta Resolução foi publicada em agosto de 1999, faltando poucos meses para a chegada do milênio.

A Resolução afirmou ainda que mais de 85% dos pastores reconheciam a necessidade de preservação das tradições, costumes e identidade da igreja. Diante desse argumento surgem as seguintes reflexões: se 85% da liderança assembleiana reconheciam a necessidade de preservar os costumes, por que a Resolução de 1975 foi reformulada? Qual a força desses 15% de líderes que defendiam a flexibilidade doutrinária da AD? Teria a CGADB falhado nas estratégias de evangelização ou a mudança doutrinária já era a estratégia?

Podemos observar que as atualizações dos usos e costumes da Assembleia de Deus continuou se direcionando às mulheres. As restrições femininas no tocante às maquiagens,

cabelos, unhas e vestuários tiveram flexibilidade, porém de modos comedidos. Segundo Samuel Câmara (2005), “[...] a doutrina primava pela simplicidade apostólica, procurando instruir a todos quanto ao recato e à moderação nos vestuários e no uso de ornamentos, notadamente entre as irmãs, eram exortadas a vestirem -se como as santas mulheres de que fala a Bíblia [...]” (CÂMARA, 2005, p. 85). Na visão cristã, o mal estava no feminino, as mulheres que são responsáveis pela queda do homem. Logo, na guerra contra o pecado é preciso rechaçar o poder do inimigo pelo lado mais fraco, as mulheres.

No item 1, os homens cabeludos continuaram proibidos. O uso de minissaia foi suprimido, mas se enquadrou no item 2, pois era considerada uma roupa indecente e indecorosa. Ainda no segundo item, roupas “peculiares aos homens” se refere ao uso de calça,²¹ a qual as mulheres também eram proibidas de trajar dentro e fora do templo, porque escandalizaria a igreja. No item 3, foi adicionada a proibição de tatuagens, pela primeira vez abordada oficialmente nos usos e costumes da AD. No item 4, o corte de cabelo feminino continuou restrito. O quinto item foi o mais liberal, já que em outrora o aparelho televisor era proibido em qualquer circunstância. O sexto item não sofreu alteração, o uso de bebida alcoólica permanece proibido. Foi retirado o quinto item da Resolução de 1975 que se referia às sobrancelhas alteradas.

Na busca por diferenciação, a AD acabou se aproximando das denominações que ela criticava²² teologicamente, sobretudo as igrejas neopentecostais. A flexibilização para o uso de maquiagens, a TV como meio para o evangelismo, visão triunfalista e a aproximação com a política em outrora era inconcebível para a liderança da CGADB. A identidade instituída pela AD já não era mais uma referência aos outros e a para sua membresia, sua doutrina estava se fragmentando. Michel Pollak (1992) afirma que quando a identidade é

²¹ Na Convenção Geral de 1973, o pastor Rodrigo Santana, da AD da Bahia, apresentou a proposta que fosse enviada uma carta ao Ministro de Educação pedindo que as jovens assembleianas fossem isentas de usarem calças compridas em estabelecimentos escolares por conta de suas convicções religiosas.

²² Como nos apresenta o trabalho de Jaime Delgado, a Assembleia de Deus critica a Congregação Cristã pela não coleta do dízimo, pois sem este a igreja não teria como se manter. Do Evangelho Quadrangular critica a falta de restrições dos usos e costumes, os cultos mais ritmados com palmas, danças, coreografias, cultos mais voltados para o público jovem. A Igreja Universal do Reino de Deus é criticada por sua ênfase a Teologia da Prosperidade, campanhas, uso exacerbado de rituais, alguns inspirados nas religiões de matriz africanas. Porém, a Assembleia de Deus como a Congregação Cristã, nos seus primeiros anos não coletava dízimo, seguindo o exemplo da Igreja do Evangelho Quadrangular afrouxou as restrições dos usos e costumes, visando a evangelização dos jovens promoveu os chamados louvatórios, culto com momento destinado somente a música evangélica sem pregações bíblicas, apresentações de coreografias, jograis e peças teatrais. Assim como a Universal do Reino de Deus, promove campanhas de orações em prol de algumas causas espirituais ou materiais, com a manifestação do Espírito Santo alguns membros rodopiam, sorriem, batem palmas, pulam, choram se assemelhando as manifestações das entidades nas religiões afros. DELGADO, Jaime Silva. **Nem terno, nem gravata**: as mudanças na identidade pentecostal assembleiana. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

suficientemente constituída e amarrada, ela não tem a necessidade de rearrumação diante dos problemas colocados pelos outros, nem na identidade coletiva, nem na identidade individual. A identidade da Assembleia de Deus estava se reformulando não por reivindicações externas, mas por insatisfações internas e como estratégias de alcançar novos públicos.

2.3 BOAVENTURA PEREIRA SOUSA FRENTE ÀS MUDANÇAS NOS USOS E COSTUMES ASSEMBLEIANOS

As mudanças doutrinárias Assembleianas foram frutos de acalorados debates entre os pastores durante as Convenções Gerais. Como já apresentado, esses debates foram resultados das relações sociais da igreja com o meio externo, as influências dos movimentos culturais da década de 1960 e o surgimento das igrejas neopentecostais na década seguinte, 1970. Ao público assembleiano do final dos anos 1980, essas mudanças não promoveram impactos no dogma da igreja, mas para a geração conservadora dos anos de 1940, essas mudanças eram inconcebíveis. A igreja estava se descaracterizando, passando por um momento de desconstrução.

Conforme Maxwell Fajardo (2012), a geração conservadora é representada pelos pastores que não abriram mão da tradição litúrgica e comportamental. Membros que viveram o rigor doutrinário assembleiano, o internalizaram, reproduziram e esperaram que os demais membros também os reproduzissem. Os campos de experiências, os acontecimentos incorporados, às práticas religiosas acumuladas ao longo da vida desses sujeitos (passado), serviram como parâmetro para um horizonte de expectativa na preservação dos “sadios princípios” da igreja. Muitos desses princípios demarcam diferença mais de cunho moral do que teológico (CERTEAU, 1982).

Na transição doutrinária da AD, a geração conservadora precisou se reinventar frente às novas práticas dos usos e costumes e na preservação da identidade assembleiana como denominação. Exemplo disso foi Boaventura Pereira de Sousa, que foi ordenado pastor no ano de 1947, um ano após a polêmica resolução de 1946. Boaventura afirmou em sua autobiografia que quem conheceu a Assembleia de Deus nos anos 40 (século XX) não a reconheceria na atualidade, pois a diferença era gritante. Ou, se ele tivesse mudado para outro país, ao retornar para o Brasil não reconheceria a AD. Pois, segundo ele, a AD mudou em todos os sentidos, mas a mudança que mais chamou atenção do pastor está relacionada ao traje e comportamento social dos assembleianos.

Boaventura Sousa (2016) afirmou na sua narrativa que as ADs do Nordeste ainda preservavam algumas aparências com a igreja de meados de 1940, mas que as Assembleias de Deus do Sul e Norte estariam prestes a colocar imagens no interior dos templos. O pastor se referia às igrejas nordestinas como conservadoras dos costumes dos anos iniciais da AD. Essa preservação dos costumes remete à recusa ao pastorado feminino, preservação ao patriarcalismo, ao espaço comandado por homens e à liturgia. O que Paul Freston (1994) denominou de *ethos* sueco nordestino.

As principais diferenças elencadas por Boaventura Sousa se referem às indumentárias das mulheres, às perseguições e às mensagens apologéticas.

As mulheres se pintam da cabeça aos pés, os homens usam cordões e muitas modas que não existiam nas Assembleias de Deus. A dança faz parte da liturgia de algumas Assembleias de Deus, a Harpa Cristã foi substituída por CDs e a Bíblia por celular. Nos últimos tempos tenho viajado pelo muito no Brasil, e tenho visto que o Maranhão, ainda mantém um pouco dos princípios pentecostais. (SOUSA, 2016, p. 235).

Nas colocações de Boaventura Sousa (2016) é notória a semelhança com as Resoluções de 1946 e de 1975, as quais se direcionam às mulheres e à rejeição ao uso de tecnologia, do rádio e da televisão. Ao relatar a substituição da Harpa Cristã, hinário oficial das Assembleias de Deus, o pastor busca apresentar que as tradições assembleanas estão caindo no esquecimento da igreja. A execução dos três hinos na abertura dos cultos nas ADs, transmite princípios que compõem e afirmam a identidade assembleiana já que algumas letras foram compostas pelos missionários e pastores dos anos iniciais da AD e vários versos e estrofes fazem exaltações à trajetória dos assembleianos. Sousa afirma que: “[...] no princípio as Assembleias cantavam somente hinos da Harpa Cristã. Atualmente são obsoletos e substituídos por hinos que não sabemos a origem [...]” (SOUSA, 2016, p. 240).

Para o historiador Maxwell Fajardo (2012), o abandono dos hinos da Harpa Cristã é um confronto ao culto-padrão assembleiano, embora esses cânticos sejam entoados somente nos momentos iniciais. O canto dos hinos é simbólico para a “preservação” da liturgia da AD em diversas áreas: santa ceia, batismo, culto evangelístico e áreas que não fazem parte do culto como os ritos de passagem: casamentos e funerais. Assim como a bíblia, cada membro possui seu hinário e o leva para a igreja. Emílio Conde (1982), afirma que nos primeiros anos de atividade da Assembleia de Deus, o hinário utilizado era salmos e hinos comum às várias igrejas evangélicas, mas que devido à doutrina específica da AD, houve a exigência do uso de “[...] uma hinologia pentecostal. Pouco a pouco, os valores intelectuais foram surgindo e

apresentando a expressão poética da crença comum das Assembleias de Deus.” (CONDE, 1892, p. 75).

A aversão de Boaventura Sousa ao uso de CDs e *playback*, se legitima por considerar uma falta de preservação dos costumes da igreja. Ademais, os hinos de origens “desconhecidas”, como afirma o pastor, absorvem o tempo de pregação e são canções de alguns autores são de “vias espúrias”. Para o pastor, os hinos da Harpa informam uma “linda” história, história da Assembleia de Deus e personagens bíblicos, edificam e foram compostos para exaltação de Deus. Segundo Fajardo (2012), os chamados “hinos avulsos”, os que não estão incluídos na Harpa Cristã, se estendem para além da tradição. Estes “hinos avulsos” fortaleceram o mercado do movimento *gospel* e através dele, danças e coreografias foram aderidas pela AD.

Na narrativa de Boaventura Sousa (2016), ele pontuou também críticas ao número excessivo de vocais e grupos de louvor. Para ele, “[...] em alguns lugares não existem mais igrejas, porque as igrejas se transformaram em vocais, e seus filhos em coreógrafos e dramatizados [...] e quanto mais for sacudida a música, tanto mais a igreja se mostra emocionada.” (SOUSA, 2016, p. 241). O estranhamento do pastor coloca em evidência as transformações que as ADs passaram, outrora coreografia e dramatização estariam totalmente reprováveis como parte da liturgia dos cultos assembleianos, para além de ser considerado um entretenimento, que tira o foco o qual o culto se propôs fazer, estreitar a relação com sagrado. Tira a ênfase dos ensinamentos através da exposição bíblica.

O uso da bíblia e sua leitura é para AD um momento de reverência, por isso durante a primeira leitura nos cultos, todos ficam de pé e em silêncio. A bíblia é componente da padronização do “autêntico” assembleiano, pois além de suas doutrinas serem fundamentadas nela, a vida cristã é centralizada na leitura bíblica considerada como “alimento espiritual”. A troca da bíblia impressa pela bíblia eletrônica causou incômodo no pastor, assim como muitos outros têm resistência em usá-la e fazem sermões para que cada membro carregue sua bíblia. No discurso da AD, a bíblia é a espada do cristão na batalha contra o pecado. A representação social do pentecostal é o fiel portando um exemplar da bíblia. Apesar da pouca ou nenhuma alfabetização dos assembleianos, muitos foram alfabetizados através da bíblia tentando lê-la. O próprio Boaventura (2016, p. 244) afirma: “[...] antes poucos crentes sabiam ler, mas todos

possuíam suas bíblia e lições bíblicas²³, hoje poucos crentes levam a bíblia para os cultos [...]”. No nosso trabalho de monografia, *Trajetória e ministério do pastor Boaventura Pereira Sousa na Assembleia de Deus em Bacabal* (1963 – 1996), observamos a baixa escolaridade dos pastores a partir da análise das Cartas de Mudança²⁴ emitidas, nas cartas manuscritas é comum encontrar erros ortográficos e grafia com muita dificuldade.

Ao mencionar o Maranhão como um dos poucos estados que mantêm os “princípios” pentecostais, Boaventura Sousa certamente se refere às Assembleia de Deus do Ministério Missão, sobretudo, as igrejas das cidades maranhenses. Pois na capital, São Luís, poucas são as ADs que preservam elementos da tradição assembleiana. A falta do uso da Harpa é um exemplo, pois em algumas ADs os louvores deste hinário foram substituídos por músicas de cunho emotivos e motivacionais. Geralmente executados por grupos de louvor com longas ministrações sobre um fundo instrumental que faz os fiéis se derramarem em copiosas lágrimas, ato naturalizado pela igreja como quebrantamento espiritual.

Ainda sobre os usos e costumes, o Pr. Boaventura faz a seguinte afirmação:

[...] conheci a Assembleia de Deus no tempo que, se uma crente aparasse as pontas do cabelo, precisava reconciliar-se com a igreja ou era disciplinada. Se um crente deixasse o cabelo crescer de forma anormal, sofria a mesma pena. Se alguém comprasse e não pagasse de acordo com o contrato, era disciplinado como irregular nos negócios. (SOUSA, 2016, p. 238).

O corte de cabelo feminino como já apresentado, foi mencionado em todas as Resoluções que oficializaram os usos e costumes da AD. Bem como, o cabelo crescido dos homens, pois estes eram símbolos de diferenciação dos que viviam fora dos padrões assembleianos. Ser identificado pela roupa, cabelo e pelos negócios era sinônimo de carregar a identidade visual da igreja e para muitos era honroso. Assim como, quem não obedecia às regras doutrinárias, era motivo de vergonha frente aos demais membros, como apontado pelo pastor Boaventura, eles eram disciplinados. Afastados da atividade interna da igreja, se possuísse algum cargo era afastado temporariamente, enquanto durasse a disciplina. E, de forma externa, não poderia cumprimentar os demais com a famosa saudação, “paz do Senhor”.

²³ São revistas produzidas pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD utilizadas na Escola Bíblica Dominical a cada semestre. O semestre dura três meses e cada semestre possui uma temática bíblica diferente.

²⁴ Documento aprovado na Convenção Geral de 1932 seu uso se restringia ao membro assembleiano em trânsito entre as igrejas do país. Objetivo desse documento elaborado pelo pastor, era ter controle de sua membresia e evitar abusos de pessoas mal-intencionadas na igreja. ARAÚJO, de Isael. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

O bom testemunho do assembleiano estava para além do vestir e do andar em acordo com as doutrinas. O legítimo assembleiano na visão de Boaventura é honesto, os seus negócios não possuem trapações, ele honra com sua palavra. Caso contrário, ele também seria disciplinado por sua inadimplência, descontrole financeiro e por ser um mau pagador. Conforme Sousa (2016, p. 239), “[...] o crente tem que ser santo em toda sua maneira de viver [...]”. Como nos apresenta Jaime Delgado (2008, p. 51): “[...] o crente é aquele sujeito pacato, careta, que não se mistura com pessoas de fora da sua congregação, é “honesto”, “trabalhador”, se veste “fora da moda” e quer convencer e converter todo mundo ao seu estilo de vida e crença [...]”.

Sousa (2016) afirma que as mulheres quando cortavam seus cabelos tinham que se reconciliar com a igreja, esta reconciliação ocorria da seguinte maneira: o pastor comunicava a igreja o “delito”, no caso o corte de cabelo, a pessoa argumentava em seu favor, apresentava-se arrependido de tal ação, pedia perdão a igreja se comprometia a não cometer mais aquela “falha” e o pastor perguntava aos demais membros se eles estavam dispostos a perdoar. Na maioria dos casos, a membresia perdoava. Em seguida houve a oração e a reintegração do membro perdoado nas atividades da igreja.

Sousa (2016, p. 86) afirma que: “[...] se doutrinas dessa natureza fossem aplicadas hoje, seriam absurdas e muitos crentes deixariam a Assembleia de Deus, e procurariam outras igrejas, ou até mesmo outra Assembleia de Deus [...]”. Sousa (2016) era ciente das restrições a que os assembleianos eram submetidos, que o público não era mais o mesmo que aceitavam as doutrinas com passividade, que buscavam ajustar sua vida à doutrina. O público dos pós anos 1970 com o advento das igrejas neopentecostais não se submete mais à vontade de Deus, os papéis foram invertidos. Deus que tinha que realizar a vontade do seu povo proporcionando-lhes uma vida próspera, o fiel não precisava mais acertar sua vida como ordena a bíblia, a bíblia que iria se adequar a vida do fiel, caso contrário ele mudaria de denominação. Como o pastor relata, mudaria até mesmo para um outra AD, pois esta possui uma infinidade de ministérios que se utilizam da nomenclatura Assembleia de Deus.

Essas formalidades dentro da AD consistiam em manter o funcionamento das estruturas simbólicas para promover a ordem e o controle na conduta de seus membros. As mudanças que a sociedade havia passado afetaram diretamente as doutrinas da igreja e sua estrutura já não estava mais de acordo com os discursos que foram pregados durante os anos iniciais da AD. Como nos apresenta Michel De Certeau (1982), a formalidade das práticas

muda por uma série de novos funcionamentos, sobretudo dos deslizamentos socioculturais e esses tiveram influências diretas nas mudanças internas assembleianas.

O declínio das formalidades das práticas dentro da Assembleia de Deus não passou despercebido por Boaventura Sousa. Sousa (2016) relatou seu estranhamento com relação ao comportamento de alguns pregadores no interior da igreja e fez a seguinte observação:

[...] hoje há outro fator estranho, alguns pregadores correm pelo salão, fazendo mímica que escandalizam o auditório, enquanto outros derribam os crentes. E tudo isso é feito, em nome de Deus, quando na verdade não tem poder de Deus! Estas são outras diferenças da Assembleias de Deus de ontem. Mas os pioneiros mantinham a doutrina, tudo com decência e ordem. (SOUSA, 2016, p. 240).

Para o pastor as evidências da manifestação do poder de Deus durante as pregações estavam bem distantes da euforia do preletor em correr, gesticular em excesso, ou, derrubar os membros da igreja encenando uma possível expulsão de demônios, exorcismo. Prática recorrente nas igrejas neopentecostais que adentram a liturgia da AD e na visão do pastor, tal comportamento causa escândalos ao auditório que assiste à espetacularização da performance exorcista. Os pioneiros são citados como exemplos daqueles que prezavam pela doutrina com ordem e discrição.

O estranhamento do pastor no tocante aos preletores está na falta de auxílio voluntário na ministração bíblica das igrejas. Convidar preletores de fora, de outras cidades ou estados geram muitas despesas financeiras e o resultado na conversão de pessoas são poucos. Boaventura Sousa (2016) relatou que “[...] nas décadas anteriores os pastores das Assembleias de Deus cooperavam na obra de Deus. Independente de despesas para as igrejas, hoje as igrejas fazem muitas despesas com transporte de preletores e o resultado é pouco [...]” (SOUSA, 2016, p. 243).

Sousa se refere ao capital simbólico que as igrejas investem em pastores para ministrar ensinamentos bíblicos nos eventos da igreja e o retorno, conversão, é baixo. Sobre essa relação de troca Boaventura acrescenta que: “[...] hoje é diferente, qualquer reunião festiva, trazem pastores de outros lugares, ocasionando despesas para as igrejas [...]” (SOUSA, 2016, p. 243). A cobrança de cachê, despesas com transporte, hospedagens, exigências contratuais por parte de pastores convidados para as festividades da AD, não era visto com naturalidade por Boaventura Sousa e sim como vaidade.

O conteúdo da ministração bíblica não foi excluído da análise comparativa realizada por Boaventura Sousa. Conforme o pastor, “[...] outra diferença de ontem para hoje, é que

quando se falava com um crente, ou se ouvia uma pregação, sempre faziam referência a vinda de Cristo e estes princípios estão desaparecendo nas Assembleias de Deus [...]” (SOUSA, 2016, p. 243). A pregação cristocêntrica e escatológica era uma característica do pentecostalismo clássico, fundamentada na Bíblia, sobretudo, no livro de Apocalipse e dava ênfase à segunda volta de Cristo que levará a igreja para viverem juntos no céu para toda eternidade. Quem não pertence à igreja viverá a eternidade condenado no inferno, segundo a interpretação apocalíptica. Esta abordagem dualista de céu e inferno, vida e morte, plano terreno e o celestial é frequente nas ministrações da AD. Porém, na visão do pastor essa temática caiu no desuso proporcionando espaço para mensagens mais brandas e sem teor evangelístico.

Para além da mensagem escatológica, o pastor também relatou: “[...] outro fator que diferencia as Assembleias de Deus, é que hoje poucos pastores pregam sobre o batismo com o Espírito Santo, cura divina [...] Essas doutrinas são obsoletas para muitos pastores.” (SOUSA, 2016, p. 238). Como já mencionado anteriormente, o batismo com Espírito Santo é um dos pilares que sustentam o pentecostalismo. As contínuas e fervorosas orações para a manifestação visível do Espírito Santo, o falar em línguas estranhas, era a confirmação de que o fiel teve uma experiência profunda com sagrado. Essa é considerada ainda um estágio de santificação e intimidade com o transcendente. Sousa (2016) afirma que “[...] outra diferença de hoje, é que na década de 40 o poder de Deus se manifestava em quase todos os cultos. Hoje na maioria das Assembleias de Deus raramente [...] se ouve o crente falar em línguas estranhas [...]” (SOUSA, 2016, p. 239). A falta de pregação sobre o Espírito Santo, culminou na inconsistência de ouvir os membros falarem em línguas estranhas. Para Sousa (2016), a falta de evidência do Espírito Santo no decorrer dos cultos, se configurou numa divergência das ADs antes e após 1940.

A cura divina também era uma prática alcançada por meio de intensa oração e ação sobrenatural do Espírito Santo. A Assembleia de Deus acredita na doação dos dons espirituais²⁵, que são capacitações “especiais” na vida cristã, dentre esses está o dom de cura, quem possui este recurso pode curar qualquer enfermidade.

²⁵ Os dons espirituais são para o assembleiano manifestações sobrenaturais intermediadas pela ação do Espírito Santo, fundamentada no livro de 1 Coríntios 12. São listados nove dons: palavra da sabedoria, palavra da ciência, fé, curas, operação de maravilhas, profecias, discernimento de espírito, interpretações de línguas e variedades de línguas.

A ortodoxia instituída pela AD, na opinião de Boaventura, se ofuscou e foi deixada no passado. A Assembleia da atualidade estava cada vez mais distante da Assembleia dos anos iniciais e isto não era agradável ao pastor. O “ser diferente” não estava mais fazendo a diferença. Michel De Certeau (1982) afirma que: “[...] o crente se diferencia do incrédulo – ou o católico do protestante – pelas práticas. Tornando-se um elemento social de diferenciação religiosa, a prática ganha uma pertinência religiosa nova [...]”. (CERTEAU, 1982, p. 35). A prática de diferenciação e vice-versa, não estava promovendo a diferenciação religiosa que o assembleiano buscava manter.

Ainda sobre a prática de diferenciação, uma prática adotada pela Assembleia de Deus que em nada agradou a Boaventura Sousa foram os retiros espirituais. Sousa (2016) relatou que: “[...] outra diferença, é que antes não existiam retiros nas Assembleias de Deus, hoje cada congregação tem seu local programado fora do templo, aumentando assim trabalho para o pastor. Mas se o pastor não aceitar, há perigo de evasão [...]” (SOUSA, 2016, p. 238). Os retiros foram adotados pelas igrejas como um meio de estreitar as relações com o sagrado, refletir sobre sua caminhada cristã e mensurar o que precisa ser aprimorado. Mas, nas ADs, assim como em outras igrejas cristãs, o principal objetivo é evitar que o público jovem seja atraído para o meio das festas consideradas pagãs, sobretudo, o período carnavalesco. Porém, Sousa (2016) pontua seu incômodo com essa prática, pois nos anos de 1950 e 1957 teve os primeiros contatos com retiro e não foi uma experiência positiva, já que houve desentendimentos entre os pastores e os pais de duas jovens retirantes.

Essa é uma ação que nas ADs não era comum, já que a figura do pastor era vista como um oficial eclesiástico que promove orientação ao seu rebanho para que esse não se perca, é de sua responsabilidade orientar suas ovelhas para que elas não caiam no “mundo”. “O mundo era, para o movimento pentecostal, um lugar de trevas e estava tomado pelas forças do maligno [...]”. (BAPTISTA, 2002, p. 234). As ovelhas, por sua vez, tinham que ouvir a voz do seu pastor e obedecê-la. Abandonar a igreja porque o pastor foi contrário à realização de algum evento, significava que a relação da ovelha com seu pastor não é de sujeição e obediência. A autoridade do pastor era inquestionável pela igreja, logo essa também é mais uma diferença da membresia assembleiana depois que a doutrina foi reformulada.

Todavia, as doutrinas se aplicavam também aos pastores. Boaventura Sousa (2016) relata que os pastores também eram chamados atenção pelos missionários. Em sua narrativa afirma que os pastores eram cobrados a darem exemplo, serem zelosos pela doutrina e

ensinados a terem reverência no templo. Neste sentido o pastor faz a seguinte observação: “[...] o missionário Nels Nelson²⁶ doutrinava aos pastores: ‘ensinem aos irmãos – orai reverentemente a Deus, porque o seu culto oferecido a Deus começa com sua entrada ao templo’ [...]” (BAPTISTA, 2002, p. 234).

A reverência ao chegar no templo como mencionada por Boaventura Sousa, nos remete a Mircea Eliade (1992) sobre a homogeneidade do espaço, pois o autor afirma que para o homem religioso o espaço apresenta roturas. Ao usar o exemplo da igreja como espaço sagrado e sua porta como limiar que separa dois espaços: o sagrado e o profano. Eliade (1992) apresenta que o interior da igreja é um recinto sagrado, há a manifestação, comunicação com Deus e o profano é transcendido. Diante disso, a reverência cobrada dos pastores e demais membros faz parte do culto, adentrar o interior do templo é considerado como parte da experiência com o sagrado.

Sobre a cobrança pelo zelo da doutrina da AD por parte dos pastores, Boaventura Sousa (2016) afirma que a igreja é pouco doutrinada pelos pastores, que estes fazem ínfimo esforço para manter os ensinamentos e aplicar corretamente os preceitos para o crescimento espiritual da igreja. O pastor afirma que: “[...] poucos pastores das Assembleias de Deus no Brasil reservam um dia da semana, para doutrinarem a igreja. Os pioneiros esforçaram-se em manter uma igreja santa, por isso doutrinavam [...]”. (SOUSA, 2016, p. 239). Como citado pelo pastor, esse “um dia da semana para doutrinarem a igreja” corresponde ao chamado “culto de doutrina” onde a igreja é ensinada sobre os usos e costumes com exposição mais aprofundada sobre a bíblia. Como pontua o historiador Maxwell Fajardo (2012):

Nesta ocasião o pastor tinha a oportunidade de “exortar” os irmãos, o que no linguajar assembleiano significava que poderia trazer uma confrontação mais contundente quanto ao comportamento social dos membros da igreja e efetivamente fazer cobranças quanto ao cumprimento do padrão. (FAJARDO, 2012, p. 303).

A exortação nas Assembleias de Deus não é sinônimo de motivação e incentivo, significa repreensão. Os “cultos de doutrina” não possuem caráter pedagógico de estimular seus membros a preservar os princípios doutrinários, nele os membros já recebem o sermão e a reprovação dos seus comportamentos, ou seja, o culto de doutrina é mais punitivo do que educativo sobre os preceitos morais da igreja. Como relata Fajardo (2012), é uma confrontação, efetiva, incisiva para que a igreja obedeça às regras doutrinárias dentro e fora do espaço religioso. O afrouxamento nas ministrações doutrinárias causava incômodo no

²⁶ Missionário sueco, evangelista, pastor, ensinador e antigo líder nacional das Assembleias de Deus por mais de quarenta anos. Faleceu em 1963.

pastor, pois no seu entendimento a negligência dessa temática corrobora para que a igreja se corrompa.

Boaventura Sousa faz uma reflexão em sua autobiografia sobre as mudanças doutrinárias que ocorreram com o passar dos anos na Igreja Assembleia de Deus. Como apresentamos, o pastor aponta questões que para ele passaram a ser mais flexíveis e elementos que foram perdendo sua representatividade dentro do cenário assembleiano. O pastor lamentou essas mudanças, pois na sua visão à medida que os elementos simbólicos: Harpa Cristã, leitura bíblica coletiva com o exemplar da bíblia impressa, ministrações assíduas das doutrinas pentecostais, ênfase no batismo com o Espírito Santo, mensagens escatológicas, cura divina e preservação dos usos e costumes entraram no desuso, a identidade assembleiana também foi se descaracterizando. Com um extenso pastorado desde meados da década de 1940, Sousa acompanhou as principais discussões acerca dos usos e costumes da AD, as Convenções que não esteve presente foi informado pelo jornal *Mensageiro da Paz* sobre os temas debatidos.

A vida de Boaventura Sousa foi imbricada com as doutrinas da AD, ele internalizou as regras estabelecidas pela Igreja, seu *habitus*. Sua identidade individual estava diretamente ligada ao cargo que ocupava, pastor. As práticas religiosas estavam presentes no seu cotidiano, foram reproduzidas até de maneira inconsciente reforçada pelos setenta anos de ministério pastoral, o qual é possível dividir em: dezesseis anos antes de Bacabal, trinta e três anos em Bacabal e vinte e um anos como pastor aposentado. Preservar pela identidade assembleiana não foi custoso ao Boaventura.

3 ORALIDADE NA ASSEMBLEIA DE DEUS: BOAVENTURA SOUSA NA NARRATIVA DOS ASSEMBLEIANOS BACABALENSES

Neste capítulo buscamos analisar as entrevistas realizadas com membros da Assembleia de Deus em Bacabal que tiveram vivências com o pastor Boaventura Sousa durante o período em que esteve à frente da Igreja. Através da metodologia da História Oral foi possível colher da membresia assembleiana bacabalense não em sua totalidade, a percepção que eles possuem acerca do referido pastor. Nos interessa saber a leitura que fizeram sobre o pastor Boaventura, a influência que Sousa tinha sobre eles, a memória que ficou do pastor e a contribuição do seu pastorado para vida espiritual desses sujeitos. Consideramos relevante o levantamento de lugares de memórias físicas e imateriais: relicário, placas, biblioteca, rua na cidade de Bacabal com o nome de Boaventura Sousa e fontes imagéticas em torno da atuação do pastor.

3.1 REMEMORAR E CONTAR BOAVENTURA SOUSA

Dentro da Assembleia de Deus é comum o ato de cantar, testemunhar e contar. Cantar louvores, testemunhar milagres e contar livramentos. O que não diverge desta metodologia de trabalho pautada no ato de ouvir e contar que compõem a História Oral utilizada para que pudéssemos a partir da rememoração e narrativas dos membros da AD, mapearmos a representação que compartilham acerca de Boaventura Sousa. A memória coletiva desse grupo é importante, pois além de ser o público que participou de maneira ativa no auxílio ao pastor dentro da hierarquia assembleiana, também são pessoas que participavam da vida privada do sujeito Boaventura quando este descia do púlpito.

Colher o depoimento desses entrevistados contribuiu para endossar nossa fonte oral, não descartando a interpretação e análise dessas falas. Pois concordamos com Alberti (2005) ao afirmar que há um equívoco quando o depoimento do entrevistado, a entrevista publicada já é considerada História, já que ainda conforme a autora Verena Alberti “[...] a história, como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidades: selecionamos, conjunturas e modo de viver, para conhecer e explicar o que se passou [...]” (ALBERTI, 2004, p. 14). Alberti (2004) afirma que se levaria uma vida inteira para relatar tudo que aconteceu ao longo da trajetória de cada indivíduo e a síntese que se rememora pela experiência do sujeito são “pedaços do passado” que de alguma forma ficou na memória e vivência individual ou coletiva, quando acionada no presente, esse passado emerge.

Embora Boaventura Sousa seja considerado uma memória recente na AD em Bacabal, o seu pastorado à frente da Igreja não é tão recente, a geração da década de 1990 não possui memória de Sousa conduzindo os assembleianos. possuem a memória do pastor jubilado como conselheiro da liderança em exercício, mas não como pastor presidente. Para obtermos narrativas sobre Sousa na atividade pastoral foi necessário recorrer aos membros mais antigos na Igreja. A membresia mais jovem que possui alguma lembrança de Boaventura como pastor titular provavelmente é fruto de uma memória adquirida dos idosos e certamente essas memórias foram relatadas através da oralidade. Uma vez que a história e os lugares de memória acerca do pastor foram se construindo gradualmente.

Podemos considerar a oralidade como um fio condutor que une memória e história. Uma discussão necessária dentro do campo historiográfico utilizado pelo francês Pierre Nora (1993) que discute a problemática do lugar entre memória e História. Ao afirmar que memória dita e a história escreve, o conceito de Nora (1993) é útil para abordarmos o lugar que Boaventura ocupa dentro e fora da comunidade evangélica bacabalense. A narrativa fundamentada na memória é responsável por transmitir as lembranças, por conservar o passado que já não existe mais e o arquivamento dessa memória se concretiza nos lugares, nos objetos, no simbólico. Desta maneira, é possível afirmar que houve por parte de Boaventura Sousa e da Igreja a preocupação de não apagá-lo da memória e de colocá-lo na história da Igreja e cidade de Bacabal. Provavelmente a autobiografia do pastor seja a memória mais estreita e fidedigna de sua trajetória, a auto narrativa do eclesiástico garante ao seu grupo religioso a memória de um tempo em que somente a história não a deixará cair no esquecimento, assim como o sujeito Boaventura. Observando os lugares de memória em torno de Boaventura é possível afirmar que a iniciativa de criar vestígios, de deixar rastros partiu do pastor de forma intencional ou não, eterniza-lo dentro da história foi uma pretensão de Sousa.

A representação do passado de Boaventura através da narrativa dos sujeitos que estiveram no seu presente, não buscam mais relatar o Boaventura, mas quem foi o Boaventura e o seu papel dentro da AD e do pentecostalismo maranhense. Assim como esse trabalho tem como objetivo apresentar o sujeito Boaventura, mas sobretudo reduzir a escala de observação ao lugar que ele ocupa dentro da história/memória, sua centralidade no imaginário assembleiano. Estas são algumas das justificativas para que optássemos em ouvir depoimentos de membros liderados por Sousa, ferramenta que a História Oral nos proporciona, embasada na memória que como bem nos aponta Marieta Ferreira (1998): “[...]a

memória também é uma construção do passado, mas pautadas em emoções e vivências [...]” (FERREIRA, 1998, p. 08).

A História Oral que na virada da década de 1970/1980 saiu da condição de militante para tornar-se uma análise qualitativa e importante das experiências individuais, passou a ser encarados como uma nova maneira de representar a fonte oral que em outrora desprezava os trabalhadores (FERREIRA, 1998). As expressivas transformações no campo da história, segundo Marieta Ferreira, trouxeram inovações nas discussões sobre o papel das fontes históricas e possibilitou que a História Oral fosse inserida nos debates historiográficos atuais. O século XX permitiu que a história do tempo presente convivesse com o depoimento oral, revalorizou o papel do sujeito e buscou operacionalizar com conceitos das representações, imaginário social e relacionar História e Memória.

Uma das principais críticas e desqualificação da História Oral estava relacionado a inexistência de um depoimento oral puro e para obter significado deveria ser confrontado com documentações escritas, conforme Ferreira (1998). Porém, como nos apresenta Verena Alberti (2005), durante a “[...] análise de entrevista de História Oral deve-se ter em mente também outras fontes – primárias e secundárias; orais, textuais, iconográficas etc.- sobre o assunto estudado [...]” (ALBERTI, 2005, p. 187). Uma análise comparativa das fontes é o que nos sugere Alberti, assim como Ferreira pontua que: “[...] a história busca produzir um conhecimento racional, uma crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas passadas [...]” (FERREIRA, 1998, p. 08).

Porém, as fontes orais (memória) e escritas (história), não estão isentas de análise crítica já que ambas podem apresentar parcialidade. Todo documento é produzido com uma intencionalidade, assim como o depoimento de um entrevistado pode haver inconsistência, incoerência e omissões. O documento escrito também é produzido com um objetivo em um dado momento e cabe ao pesquisador identificá-los, colocando as avessas em suas fragilidades.

Conforme Danièle Voldman (2006) a invenção do gravador permitiu à comunidade científica atender as exigências de usar a palavra gravada como fonte histórica. A transcrição dos depoimentos possibilitou duas razões para confiar no documento escrito: a primeira, caracterizar o depoimento exterior com distanciamento das afirmações e a segunda, dar ao documento escrito mérito de transparência, embora a transcrição não coloca a narrativa do

sujeito em uma posição constitutiva de total confiança, mas proporciona ao pesquisador referência, verificação e retorno aos relatos.

A transcrição, uma das etapas no processo de trabalho com as fontes orais, contribui para analisar a narrativa do entrevistado, nos auxiliam a retornar ao que foi dito, a interpretar comportamentos, palavras empregadas, acontecimentos rememorados e como bem citado por Danièle Voldman, até mesmo as contradições são identificadas durante ou após a transcrição de uma entrevista, que possivelmente passou despercebida no decorrer da escuta do entrevistado. O tratamento de entrevista é meticuloso e como aponta Verena Alberti (2005), “[...] muitas vezes é necessário passar o texto transcrito por um trabalho de conferência de confiabilidade- [...]” (ALBERTI, 2005, p. 180).

Desta forma, construímos nossa pesquisa com análise comparativa entre as fontes escritas, orais e imagéticas. Buscando verticalizar e validar as informações obtidas tanto no campo da oralidade como em documentos escritos. O que chama a atenção durante a execução deste trabalho é que nosso objeto de pesquisa, Boaventura Pereira Sousa, não são apenas as narrativas alicerçada na memória da membresia assembleiana acerca do pastor, mas a forma como Boaventura Sousa buscou se perpetuar na história do pentecostalismo bacabalense. Construindo monumentos documentos em torno de si imbricado com a denominação a qual pertencia, AD. A preocupação em ornamentar sua existência, o caracteriza com o tipo biográfico classificado pelo filósofo Mikhail Bakhtin, o aventureiro heroico que procura ter importância no mundo dos outros.

Boaventura Sousa não se limitou apenas em ser importante na narrativa dos membros. Sousa foi um agente influenciador, uma transferência de valores e preceitos cristãos. para aos assembleianos, um remanescente do pentecostalismo, onde nos seus discursos defendem e trabalham de maneira notória na preservação da trajetória do pastor. A romantização nas falas dos membros sobre Boaventura o colocam como um herói, uma pessoa que não tinha conflitos, que vivia “harmoniosamente” com todos. A organização da vida de Boaventura sob a ótica da membresia é apresentada de maneira próxima a um ser divino.

3.2 SOB O OLHAR DA MEMBRESIA: BOAVENTURA SOUSA NA NARRATIVA DOS SUJEITOS

Na Assembleia Geral Ordinária (AGO) sediada na cidade de Timon, realizada entre os dias 23 a 26 de julho do ano de 1963 e presidida a CEADEMA por Estevam Ângelo de Sousa, Boaventura Sousa foi transferido da cidade de Timon, anfitriã da AGO, para a Bacabal. Em

seu lugar ficou o pastor Hilário Pereira da Silva, enquanto Sousa foi designado a substituir o pastor Manoel Alves Ribeiro que atuou na cidade nos anos de 1961 a 1963 e retornou ao estado do Pará (CÂMARA, 2019). No mês seguinte, agosto do mesmo ano, Boaventura tomou posse da presidência da AD na cidade Bacabalense que desde o ano de 1940 passava por instabilidade de lideranças pastorais. Realidade não muito distante da AD na capital, São Luís, que só teve estabilidade em sua liderança a partir de 1957 quando Estevam Ângelo de Sousa assumiu a presidência.

Segundo Orlando Alencar (1997), escritor dileitante e membro da AD em Bacabal, que ao escrever sobre a AD bacabalense e retratar acerca de cada um dos pastores que ocuparam liderança da Igreja, descreveu Boaventura como um homem de muito vigor, energia, disposição, que continuamente visitava todas as congregações do campo (povoados) e dava assistência devidamente na sede (Templo Central). Pelo que Alencar (2012) apresenta, Boaventura chegou na cidade motivado a trabalhar em prol das suas ovelhas e a organizar a administração da Igreja, porém quando observou que havia muito serviço a ser feito, Boaventura Sousa teria distribuído tarefas com seus auxiliares para descentralizar o acúmulo de funções. Mas o serviço de evangelização, conforme Alencar (1997), não parou.

Boaventura Sousa não promoveu somente assistência espiritual aos seus liderados, houve a preocupação também com o social. Criou o Instituto Benemérito Evangélico onde ofertava o ensino fundamental aos filhos da membresia assembleiana e a comunidade local, posteriormente criou a escola Gunnar Vingren em homenagem a um dos missionários fundadores da AD no Brasil. Esta segunda escola foi criada devido a burocracia em colocar o ensino médio no Instituto Benemérito, sob orientação do então deputado João Alberto, há relatos do pastor Boaventura que seria mais viável criar uma nova escola com o ensino médio em vez de adicioná-lo na escola que já havia (ALMEIDA, 2017). Por motivo de saúde, Boaventura precisou se ausentar da área administrativa da escola e por má administração, entrou em decadência.

Dentro da comunidade assembleiana bacabalense essa é uma visão cristalizada sobre o Boaventura Pereira Sousa, um homem de total dedicação ao serviço da igreja e assistência espiritual aos seus liderados. Além de possuir uma postura conservadora dos usos e costumes, prezava pela pontualidade, formalidade, exposição bíblica Cristocêntrica e com ênfase na mensagem apocalíptica, arrebatamento. Para que pudéssemos apresentar como os membros representam o sujeito Boaventura foi necessário a entrevista individualizada com seus

indivíduos que tiveram contato com o pastor e a partir dessa relação cotidiana, narraram suas experiências, o poder de influência de Boaventura e sua visibilidade religiosa.

Toda tarefa executada por Boaventura passou a ser interpretada pela membresia como ato de comprometimento e zelo com trabalho pastoral. Nas narrativas é difícil identificar quando os sujeitos se referem ao pastor de forma individualizada, que tem vontades, que delega funções, que determina e em alguns momentos agiu de maneira ríspida quando contrariado. Toda adjetivação empregada a Sousa o caracteriza como aquele que buscou meios de manter a ordem dentro da Igreja e preservação dos costumes. Nos relatos de José Rodrigues, mas conhecido como Zé Antônio, que foi tesoureiro da Igreja, ele diz o seguinte sobre o conservadorismo de Boaventura e temor das pessoas em se aproximar dele devido a representação espiritual que exercia:

[...] é, muito conservador. Ele era uma pessoa assim sério, porém decente, né? Ele não se... quando as pessoas queriam conversar com ele, muitas pessoas se recusavam a falar com ele, né? Porque ele transmitia ser uma autoridade, ele era uma pessoa muito reservada. Não era muita pessoa que se aproximava dele. Agora eu me aproximava dele por causa da intimidade que a gente tinha... Quando a gente tinha reuniões, ele sempre era muito reservado, ele gostava das coisas certas, corretas e o respaldo dele era muito grande aqui na cidade e até com as próprias autoridades. (informação verbal)²⁷.

A seriedade do pastor enfatizada por Zé Antônio provavelmente se dá pela formalidade que o eclesiástico conduzia a Igreja. Osmilta Teixeira narrou: “[.] ele era aquele povo da antiguidade que não tinha assim brincadeira com ninguém, ele era sério [.]” (informação verbal)²⁸. A ausência de momentos descontraídos ao lado da membresia foi responsável para que Boaventura fosse visto como um homem de poucas relações e retraído, porém o distanciamento de Sousa é considerado por alguns membros como forma de não confundir a hierarquia dentro da Igreja e evitar escândalo.

A conduta conservadora e rígida de Boaventura causava temor em alguns liderados e ao mesmo tempo, principalmente da membresia idosa, promovia o reconhecimento da boa postura de Sousa que se estendia para além do âmbito religioso, pois quem não fazia parte da instituição também atribuía ao pastor um trabalho atuante. O comprometimento do pastor Boaventura em se doar em prol de suas ovelhas era visto com tanto esmero que na fala dos entrevistados é frequente a analogia a passagens bíblicas comparando-o a Cristo. Na narrativa de Osmilta Teixeira quando menciona o cuidado de Boaventura com os membros, em especial

²⁷ Fala do entrevistado José Rodrigues, 2020.

²⁸ Fala da entrevistada Osmilta Teixeira, 2020

a assistência espiritual a sua mãe ao se encontrar doente, ela afirmou que Sousa andou quilômetros para visitá-la:

[...] quando minha mãe adoeceu, ele deu toda assistência lá em casa, ele ia pra olhar como era que tava, em oração pedia muito... (pela cura). Ele dizia que uma ovelha, uma pessoa faltando era uma ovelha. Uma passagem da bíblia, né? Que era cem ovelhas faltou uma e o pastor foi buscar e assim ele fazia. (informação verbal)²⁹

A internalização e reprodução dos preceitos bíblicos por Boaventura, contribuiu para que fosse visto pela membresia como o pastor descrito na parábola da ovelha perdida no livro dos evangelhos de Mateus e Lucas no Novo Testamento. Agir da mesma forma dos personagens bíblicos cristalizou no imaginário coletivo bacabalense a imagem do pastor com uma ética cristã que não deixava dúvidas no exercício do serviço em prol dos seus liderados, sobretudo quando a bíblia, o livro que direciona a vida cristã, é o referencial do comportamento de Sousa.

Na narrativa do pastor Francisco Raposo, substituto de Boaventura na AD de Bacabal, afirma que: “[...] trabalhar onde Boaventura trabalhou é a coisa mais como é que diz... é a coisa mais tranquila possível, é pisar em terreno sólido, entendeu? pisar em terreno sólido, porque o Pr. Boaventura era uma pessoa muito ética, uma pessoa muito séria, uma vida ilibada, um ícone” (informação verbal)³⁰. Na memória dos membros da AD, a boa conduta do pastor Boaventura o tornava uma referência de virtudes que não contradizia o discurso defendido por ele. O “pisar no terreno sólido” era sinônimo de certeza da estabilidade espiritual e que não havia possibilidade escândalo algum pudesse surgir sobre o pastor Boaventura.

O estreitamento da relação afetiva (HALBWACHS, 2006) vivenciada entre o pastor e os bacabalenses assembleianos provavelmente só seja notada postumamente, quando na imaginação dos membros as ações de Boaventura por menor que seja são ressignificadas, como já mencionada, romantizadas. Conforme pontua Maurice Halbwachs, nas sociedades de qualquer natureza formadas por homens existem pensamentos desiguais, onde um ser humano às vezes muito amado não se dá conta do afeto que o rodeia. No exemplo apresentado por Halbwachs (2006), faz menção ao homem piedoso que teve uma vida edificante e que foi santificado após sua morte, porém se surpreenderia se voltasse à vida e pudesse lê sua própria lenda. Com as narrativas e tantas adjetivações atribuídas ao pastor Boaventura, haveria um

²⁹ Fala da entrevistada Olmilda Teixeira, 2020.

³⁰ Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

reconhecimento por parte do eclesiástico ao que é descrito ser sua trajetória? Seria essa leitura que ele almejava em vida que fizessem sobre si? Halbwachs (2006) afirma que:

[...] é possível que o santo não reconheça muitos fatos acolhidos na memória, que talvez não tenham realmente ocorrido. Em todo caso, talvez não o tenham surpreendido porque ele concentrava sua atenção na imagem interior de Deus, o que observaram os que o circundavam, porque sua atenção estava fixada principalmente nele [...]. (HALBWACHS, 2006, p. 36).

Ainda que Sousa não se reconhecesse em acontecimentos apresentados na memória dos membros ou, que alguns fatos não tivessem ocorrido, o que há de comum entre as falas dos entrevistados é o imbricamento do sujeito Boaventura com a vida religiosa. Todas as narrativas começam com ligação de Sousa com a Igreja, como se ambos não existissem isoladamente. A representação individual de Boaventura Sousa interage com a realidade do cargo ocupado por ele ao longo de sete década, uma vez que este, se inspirou nos ensinamentos do cristianismo e seu propósito seja o formular no senso comum a imagem do líder que se concentrou na incessante busca de seguir os preceitos difundidos por Cristo.

De acordo com Portelli (2001), não há esfera isolada entre representação e fatos. O autor pontua que: “[...] as representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representação convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem [...]” (PORTELLI, 2001, p. 111). Por mais ambíguo que possa se apresentar, fato e representação caminham juntos, uma vez que os fatos que ocorreram em outrora são trazidos ao presente e ganham significados na narrativa dos sujeitos, porém a ausência destes acontecimentos não deixa de serem notados. Sandra Pesavento (2003) ao discorrer sobre conceitos da História Cultural, afirma que em representação há ausência e presença, é substituição. As subjetividades de Boaventura organizadas nos relatos da membresia da AD são fatos que refletem sobre a construção da imagem do pastor, que em alguns momentos pode não corresponder à realidade, já que representação é uma nova apresentação, consequentemente novas adjetivações e analogias são atribuídas.

Na autobiografia de Boaventura e entrevistas dele para jornais locais, o pastor se coloca como servo do reino espiritual e primava pelo bom serviço em prol da comunidade cristã. O discurso de Sousa era permeado por uma isenção de vaidade, aparentemente se apresentava despretensioso acerca do lugar que ocupava e da autoridade simbólica que representava. Porém nos relatos do pastor Raposo, há menções de características que

provavelmente jamais chegaram a ser imaginadas por Boaventura. O atual presidente da Ceadema disse o seguinte sobre o pastor:

[...] Pr. Boaventura pra mim era o máximo, era tão forte a liderança do Boaventura que ele já tinha parece-me que vinte e dois anos de jubulado quando morreu e pra mim tinha morrido o pastor da Igreja, eu passei umas três semanas com aquela lacuna como se o Boaventura que tivesse morrido no cargo de presidente da igreja, pastor da igreja e que nós tínhamos perdido nosso pastor. Essa foi, a sensação, o sentimento que eu tive, fiquei como eu disse, umas três semanas com aquela lacuna, perdemos o nosso Moisés. (informação verbal)³¹

Boaventura foi aposentado do cargo de pastor e ficou como conselheiro da liderança em Bacabal. Pr. Raposo relata o sentimento de perda, na sua narrativa ele que era o pastor, acabava de perder seu pastor. por desfrutar da presença de Boaventura desde 1989, ano em que foi transferido para Bacabal, Francisco Raposo sentiu o impacto da partida do pastor jubulado, mas o que chama atenção é a analogia de Sousa com Moisés, líder que tirou o povo hebreu da escravidão do Egito segundo livro de Êxodo. Boaventura era concebido pelos membros como uma figura paternal na fé cristã.

Durante a cerimônia fúnebre houve cobertura jornalística da programação local, onde a TV Difusora em Bacabal, filial da emissora SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), fez o registro do cortejo e sepultamento do Pr. Boaventura. Pr. Walbert Alves ao ser questionado em entrevista sobre o que aprendeu com Boaventura Sousa afirmou que:

[...] o exemplo de determinação, de viver intensamente. O que fez eu mais me espelhar no pastor Boaventura é essa vida intensa que ele teve. O fato dele ter sido jubulado não fez com ele parasse, né? Participava de todas as atividades, de todos as programações, todos os trabalhos planejados na igreja ele estava presente. Então isso de fato marcou a minha vida. (TV DIFUSORA BACABAL, 2017, informação verbal).

Na narrativa do pastor Walbert Alves, a vitalidade e disposição de Boaventura em continuar atuante nos trabalhos assembleiano mesmo não tendo mais a obrigação de se manter presente tão assiduamente, foi fator preponderante para que Alves o destacasse como marco pessoal em sua vida, não só por conta da aposentadoria de Boaventura do cargo de pastor, mas pela limitação da idade avançada. Em vez de diminuir sua presença na programação da Igreja, Sousa continuou participativo nos cultos. O pastor José Rubens fez a seguinte afirmação sobre Boaventura Sousa: “[...] um grande exemplo de como sofreu, de como foi abnegado esse grande homem de Deus.” (TV DIFUSORA BACABAL, 2017, informação verbal).

José Rubens destaca sofrimento e abnegação de Boaventura, discurso reproduzido pelo pastor ao longa de sua trajetória que provavelmente Rubens tenha conhecido não por

³¹ Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

vivenciar momentos de dificuldades e privações com Sousa, já que José Rubens (TV DIFUSORA BACABAL, 2017) destacou durante a entrevista ao jornal local, que teve contato com Boaventura no final da década de 1980, no ano de 1989 foi batizado pelo eclesiástico nas águas do Rio Mearim, porém nessa temporalidade Sousa já não passava por tantos obstáculos, pois em sua autobiografia não há relatos que na década de 1980 Boaventura Sousa passou por adversidades, o contrário, havia dado início a construção do templo central em meados da década de 1980 considerado como maior feito de seu ministério pastoral. Hipoteticamente podemos pontuar que essa fala de Rubens, seja embasada nas leituras que pode ter feito na autobiografia de Boaventura. Pois o lançamento da obra ocorreu no ano anterior a sua morte, 2016, ou o pastor José Rubens leu os rascunhos da autobiografia que ele assegurou ter recebido de Boaventura.

Osmilta Teixeira narra que em 1963, ano da chegada de Boaventura em Bacabal, Sousa tinha muitas dificuldades financeiras, não desfrutava de conforto em lar, não recebia ajuda dos membros da igreja e que Boaventura Sousa sofreu muito. Em vários momentos da fala de Osmilta e de seu esposo José Batista, eles destacam as privações enfrentadas pelo pastor conhecida por eles não através de leitura, mas por ter vivenciado o cotidiano dele antes de sua chegada em Bacabal, quando ainda residia na cidade de Caxias. Osmilta Teixeira afirma:

[...] eles não tinham muita condição, passou muita necessidade, muita privação. Aí já aqui não, aqui melhorou muito pra ele, pros filhos. Mas lá em Caxias mesmo do jeito que eu conheci lá, misericórdia! Mas era um homem que não se reclamava, tudo pra ele *tava* bom. (informação verbal)³²

Ao narrar que Boaventura era conformado com sua situação financeira, pois não reclamava do modo que vivia, Osmilta tem sua fala complementada por José Batista que concluiu: “era porque ele era feliz no sofrimento”. Como já mencionado anteriormente, a vida religiosa estava associada ao desapego material, a renúncia de conforto. Tanto no catolicismo como no protestantismo há associação dos grandes líderes a mártires, aos sacrifícios, vida de abnegação e humildade. A exemplo de São Francisco de Assis, Apóstolo Paulo e o próprio Moisés que abriu mão das regalias do palácio de Faraó, segundo relatos bíblicos.

O entrevistado José Antônio também rememorou as dificuldades financeiras de Boaventura com sua família e a ajuda que a igreja fornecia ao pastor com alimentação e vestimenta a sua esposa. Zé Antônio, como é conhecido na cidade, possui um pequeno comércio em Bacabal e relata episódio em que juntamente com outro membro da igreja,

³² Fala da entrevistada Osmilta Teixeira, 2020.

Orlando Alencar, fizeram doação a família de Boaventura por não possuírem comida. De acordo com José Rodrigues:

[...] muitas das vezes chegava aqui esse mesmo irmão Orlando, chegava aqui e dizia assim: “Zé, só a pessoa que eu tô contando é pra você, mas pra outras pessoas eu não contei, se eu contei, eu não me lembro. Rapaz, eu fui lá na casa do Boaventura e ele tá lá doente como tu sabe, na cama lá doente e eu fui lá na cozinha e não vi nada. Zé, faz alguma coisa pela Inácia?”. Irmã, e eu ia lá no mercado e comprava carne, carne boa, né? Carne boa, aí aqui eu pegava uma caixa e enchia de coisa: arroz, açúcar, café, óleo essas coisas todinhas, uma caixa bem, bem produzida, mesmo legal e levava lá. Olha aqui irmã Inácia e ela ficava: “oh irmão Zé, tô com vergonha”. Aí eu botava lá irmã, oh irmã isso aqui é a igreja que tá dando pra você, não sou eu, é a igreja que tá dando pra você aqui. Aí logo ela dava andamento em fazer o almoço tudo. Sempre era assim, irmã ela chegar aqui e falar alguma coisa assim rum... difícil demais! Mas ela sempre andava aqui, quando ela chegava aqui eu já sabia que ela tava precisando de alguma coisa, acompanhei demais. (informação verbal) ³³

A vida privada do pastor não passou despercebida, por mais discreto que ele procurava ser e mesmo diante da timidez da primeira, Inácia Saraiva, chegava ao conhecimento da membresia a escassez de alimentação básica na casa de Boaventura e conforme Zé Antônio, se tornava mais carente quando Sousa viajava a serviço da Igreja.

As dificuldades enfrentadas por Boaventura Sousa não eram apenas materiais. O pastor Boaventura fez parte da primeira geração de pastores que não precisava de nenhum conhecimento teológico para ser autorizado pastor, não havia pré-requisitos para o pastorado. As falas erradas de Boaventura Sousa só foram incomodar seu auditório anos após sua ordenação pastoral, o que motivou o aprimoramento de seus conhecimentos. Depois que se estabilizou em Bacabal, Boaventura passou a investir nos seus estudos. Ao que parece a cidade bacabalense foi um divisor de águas na vida do pastor, embora essa mudança tenha ocorrido de maneira vegetativa. Os membros da AD que acompanharam a evolução de Sousa, relataram o desenvolvimento da Igreja, a mudança de infraestrutura do templo, estabilidade do número de fiéis, o empenho do pastor em aperfeiçoar sua oratória para melhor servir seu rebanho.

Diante da necessidade de estudar para que seu público deixasse de sorrir do pastor, Boaventura foi construindo uma trajetória de extensas leituras, várias coletâneas e exemplares de livros que desconstruiu do imaginário da membresia o Boaventura leigo. O religioso passou a ser visto como um homem de muito conhecimento e muita leitura, porém a atitude de Boaventura em estudar foi visto como não como algo pessoal, mas como uma aspiração pensando no coletivo, já que a igreja seria principal beneficiada através das ministrações do pastor e desfrutaria de uma preleção com mais aprofundamento teológico. Acerca do estudo

³³ Fala do entrevistado José Rodrigues, 2020.

de Boaventura, José Batista, membro da AD e empresário na cidade de Bacabal faz a seguinte afirmação:

[...] ele tinha não sei quantas formaturas, não era só uma não! Falava não sei quantos idiomas ele. Pastor Boaventura era preparado, um homem que a pessoa procurava assim um defeito nele e somente Deus mesmo que sabe, qual era o defeito dele. A gente olhava assim... um ser humano de grande repercussão aqui na cidade. Aqui os bispos, freiras, tudo era louco por ele. Todo mundo gostava dele. (informação verbal)³⁴

É frequente os relatos destacando a verticalização de conhecimento de Boaventura, em algumas falas Boaventura é visto como exemplo de superação, o que fortalece a admiração dos liderados sobre o pastor. Na memória dos entrevistados é explícito a associação do pastor ao homem sábio e de muito conhecimento. Zé Antônio relatou: “[...] ele para mim era como um pai, porque ele me ensinou muitas coisas. Ele me ensinou... porque ele era uma pessoa muito instruído, né? Uma pessoa, muito sábio e também ele era aquela pessoa muito educada [...]” (informação verbal)³⁵

3.3 LUGAR DE MEMÓRIA (FÍSICOS/MATERIAIS): “PASTOR BOAVENTURA FOI ESSA PESSOA QUE MORREU, MAS AINDA VIVE”

As primeiras horas de 11 de junho de 2017 (Dia do Pastor) silenciaram a cidade de Bacabal (MA). E silenciaram também os obreiros da CEADEMA na medida em que tomavam conhecimento do falecimento do pastor Boaventura Pereira Sousa. O silêncio se deu por estima, consideração e respeito à história de vida e ministerial do pastor que amava ser pastor e que curiosamente partiu para a eternidade no dia em que os homens cristãos decidiram homenagear aquele que foi escolhido para apascentar, alimentar, inspirar e encaminhar os outros a Deus. (O ÚLTIMO, 2017, p. 08).

Acima temos o fragmento do jornal CEADEMA em foco, periódico oficial da Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Maranhão (CEADEMA), que noticiou o falecimento de Boaventura Pereira Sousa. Perceba que o impresso não informa a morte do sujeito, Boaventura Sousa, sem antes mencionar a data comemorativa referente ao ofício exercido por ele. Antes de dar nome ao sujeito, mais uma vez sua função eclesiástica é mencionada e logo após a identificação, o ministério pastoral e a estima que Boaventura tinha por ele são destaques na informação. O indivíduo e o seu ofício estavam indissociáveis. O impresso trouxe estampada na primeira página o seguinte título: “O último adeus ao Pr. Boaventura”.

³⁴ Fala do entrevistado José Batista, 2020.

³⁵ Fala do entrevistado José Rodrigues, 2020.

Figura 2: Notícia do falecimento do Pr. Boaventura



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

A extensa reportagem em homenagem a Boaventura Sousa, trouxe relatos de pastores que tiveram vivência com ele e republicou uma entrevista cedida pelo pastor ao jornal ano de 2005. O noticiário publicou: “[...] um dos ícones das Assembleias de Deus, morre aos 90 anos em Bacabal (MA).” (O ÚLTIMO, 2017, p. 08).

Boaventura Sousa após rápida internação por conta de uma pneumonia e problemas renais veio a óbito. A repercussão do falecimento do pastor na cidade bacabalense, ocorreu por conta de sua popularidade obtida ao longo dos trinta e três anos (1963-1996) o qual foi pastor presidente da Igreja Assembleia de Deus. Em meados da década de 1990, foi jubilado/aposentado do cargo de pastor. O corpo foi velado em sua residência e depois seguiu ao templo central da AD. Durante o cortejo fúnebre, houve muita comoção, fluxo intenso de carros e motocicletas aglomeraram o percurso até o cemitério.

O prestígio e notoriedade de Boaventura Sousa lhe renderam várias homenagens de figuras do meio político e religioso. O senador João Alberto que emitiu nota de condolências aos familiares e prestou homenagem póstuma ao pastor na Tribuna do Senado Federal. Os deputados federais João Marcelo e Alberto Filho, lamentaram a morte do pastor. O prefeito da cidade José Vieira Lins, popularmente conhecido como Zé Vieira, juntamente com o

presidente da câmara dos vereadores, Edvan Brandão, decretaram luto oficial por três dias. No meio religioso, pastores³⁶ e membros lamentaram a perda.

Sobre o falecimento de Boaventura, a Assembleia de Deus em São Luís emitiu apenas uma nota de pesar via aplicativo de mensagens, *WhatsApp*, sem nenhuma publicação oficial da instituição. No jornal Mensageiro da Paz (MP), periódico oficial da Assembleia de Deus no Brasil, não houve qualquer pronunciamento sobre o assunto. O único impresso que noticiou a morte de Boaventura Pereira de Sousa, foi o jornal CEADEMA em foco. Além de algumas páginas de *Blogs* e jornais locais da cidade de Bacabal. Diferente da repercussão e exposição do falecimento de Estevam Ângelo de Sousa que teve edição especial em março de 1996, no MP.

Apesar de não obter notoriedade nos impressos de maior circulação da AD e noticiários com abrangência a nível estadual, a morte de Boaventura não deixou de ser vista como uma perda que deixou uma lacuna não somente na AD em Bacabal, mas na comunidade assembleiana maranhense. Pois Sousa, embora estivesse com idade avançada, ainda recebia convite para ministrar igrejas em outras cidades e participava de eventos da denominação.

A memória oficial da AD não deixou de lamentar a morte de Boaventura Sousa, porém o seu pesar não foi apresentado como a memória coletiva da membresia ao relatar seu luto. A perplexidade diante da morte de um pastor que devido sua longevidade, ao seu rebanho em alguns momentos parecia que Sousa era um sujeito imortal. A disputa entre as duas memórias, oficial e coletiva, não menosprezaram a representatividade simbólica de Boaventura, entretanto a memória da comunidade assembleiana partilharam a perda de Sousa não somente em narrativa, mas sob o impacto de sua ausência. Diante de uma possível fragmentação de memória, os lugares de memória construídos por Boaventura contribuem para manter a unidade sentimental sobre o vivido com o pastor.

O autor Pierre Nora (1993) pontua em seu texto a oposição entre história e memória, ao mesmo tempo a complementaridade entre elas. Para Nora (1993), a memória está erguida em lugares e a história em acontecimentos. Boaventura se colocou nas duas posições: em lugares e acontecimentos. Ao fundar lugares carregado de simbolismos e significados sobre si, o pastor Boaventura apontava para se fixar na história da AD em Bacabal, deixando

³⁶ Pastores como: Telmí Farias, Coordenador da UNILÍDER (União de Líder de Mocidade da Assembleia de Deus no Maranhão). Pedro Aldi Damasceno, que em 2017 ainda estava à frente da CEADEMA como presidente, Francisco Raposo sucessor de Boaventura e atualmente presidente da CEADEMA, entre outros.

vestígios de trajetória, sua individualidade passou a ser extensa sobre o que seria a representação de um autêntico assembleiano. Os lugares que remetem a respeito de Sousa já não estar mais fechado em si, traz uma carga de reconhecimento, pertencimento e transmissão de identidade e valores que o pastor elegeu ser o mais legítimo na vida cristã. Automaticamente, os membros que têm contato com elementos que acionam a lembrança acerca de Boaventura, concordam que os objetos, signos traduzem o que foi Boaventura.

Dentre aos lugares de memória que contribuem para cristalizar a personificação de Boaventura, mencionado na fala de vários entrevistados foi o relicário do eclesiástico. Um acervo pessoal do pastor com várias ferramentas manuais utilizadas não somente nos exercícios de suas profissões exercidas, como as que foram usadas nos trabalhos evangelísticos. Todos os objetos alimentam a memória de um tempo vivido por Boaventura, é a representação de um passado que cabem dentro um pequeno cômodo da casa onde residiu o pastor. Porém, o lugar deste lugar de memória também é interessante, pois sua localização era privilegiada dentro da residência de Boaventura. O relicário era o primeiro cômodo, como se fosse um santuário, fechado para visitação, trancado à chave para garantir a segurança dos objetos que ali estavam e assegurar que nada se perdesse.

A conservação desses elementos ressalta resíduos da vivência de Boaventura e ao mesmo tempo, são mediação da memória com o passado do pastor que foram ressignificados dentro da comunidade assembleiana ao reconstruir o caminho percorrido por Boaventura. Para Nora (1993, p. 07) “[...] fala-se tanto em memória porque ela não existe mais [...]”. Para bloquear o esquecimento sobre Boaventura Sousa estes lugares de memória são necessários para solidificar um passado que segundo Nora já está morto.

O relicário de Boaventura mediava para o pastor sua realidade, as adversidades enfrentadas e particularidades de sua própria história. História “[...]   reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [...]” (NORA, 1993, p. 09). Dentro da perspectiva de Pierre Nora, Boaventura Sousa passou a ser considerado história, pois para refletirmos sobre o sujeito Boaventura   necessário uma análise e um discurso crítico. Não cabe na história conceber o Boaventura como um eterno presente, esse papel é desempenhado pela memória, seguindo os apontamentos de Nora, na história Boaventura   representação do passado. Para o francês, a história visa não exaltar os acontecimentos, mas anular.

Pierre Nora (1993), pontua que memória e história estão longe de serem sin nimas, porém Boaventura carrega a dualidade dessas duas categorias. Ao ser rememorado pela

membresia Boaventura é memória, bem como ao ser analisado criticamente Sousa é história. Importante ressaltar que Boaventura Sousa pertencia a instituição que produz arquivos, a Igreja, porém a AD até o presente nada produziu sobre Boaventura. O pastor fez caminho inverso, produzindo sobre a Igreja. Desta forma, Sousa se perpetua na memória coletiva assembleiana através dos lugares de memória e consequentemente, nos lugares de história.

O relicário de Boaventura que outrora era fechado e representa apenas sua individualidade e relação com a Igreja, será transformado em um museu com exposição ao público na intenção de ser também uma memória pedagógica ao grupo religioso, AD, o objetivo é passar para nova geração as particularidades não apenas sobre o pastor Boaventura, mas a partir de Boaventura os anos iniciais do pentecostalismo, ação denominada por Candau como memória geracional. O lugar de memória de Boaventura Sousa deixou de ser solitário e passou a ser coletivo.

A memória que se enraíza no palpável, que tem a necessidade de arquivos materiais que ajudam manter a memória afetiva em torno de Boaventura. Dessa maneira, o pastor Francisco Raposo narrou o planejamento de criar no espaço do antigo templo central da AD em Bacabal, um memorial com o nome do pastor Boaventura Sousa.

Nós temos um projeto, aí e naquela parte ali será o memorial pastor Boaventura e eu estou orando pra que a irmã Dijé, a viúva, com a filha que ficou, a família é grande, mas a filha da Dijé é só a Keren que é uma moça hoje estudante de farmácia e ela... estou orando pra que ela me ceda não somente o museu com as peças que ele tem de tudo que ele foi, que ele foi ferreiro, ele foi lamparineiro, ele foi mocado de coisa, trabalhava pra se manter porque na época a igreja não tinha rendimentos, né? Mas também a biblioteca dele que deve ser uma... uns cinco mil volumes mais ou menos. se ela me conceder nós iremos transformar isso em um memorial pastor Boaventura e aberto ao público, colocaremos uma pessoa pra tomar de conta e as pessoas que quiserem estudar a palavra e tal. (informação verbal)³⁷

Esta é uma das alternativas de mantê-lo vivo na memória da comunidade e na cidade. Na cidade há uma avenida com o nome de Boaventura, que segundo o pastor Raposo, esta foi uma solicitação com iniciativa da Igreja. Interessante que Francisco Raposo faz questão que antes de colocar o nome Boaventura Sousa seja adicionado o cargo do eclesiástico, pastor. Pois, para Raposo o ministério pastoral de Boaventura é a sua principal característica.

Aí tem uma rua que vai ligar dois ou três bairros, uma avenida que há é Pastor Boaventura. Ainda não tá pavimentada, mas o nome já é avenida pastor Boaventura, *eu não quero* avenida Boaventura Pereira de Sousa, não. *Eu quero* pastor, porque o que é forte nele é esse chamado, né? Pastor Boaventura. (informação verbal)³⁸ (grifo nosso).

³⁷ Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

³⁸ Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

É perceptível que há o interesse em prestar homenagem ao Boaventura Pereira Sousa, mas há também empenho em deixar rastro da AD nesses lugares de memória, ação que reforçam a estreita relação de Sousa com a instituição. A narrativa do pastor Raposo apresenta um poder simbólico e em certa medida, uma posição incisiva em determinar o *eu quero*. Representa o poder de influência da Igreja dentro da cidade junto as autoridades locais. A representação de Boaventura se estende para além da esfera religiosa na cidade bacabalense como já mencionado. Como exemplo, elencamos o título que Sousa recebeu como cidadão bacabalense, o lugar de memória simbólica dos três dias de luto em razão da morte do pastor. Conforme Nora (1993), essas são unidades temporais e servem para uma chamada concentrada de lembrança.

O que também evoca lembranças de Boaventura é a placa descritiva no ato inaugural do templo central da AD em Bacabal, considerado um dos grandes feitos de Sousa em prol dos assembleianos. O imponente templo simboliza a força do pentecostalismo na cidade, uma das maiores denominações evangélica no Médio Mearim. Porém, a apresentação de templos como monumentos que acionam a memória do pastor não se limita apenas na cidade de Bacabal, já que Boaventura construiu templos em várias cidades maranhenses por onde exerceu seu pastorado.

Boaventura deixou vários escritos, rascunhos de autobiografia, um considerável acervo imagético, fotografias de inúmeras comemorações de aniversários e cartas aos evangélicos. O pastor Raposo destaca uma carta que recebeu de Boaventura pouco antes de seu falecimento. Francisco Raposo detalhou o conteúdo da carta:

[...] quando eu abrir a carta ele dizia assim: pastor Raposo, ilustríssimo senhor presidente da Assembleia de... ele era muito formal. ilustríssimo senhor, presidente da Assembleia de Bacabal e tal, e no documento ele pedia que quando ele é... morresse. Que o presidente da Assembleia de Deus em Bacabal concedesse 5 salários mínimos mensais para com a esposa dele, comecei a chorar quando eu vi aquilo, sabe porquê? Porque a carta dele tava lá e não foi lida em vida, mas quando eu li a carta, nós já tínhamos decidido exatamente sobre isso, exatamente cinco salários nós decidimos pra irmã, sem eu ter lido a carta. Por que eu comecei a chorar? Porque Boaventura tinha uma intimidade tão grande com Deus que mesmo sem ter lido a carta nós decidimos exatamente o que ele queria. A igreja dá cinco salários mínimos pra ela todo mês. [...] Quer dizer, Deus conduziu exatamente como o desejo dele, que eu acho que se ele tivesse pedido 0,10 centavos ia ficar dez... ele tinha uma comunhão muito forte com Deus. Isso me marcou muito também, porque nós decidimos exatamente o que ele queria. (informação verbal)³⁹

Nos relatos do pastor Raposo sobre esta carta onde o remetente era Boaventura Sousa solicitando que não deixassem sua esposa desamparada após sua morte e estipulou o valor que

³⁹ Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

ele gostaria que sua viúva recebesse. O que deixou o pastor Raposo impressionado foi o fato não ter lido a carta de Boaventura assim que a recebeu, guardou e ao realizar uma reforma em sua biblioteca a encontrou, porém Boaventura já havia falecido e o colegiado de pastores já havia se reunido e decidido o valor da mesada que seria destinada mensalmente a família de Sousa. Entretanto, o valor apontado na carta coincidiu com o valor determinado pelos pastores, segundo Raposo sem ele ter conhecimento do conteúdo do manuscrito. Este fato contribuiu para reforçar o imaginário coletivo acerca de Boaventura Sousa como um homem de estreita relação com o sagrado, com uma vida conduzida por algo divino.

Embora os relatos sejam permeados sobre a boa relação com Boaventura, os conflitos estiveram presentes e em alguns momentos afloraram, porém, há esforços em deixar essas divergências nas entrelinhas. Exemplo disso são os choques na transição da liderança da AD para o pastor Francisco Raposo. Por mais pacífica e respeitosa que fosse a convivência com Boaventura Sousa, pastor Raposo afirma que houve momentos que as discordâncias emergiram.

Eu cheguei, assumi a vice-presidência da Igreja e comecei a trabalhar da forma como eu sabia e com certeza os choques, as pessoas que conheciam Boaventura e me conheciam com certeza começaram... entendeu? Então com certeza teve coisa em que eu descordei e não só uma vez e teve até momento de eu sair de casa e dizer: hoje Boaventura vai me escutar, mas quando eu chegava lá. Ah não! Quando eu olhava pro Boaventura, que via nele aquela figura divina, os poucos cabelos que ele tinha já eram brancos e conhecendo a história dele, aquele Raposo que ia pra falar... pra, pra, pra trucar digamos assim, se desmontava e ao invés desse atrito já vinha a vontade de abraçar e beijar pra você ver como essa forte a figura dele. (informação verbal)⁴⁰.

Sem pontuar os motivos dessas divergências com Boaventura Sousa, o pastor Raposo expõe que houve situações em que esteve prestes a confrontá-lo, mas que recuou por ver em Sousa uma figura divina. Tamanha é a admiração pela pessoa de Boaventura que o definem de maneira divinizada. O cuidado em encontrar adjetivos para descrever e destacar suas qualidades assumem tom de exagero, mas para a membresia as palavras se tornam limitadas quando são para se referirem ao pastor Boaventura. Por mais que nos relatos os desentendimentos sejam ressignificados, minimizados, ou, evitados pelos entrevistados na tentativa de embelezar a trajetória de Boaventura Sousa.

O pastor Raposo afirma que enquanto esteve na vice-liderança, embora inúmeras vezes tenha discordado de Boaventura, nunca teve a ousadia de desobedecê-lo.

No período que ele era o pastor titular eu nunca fiz nada sem combinar com ele, todo dia eu tava na casa dele. E quando eu ia indicar alguém pra alguma função da igreja

⁴⁰ Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

Pastor Boaventura, eu ouvir aí... as vezes eu questionava, né? Pastor, mas é por isso, por isso, por isso, mas só fazia se ele concordasse. mesmo ele doente lá na cama, entendeu? Mas eu nunca fazia, nunca, jamais convidei um cantor, um pregador sem pastor Boaventura dizer: sim! Nunca fiz isso. Nunca ousei passar por cima de uma orientação dele. Só maluco que faz uma coisa dessa. É só querer quebrar a cara mesmo, eu não, nunca tive essa ousadia, não! (informação verbal)⁴¹

Interessante que o pastor Raposo pontua que em vários momentos discordou de Boaventura e pondera sua fala ao afirmar que em toda relação saudável há divergências. Porém, Francisco Raposo assegura que sempre alinhava suas decisões com as orientações de Sousa enquanto atuou como vice e quando se tornou titular na presidência da AD, Boaventura nunca interferiu nas decisões tomadas por Raposo. Desta forma, as contradições presentes na narrativa do pastor Raposo nos levam a refletir sobre um Boaventura persuasivo ou tirano?

Segundo os relatos de Francisco Raposo, nem persuasivo e nem tirano. Boaventura Sousa era um conselheiro que no ápice de sua longevidade tinha as palavras certas para cada momento e menciona situação em que estava passando por dificuldades pensou em sair de Bacabal, mas foi aconselhado por Boaventura a desistir.

Uma vez eu me atribulei, vou embora! disseram pra ele lá, veio bater onde eu: “você não pode sair de Bacabal, você não tem o seu substituto ainda, Deus ainda não mandou o seu substituto. Se acalme! Veja de onde vem essas coisas e tal”. Sabe? Era um conselheiro mesmo, um apoiador, mas não um apoiador só de palavras, não! É em obras. (informação verbal)⁴²

Para comunidade assembleiana que acredita na representação do pastor como autoridade escolhida por Deus para conduzir o seu rebanho ao caminho da “salvação”. Um aconselhamento direcionado a um liderado no momento de angústia dito em nome de Deus tem forte carga espiritual e poder simbólico. O que contribui para explicar os recuos que Raposo fez todas as vezes que quis confrontar Boaventura Sousa. A relação dos pastores, Raposo e Boaventura, se apresenta harmoniosa nos relatos dois, mas segundo o pastor Francisco Raposo nem sempre a transição de uma liderança é pacífica. Pastor Raposo afirma que:

[...] há duas coisas que podem acontecer: o substituto de ciumar e começar a perseguir e falar mal. Colocar entrave na carreira do outro ou, o substituído começar a deixar de lado o substituto e pisar, machucar a família. Infelizmente isso não devia acontecer em lugar nenhum, muito menos na igreja, mas a história prova que acontece.(informação verbal)⁴³

⁴¹ Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

⁴² Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

⁴³ Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

Apesar dos relatos de divergências entre lideranças, os conflitos não se limitam apenas à cúpula da Igreja. A membresia por maior que seja a subordinação aos seus superiores, elas também em determinado momentos desejam ter suas vontades acatadas por sua liderança. Como é o caso de Orlando Alencar que após várias candidaturas ao cargo de vereador na câmara bacabalense, jamais conseguiu ser eleito. De acordo com relatos de José Rodrigues, Alencar culpou o pastor Boaventura por seu insucesso nas urnas.

Tinha um auxiliar aqui por nome Orlando Alencar que ele era regente de coral... tentou várias vezes (se candidatar), não consegui! E uma certa vez, eu lembro que ele teve até uma certa desavença com o pastor Boaventura por isso que não elegia. Pastor Boaventura, nesse dia até ele chorou, né? Ele disse: “irmão, eu tenho procurado lhe ajudar, eu não sou culpado, irmão. Não sou culpado de você não se eleger, não! fiz tudo que eu podia por você, agora se a igreja não correspondeu...” nunca se elegeu pela igreja. (informação verbal)⁴⁴.

Como homem de forte influência dentro da igreja, mas foi a política que mostrou para Boaventura que seria capaz de ofuscá-lo. Pois segundo relato de José Rodrigues, Sousa tinha dificuldade de apresentar candidatos a membresia e quando apresentava, poucos eram os que votavam no candidato. Assim como a religião, a política em Bacabal é pujante, essas duas se perpassam, se alimentam mutuamente e ganham cada vez mais força. Apesar de ambas precisarem do coletivo para estabelecer sua relação de poder, é no interesse individual que essas relações se fragilizam e muitas vezes se fragmentam. Conforme o membro José Rodrigues, ao ser questionado sobre a relação do pastor Boaventura com os políticos e se estes procuravam o pastor durante o período eleitoral. Rodrigues afirma que:

[...] procuravam bastante, porque todo tempo ele foi envolvido assim a amizade com político, esse pessoal sempre procurava a igreja. Ele tinha dificuldade, ele falava para os irmãos, pra votar nas pessoas que sempre procuram ajudar a gente, que tá sempre do lado da gente, mas a igreja não vota não, irmã! É a minoria que vota e ainda hoje o pastor tem dificuldade. Quando ele quer pedi voto para alguém, mas sempre tem confusão não tem jeito, porque é muito candidato que chega, né? E hoje em dia tem as pessoas que gostam de receber propina, né? Pra votar em pessoas, aí quando o pastor dá uma mensagem: “eu vou votar é em pessoas que me ajudam”. Pessoas as vezes trocam o voto por uma mixaria, né irmã? Por uma besteira. Sempre nunca deu certo não, irmã! Nós já tivemos vários candidatos, aqui na igreja, mas pra se eleger um é difícil e não é de agora não. (informação verbal)⁴⁵.

A igreja é um curral de votos em potencial, sobretudo, a AD que possui um público em sua maioria periférico, um solo fértil aos candidatos principalmente que se dizem cristãos. Porém, a membresia não estava em comunhão com sua liderança quando o benefício se apresenta no aqui e o agora o interesse pessoal fala mais alto. Podemos perceber no relato de José Rodrigues que a igreja muitas vezes estava reunida, mas nem sempre

⁴⁴ Fala do entrevistado José Rodrigues, 2020.

⁴⁵ Fala do entrevistado José Rodrigues, 2020.

estava unida. O que torna notório a dificuldade de Boaventura Sousa como cabo eleitoral entre seus liderados. É importante ressaltar que havia políticos que eram mais do que um mero candidato, eram amigos de Boaventura Sousa. Estes, tinham votos garantidos dentro da AD. O ex-senador João Alberto é exemplo da fidelidade política de Boaventura.

Figura conhecida na política maranhense, João Alberto⁴⁶, atua no cenário político desde a década de 1970. Com extensa atuação em diversos cargos eleitorais, a cidade de Bacabal foi sua base de apoio com milhares de votos garantidos. Em 1988 foi eleito a prefeito de Bacabal, porém não concluiu o mandato e foi substituído por seu vice, Jurandir Ferro Lago. João Alberto renunciou a prefeitura bacabalense para assumir o governo do Maranhão, onde era vice do então governador Eptácio Cafeteira. Como homem público, João Alberto firmou uma rede de apoio eleitoral controversa que se estende entre o povo da bíblia ao da bala. Encontrou em Boaventura forte cabo eleitoral, que lhe ofereceu o púlpito da igreja em várias ocasiões, sobretudo, nas suas festividades, ocasião em que o auditório estava lotado. Numa relação de troca e favores os benefícios pessoais e coletivos desfrutados pelo pastor Boaventura que eram de doações monetárias à Igreja até tratamento de saúde em Brasília, foi fator primordial para que o elo se estreitasse com o pastor e seu rebanho. José Rodrigues afirma que:

[...] ele sempre levava mensagem, tanto que ele chamava *minha igreja*, João Alberto sempre chama *minha igreja* e a gente tem uma consideração enorme pelo João Alberto também. Pela ajuda que ele fez, também pela colaboração dele, né? quando ele vem aqui ele sempre vai lá e fala. (informação verbal)⁴⁷ (grifo nosso).

Pastor Francisco Raposo afirma que João Alberto e Boaventura tinham estreita relação e embora Boaventura relatasse perseguições vindo de grupos políticos, eles desenvolveram certa amizade. “Houve um período que ele foi perseguido por um certo grupo político, mas depois ele se tornou muito amigo do João Alberto, João Alberto adorava o pastor Boaventura” (informação verbal)⁴⁸. Boaventura não escondia o apreço que tinha por João Alberto. Em entrevista realizada com Boaventura Sousa, ele narrou o início de seu contato com o ex-senador.

O contato dele com a gente, antes nenhum. Então depois ele, nos ajudou porque eu fui ameaçado aqui, por várias famílias. Quando eu cheguei a Bacabal, encontrei a escola Daniel Berg que funcionava dentro do templo, mas ali foi um problema seriíssimo para mim e para a igreja. A igreja, a escola era clandestina, duas escolas da igreja que ambas funcionaram ilegalmente.

⁴⁶ (<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sousa-joao-alberto-de>).

⁴⁷ Fala do entrevistado José Rodrigues, 2020.

⁴⁸ Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

A escola Alcebiades de Vasconcelos que funcionou no povoado Bacuri da Linha, que hoje é município de Olho d'Água das Cunhãs era Bacabal e Daniel Berg que funcionava dentro do templo. Então, aquelas escolas nenhuma tinha qualquer autorização, nenhum tinha qualquer registro de regularização. Pessoas que iam se mudar queriam transferência, não podia dá não sabia nem quem estudou, então por isso eu fui ameaçado por várias famílias. Quando João Alberto soube, veio aqui, me levou a casa do senhor Pedro Sequinse e era o chefe de polícia de Bacabal, pai do secretário de educação do Maranhão, nos levou lá e através de João Alberto nós autorizamos a escola Benemérita. (SOUSA, 2016, p. 86).

O contato do pastor com João Alberto se deu por conta de problemas com escola fundadas pela AD que estavam irregulares e diante das ameaças que Boaventura estava sofrendo dos pais de aluno a aproximação com o ex-senador foi crucial para solucionar as pendências. Boaventura Sousa narrou que embora tivesse proximidade com João Alberto nunca pediu votos diretamente ao ex-senador.

Nunca houve uma manifestação direta, vamos votar em fulano de tal, sempre eu dava liberdade pra que a igreja votasse em quem quisesse, nunca me compactuei com ninguém. Mas a igreja sempre consciente e sempre apoiou doutor João Alberto, João Alberto é menos apoiado hoje, não sei porque. Um grupo de crentes votam em José Vieira que é inimigo de pastores, Zé Vieira cai em pastor que arrasa. Agora eu vou dizer uma coisa, eu sempre fui neutro, dava liberdade aos irmãos de votar em quem queriam. (SOUSA, 2016, p. 86).

Interessante que Boaventura Sousa denominou José Vieira de inimigo de pastores, não chegou a alcançar a conversão de Vieira e nem sua doação de um terreno para igreja para construção de um centro cultural da AD. Em 2016 Sousa já assegurava que João Alberto tinha menos apoio político na igreja, mas foi no pleito municipal de 2020 que a dispersão em votos para Alberto se consolidou, quando se candidatou a vereador em Bacabal e não conseguiu se eleger. Porém, a AD elegeu seus representantes municipais, entre eles, o vereador Marcos Ferreira. A Igreja não perdeu sua força eleitoral, ela mudou o favorecido.

3.4 AS REPRESENTAÇÕES E AUTOIMAGENS: AS CONSTRUÇÕES ACERCA DO PASTOR BOAVENTURA SOUSA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA APROPRIAÇÃO E PERPETUAÇÃO DOS VALORES E DA IDENTIDADE ASSEMBLEIANA

Como já apresentado, a vida de Boaventura Sousa após sua conversão no ano de 1944 foi de entrega ao serviço da Igreja das mais variadas formas: como auxiliar de professor de Escola Bíblica Dominical (EBD), auxiliar de pastor, construtor, evangelista, pastor presidente e pastor jubilado (aposentado). Foram 73 anos de vivência dentro da AD com curtas e longas passagens em diversas cidades maranhenses. Os relatos autobiográficos não comportam as inúmeras experiências vivenciadas pelo pastor, provavelmente pela idade avançada, a memória por mais prodigiosa que fosse, deixou de relatar muitos ciclos de sua vida. Assim

como, relatou de maneira excessiva, outras. Não que essas memórias relatadas em excesso fossem menos importantes, mas que as experiências que foram silenciadas enriqueceriam ainda mais sua escrita e este trabalho.

Dentre as memórias que não foram relatadas estão o dia 14/02/1996 data que seria celebrado o segundo casamento de Boaventura com Severina de Jesus e que não foi realizado por conta do acidente de seu irmão, Estevam Ângelo de Sousa. No dia 30/03 do mesmo ano, data que foi realizado o casamento também não abordado, a inauguração do templo central em Bacabal, seu afastamento e substituição por seu irmão Raimundo Pereira de Sousa por motivos de saúde. Aliás, a saúde de Boaventura foi responsável por sua jubilação que também não é mencionada em sua autobiografia. Como já pontuado, a autobiografia de Boaventura Sousa fala mais sobre a AD do que sobre si.

Talvez esse episódio trágico na vida de Boaventura Sousa tenha contribuído para que a comunidade assembleiana o acolhesse ainda mais, estreitando os laços afetivos com o pastor. Os relatos por parte dos membros da AD sobre esse acontecimento são recorrentes, a tragédia do acidente é um fator que alimenta a memória coletiva e a disputa por quem lembra mais. O entrevistado José Rodrigues relatou o seguinte:

[...] ele ficou abalado, eu até admirei que um homem daquele forte, né? Conselheiro, líder, mas ele se abalou demais. Ele se abalou ao ponto de achar que ele tinha culpa, porque essa viagem era exatamente pra celebrar o casamento. Aí, aconteceu isso e morreu também a filha dele, também, né? Junto. (informação verbal)⁴⁹

A surpresa de José Antônio diante da fragilidade de Boaventura que o considerava um homem forte, viu o pastor Boaventura sucumbir junto com suas perdas. Boaventura que construiu a autoimagem de um desbravador do evangelho, estava recluso em si e vivendo seu luto. A festa que seria comemorada na casa de Osmilta e José Batista precisou ser adiada, porém quando o casamento foi realizado não houve comemoração. Osmilta narra que: “[...] tudo estava preparado, bolo, os convidados.”(informação verbal)⁵⁰. Quando foram surpreendidos pela notícia do acidente. O pastor Raposo relatou que após a morte do pastor Estevam Ângelo de Sousa, ele foi designado por Boaventura para celebrar o seu casamento:

[...] o Estevam morreu exatamente vindo pra fazer esse casamento e que depois da morte do Estevam ele me procura e diz que queria que eu fizesse o casamento dele. Eu disse, mas pastor porque que o senhor não convida... eu não me achei digno do

⁴⁹ Fala do entrevistado José Rodrigues, 2020.

⁵⁰ Fala da entrevistada Osmilta Teixeira, 2020.

casamento de Boaventura. O que que eu ia ensinar pra Boaventura num casamento? Que palavra eu ia dá? (informação verbal)⁵¹.

Diante do convite para celebração do casamento de Boaventura, o pastor Raposo relata que não se sentiu digno de realizar a cerimônia, mas a celebrou por insistência de Boaventura Sousa. O que ensinar ao pastor que durante três décadas esteve ministrando estudo sobre matrimônio? Que incorporou valores para manutenção de um casamento duradouro e passou a ser não somente conselheiro, mas a referência de matrimônio sólido.

O segundo casamento de Boaventura foi responsável por construir a imagem de um esposo zeloso preocupado com o bem-estar da família, não que esse adjetivo estivesse presente no primeiro casamento, porém ele se cristalizou no segundo por existir bens materiais que foram concebidos como sinônimo deste zelo. Os entrevistados elencaram o cuidado que o pastor Boaventura possuía com a segunda esposa. José Antônio Rodrigues narra que:

[...] oh, pra você ter uma ideia Dijé, que é a irmã Severina, né? Ela, depois que ele casou com ela. Ele pediu pra ela estudar, ela se formou. Ele deu aquela casa, tá no nome dela, ele deu pra ela, deu um carro de presente no aniversário dela. É, ele... mandou ela fazer autoescola, tirou a habilitação dela e deixou ela porque a Dijé não tinha nada disso, né? Acho que trabalhavam mais era assim em casa de pessoas, né a Dijé? Mas depois que ela casou com o Pr. Boaventura ela, além dela ter... casado bem que ainda hoje ela chora ainda. A Dijé ainda hoje irmã, com saudade do seu Boaventura e ela toda hora que se fala em Boaventura, ela só conta coisa boa dele. Que ensinou ela, ajudou ela e fez tudo que um marido faz de bom pra uma esposa ele fez pra ela. (informação verbal)⁵²

A vida privada do Boaventura fortalecia os valores morais, cristão, familiar. O esposo bondoso que cuidava bem de seu lar e da Igreja. Osmilta Teixeira afirma que Boaventura era dedicado na igreja, nos estudos e com filhos. Dentro do discurso assembleiano a família é o primeiro ministério a ser cuidado pelo pastor. Desta forma, a membresia aponta Boaventura como modelo a ser seguido.

Os monumentos erigidos em homenagem ao Boaventura estão destacando suas qualidades que segundo Bakhtin (1997), fazem parte da estética formal do autor herói biográfico em expor suas virtudes (Bakhtin, 1997). Diante de sua influência no imaginário assembleiano, Boaventura pôde desfrutar em vida da admiração e agradecimentos que seus liderados tinham por ele. Elencamos depoimentos de um documentário elaborado para homenageá-lo aos noventa anos. No qual pontuam a criação da biblioteca Boaventura Pereira

⁵¹ Fala do entrevistado Francisco Raposo, 2020.

⁵² Fala do entrevistado José Rodrigues, 2020.

Sousa devido sua aptidão a leitura e estudo. A responsável pela biblioteca localizada no interior do templo diz o seguinte:

[...] essa biblioteca, ela nasceu exatamente pra auxiliar os professores de Escola Bíblica Dominical, né? Pra que eles possam se fundamentar melhor e fazer um bom trabalho. Basicamente pra estudar mais a Palavra e ensinar mais. E o nosso maior exemplo de estudioso da palavra de Deus em vida aqui, é o pastor Boaventura. Então, foi uma homenagem mais do que justa... a nossa igreja cresce porque é fundamentada na palavra de Deus e o exemplo que nós temos são desses grandes homens de fé. A exemplo do pastor Boaventura.⁵³

Na narrativa dos fiéis é notório que eles absorveram a autoimagem do pastor construída como homem de conhecimento. A biblioteca que tem por objetivo auxiliar os estudos teológicos da membresia, inspirada em Boaventura, se alinha ao que Pierre Nora (1993) denominou de locais residuais. Pois, aciona qualidades e rastros de Boaventura. Recentemente foi inaugurada uma escola assembleiana que leva o nome de Boaventura Pereira Sousa. Mais um lugar de memória que evoca a perpetuação do pastor na história da cidade, uma vez que na visão dos membros a contribuição do pastor vai para além da AD. O pastor Edison Bispo afirmou em entrevista à emissora local que:

[...] na verdade, não só a igreja de Bacabal perde esse homem de Deus, como a própria cidade, a própria sociedade pelo que ele contribuiu pro reino de Deus durante 34 anos dedicando seu ministério nesta cidade e também seus 21 anos de jubilação. Mesmo jubilado, mas em plena atividade, gozando de saúde, ajudando, cooperando sempre na medida do possível. Deixou pra nós, aos novos pastores um legado de um homem abnegado, dedicado, servo de Deus, zeloso pelo trabalho. Então, por isso agradecemos a sociedade por ter aplaudido.⁵⁴

As narrativas acerca de Boaventura o colocam como um elo, um mediador entre a Igreja e a sociedade. Nos discursos a igreja perdia com sua morte, mas a sociedade também. Essa seria a aspiração da glória, do reconhecimento de Boaventura de fazê-lo pertencer à história cultural da cidade bacabalense. Para Mikhail Bakhtin (1997), aspirar a glória é antes de tudo, crescer e engrandecer o outro e para o outro. É ocupar espaços nos seus contemporâneos e descendentes e não perder seu significado (Bakhtin, 1997). A vida organizada do herói abordada por Bakhtin dialoga com a vida de Boaventura que nos relatos dos assembleianos, representa uma reserva de líder, apresenta aos novos pastores a expressão concreta de uma vida entregue ao ministério pastoral. O significado de Boaventura Sousa será eternizado na memória afetiva da AD. Nos relatos de José Rubens ele afirma que: “[...] a sensação que tenho é que como ele partiu no dia do pastor, foi uma homenagem que o céu fez

⁵³ Entrevista disponível no canal TV IEADEPD: <https://www.youtube.com/@ieadepd>. Acesso em: 20 out. 2022.

⁵⁴ Entrevista disponível no canal TV IEADEPD: <https://www.youtube.com/@ieadepd>. Acesso em: 20 out. 2022.

abrindo os portões da eternidade para entrada de um veterano, de um homem, de um santo homem de Deus.” (TV DIFUSORA BACABAL, 2017, informação verbal).

A morte de Boaventura Pereira Sousa o perpetuará no imaginário de várias gerações não como um sujeito com erros e defeitos, mas como eclesiástico que viveu em prol do evangelho. Oriundo de família simples, encontrou na igreja o que o Estado não lhe ofereceu, trabalho, casa, embora fosse apenas um casebre que durante a chuva não havia diferença da rua, e uma irmandade que se multiplicou ao longo dos anos lhe prestando subordinação e admiração. Para alguns um ser humano sem defeitos, para outros o seu defeito foi ser humano e para todos um pastor que já foi extinto.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou refletir acerca dos lugares de memória construído em torno do pastor Boaventura Pereira Sousa, figura relevante dentro do pentecostalismo no Maranhão, atuante em várias cidades do interior maranhense, mas foi no município de Bacabal a partir de 1963 a 1996 quando assumiu a presidência da AD bacabalense que seu ministério pastoral se consolidou.

Para a abordagem da construção da autoimagem de Boaventura Sousa como referência simbólica do protestantismo, evidenciamos os monumentos, signos e símbolos que visavam apresentá-lo à comunidade assembleiana sua trajetória e atuação ministerial. Para tanto, contextualizamos o cenário da AD no Maranhão paralelo a trajetória de Boaventura.

A década de 1960 foi marcada por acontecimentos marcantes na sociedade brasileira nos diversos cenários: político, cultural e religioso. Dentro da AD, essa foi uma década de discussões acentuadas, pautas sobre os usos e costumes, questões doutrinárias, estruturação administrativa sob comando não mais dos missionários suecos, os pastores brasileiros conseguiram a autonomia e poder de decisão nas Igrejas. Os movimentos culturais foram responsáveis pela reflexão sobre o que é ser um autêntico assembleiano, o uso do impresso oficial da AD, Mensageiro da Paz, teve papel crucial na divulgação do perfil da identidade do membro da AD.

É também na década de 1960 que a construção da memória oficial da AD se inicia, através da escrita. Publicação de edições comemorativas de templo da AD, biografias, autobiografias passaram a compor extensa lista de material impresso sobre a instituição religiosa, AD. Podemos afirmar que é a partir dessa particularidade da Igreja, de elaborar material sobre si que Boaventura como público leitor aderiu a prática de registrar data, inaugurações, guardar objetos e jornais Mensageiro da Paz.

Desta maneira, que paulatinamente Boaventura passou a construir de forma consciente ou não, materiais que auto referenciava: materiais de trabalho, objetos antigos de seus genitores, fotografias entre outros. Porém, o ápice da representação de si, foi a escrita e publicação de sua autobiografia. Mencionada ao longo de toda essa pesquisa, a autobiografia do pastor Boaventura é a expressão que ele almejava bloquear o esquecimento de sua passagem não como sujeito, mas como pastor da AD. Após sua jubilação Boaventura Sousa não se preocupou em escrever exemplares que versassem sobre doutrina, relacionamento com

o sagrado, conteúdo familiar ou algo do gênero histórico assembleiano. Amante da leitura e de centenas de coletâneas teológicas, Sousa limitou-se apenas sobre sua atuação pastoral.

Como um dos mais antigos pastores assembleianos maranhenses, Boaventura Sousa marcou gerações com suas resistências em relação às mudanças doutrinárias da AD. Em sua autobiografia, Sousa apresenta sua insatisfação com substituições da Harpa Cristã, alterações nos trajés, ultrapassar o horário de culto, falta de comprometimentos de pastores com o evangelismo, ausência de liderança vocacionada e presença demasiada de candidatos ao pastorado buscando apenas *status*. Foram questões pontuadas pelo pastor na escrita de si. Durante a análise da autobiografia de Boaventura, cerne dessa pesquisa, podemos perceber que são poucos os relatos, marcos de sua vida pessoal, não há menção de nascimento dos filhos, netos e bisnetos. Casamentos, luto, aquisições patrimoniais, toda sua narrativa discorre sobre seu ministério pastoral.

Buscamos alinhar com outras fontes, sobretudo a fonte oral, para apresentar o Boaventura sujeito, descontraído, fora do poder simbólico e hierárquico da Igreja, mas poucos adentravam na intimidade do pastor. Seletivo e discreto são características que convém destacar no nosso objeto de estudo. O esforço de Boaventura em está associado à igreja foi uma de suas principais estratégias para se perpetuar na memória coletiva do grupo. Atualmente o grupo também se esforça para mantê-lo vivo nos lugares de memória, erguendo monumentos que possam acionar sentimento coletivo e afetivo dos fiéis em relação ao pastor.

Concluimos que Boaventura contribuiu significativamente na consolidação da AD em Bacabal, quando a partir da liderança de Sousa, houve estabilidade no número de membros, organização e descentralização do campo bacabalense. A construção do templo central de Bacabal, um dos maiores do Médio Mearim, compreendido como maior feito de Boaventura. Será o principal elo entre o pastor e a membresia. Sua autobiografia é muito relevante para a história, porém nem todos a leram. Aos entrevistados que foram questionados sobre a leitura da escrita de Sousa, apenas José Rodrigues afirmou ter iniciado a leitura. Entrevistamos sete pessoas e o principal argumento para se justificarem foi a falta de coragem para ler as memórias de Boaventura.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jacimara Sarges. **“Com você em todo lugar”**: Assembléia de Deus e a mídia no Maranhão 1990-2017. 2018. 180f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.
- ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: A questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 66-81, 1991.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 155-202.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus**: Teorização, História e Tipologia-1911-2011. São Paulo: [s. n.], 2012.
- ALENCAR, Gedeon. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus**: Assembleia de Deus - origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: [s. n.], 2000.
- ALMEIDA, Adroaldo José Silva. **"Pelo Senhor, marchamos"**: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Rio de Janeiro: [s. n.], 2016.
- ALMEIDA, Poliane Pereira. Oralidade, memória e escrita: uma análise sobre Boaventura Pereira Sousa na Assembleia de Deus em Bacabal-MA (1963-1996). In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL, 15, 2020. Belém. **Anais [...]**. Belém: [s. n.], 2020.
- ALMEIDA, Poliane Pereira. **Trajetória e ministério do pastor Boaventura Pereira Sousa na Assembleia de Deus em Bacabal (1963-1996)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.
- ARAÚJO, Isael de. **Frida Vingren**: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.
- ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- Azevedo, Lílían Henrique de. **A construção da nova mulher nas revistas Querida e Cláudia (décadas de 1960 e 1970)**. Assis: [s. n.], 2009.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Enciclopédia Einaudi**: Anthropos - Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. p. 296-332.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. **“Fora do Mundo”- dentro da política**: identidade e “missão parlamentar” da Assembleia de Deus em Belém. 2002. 166f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

BARBOSA, Francisco José. **História e magia no cotidiano na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Mateus**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)- Universidade Presbiteriana de Mackenzie, São Paulo, 2007.

BARROS, José D'Assunção. Memória e história: uma discussão conceitual. **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 317-343, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado**: estudos de religião e ritual. São Paulo: Paulinas, 1983.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 44-58, 1998.

CÂMARA, André. **Cumprindo o ide na terra das palmeiras**. São Luís: [s. n.], 2019.

CÂMARA, Samuel. **História da Igreja-Mãe das Assembleias de Deus no Brasil**. [S. l.]: CPAD, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. “O Estado Novo: o que houve de novo?”. In: **“O Brasil Republicano – o tempo do nacional-estadismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 107-143.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAVES, Gunnar N.; PICH, Roberto H. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus e as tensões doutrinárias para o diálogo inter-religioso. **Opinião Filosófica**, [S. l.], v. 10, n. 02, p. 1-23, 2019.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

COPPENGER, Mark. “Livrando-nos da Profissionalização”. In: ARMSTRONG, John (org.). **O ministério pastoral segundo a Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

CORREA, Marina A. O. S. **A operação do carisma e o exército do poder**: a lógica dos ministérios da Assembleia de Deus no Brasil. São Paulo: PUC, 2012.

CORREA, Marina A. O. S. Igrejas Assembleias de Deus no Brasil: pastores-presidente e os “laços fraternos”? **Caminhos**, Goiânia, v. 12, n. 01, p. 240-258, 2014.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DELGADO, Jaime Silva. **Nem terno, nem gravata**: as mudanças na identidade pentecostal assembleiana. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

DE MAN, Paul. **Autobiografia como des-figuração**. Tradução: Joca Wolff. Panfleto político-cultural Sopro, n. 71, 2012.

DREHER, Martin N. Chamado e ordenação pastoral. *In*: BUSS, Paulo W. (org.). **Lutero e o Ministério Pastoral**. Porto Alegre: Concórdia, 2015.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

ESTRADA, Elizabeth Muylaert Duque. **Devires autobiográfico**: a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: Editora PUC – Rio, 2009.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Religião e memória: afirmação da memória institucional da igreja Assembleia de Deus no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ano 5, n. 13, maio 2012.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. **Construção do eldorado Maranhense**: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio Mearim-MA (1930- 1970). Niterói,RJ: [s. n.], 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

FREIRE, Fladney Francisco da Silva. Terecô: entre Memórias, Territórios e Conflitos. **Outros Tempos**, v. 15, n. 25, p. 153-169, 2018.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. *In*: ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOOVER, Thomas Reginald. **Gustav Bergstrom**: herói anônimo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 2006.

KOSELECK, Reinhart. **Futuro passado**: semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed: PUC – RJ, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução: Maria Jovita Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIEDTKE, Paulo Fernando. Políticas públicas de comunicação e o controle da mídia no Brasil. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 1 n. 1, p. 39-69, ago./dez. 2003.

LIMA, Adriano Sousa. Assembleia de Deus no Brasil e o diálogo inter-religioso. **Revista Caminhos de Diálogo**, ano 2, n. 2, p. 43-51, jan./jul. 2014.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, ano 3, n. 23, dez. 1933.

MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro ano 39, n. 1, jan. 1969.

MOTA, Elba Fernanda Marques. **Representação de si e práticas da escrita na religião**: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996). São Gonçalo, RJ: [s. n.], 2013.

NASCIMENTO, Jeverson. As diferenças doutrinárias do Calvinismo e do Arminianismo. **Revista de Estudos Pentecostais Azuza**, Joinville, v. 9, n. 1, p. 81-108 jan./jun. 2018.

NELSON, Samuel. **Nels Nelson**: o apóstolo pentecostal brasileiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

NELSON, Samuel. **Samuel Nystron**: pioneiro do ensino pentecostal em escolas bíblicas. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

NETO, João Somma; Caleffi, Renata; Dias, Eduardo Covalesky. Política e Televisão: sistema de meios e concessões públicas no Brasil e na Argentina. **Open Edition Journals**, [S. l.], v. 10, n. 15, 2015.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

NUNES, Adailton Antônio Galiza. **Campanha da fraternidade**: uma política da Igreja Católica para o Brasil. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2021.

OLIVEIRA, Adriana Matos de. **A jovem guarda e a indústria cultural**: análise da relação entre o movimento da jovem guarda, a indústria cultural e a recepção de seu público. 2011. 110f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

OLIVEIRA, Arilson Silva de. Desvendando a religião e as religiões mundiais em Max Weber. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, jun. 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade étnica, identificação e manipulação. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 117-131, jul./dez. 2003.

O ÚLTIMO adeus ao Pr. Boaventura. **CEADEMA EM FOCO**, São Luís, ano 18, p. 08, jun. 2017 CEADEMA, 2017.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, n. 3, p. 117-127, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PETRUS, Lewi. **Lewi Petrus**: biografia. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Chivitella Val di Chiana (Toscana, 29 de julho 1949): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 103-130.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa III**: O tempo narrado. [S. l.: s. n.], 1991.

ROIZ, Diogo da Silva; FONSECA, André Dione. As representações da Igreja Assembléia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ano 2, n. 4, maio 2009. Disponível em: www.tudosobretv.com.br. Acesso em: 15 jun. 2021.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma análise sócio religiosa. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado**: protestantismo e cultura na primeira República Brasileira. São Luís: EDUFMA; São Paulo: Ed. ABHR, 2006.

SILVA, Maurício Ferreira da. A identidade narrativa em Paul Ricoeur e a relação com o lugar. **Revista Razão e fé**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 58-70, 2017.

SILVA, Pekelman Halo Pereira. **As primeiras décadas do pentecostalismo assembleiano em São Luís (1921-1957)**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2006.

SOARES, Mateus Ribeiro. **O desenvolvimento do espaço urbano em Bacabal**: um olhar sobre o papel dos grandes agentes econômicos em sua trajetória. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2018.

SOUSA, Bertone de Oliveira. **A Historical Perspective about Construction of Religious Identity - The Assembly of God in Imperatriz MA (1986-2009)**. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

SOUSA, Boaventura Pereira. **Autobiografia e eventos que a história não divulgou**. São Luís-MA: Gráfica e Editora Excelência, 2016.

STEIN, Luciano. **Nils Tarenger**: um coração missionário no sul do Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

TV DIFUSORA EM BACABAL. YouTube. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/TV-DIFUSORA-BACABAL>. Acesso em: 13 nov. 2021.

TV IEADEPD. YouTube. [201-]. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ieadepd>. Acesso em: 20 out. 2022. 1 Vídeo.

VASCONCELOS, Alcebíades Pereira; LIMA, Hadna-Asny Vasconcelos. **Alcebíades Pereira Vasconcelos**: estadista e embaixador da obra pentecostal no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

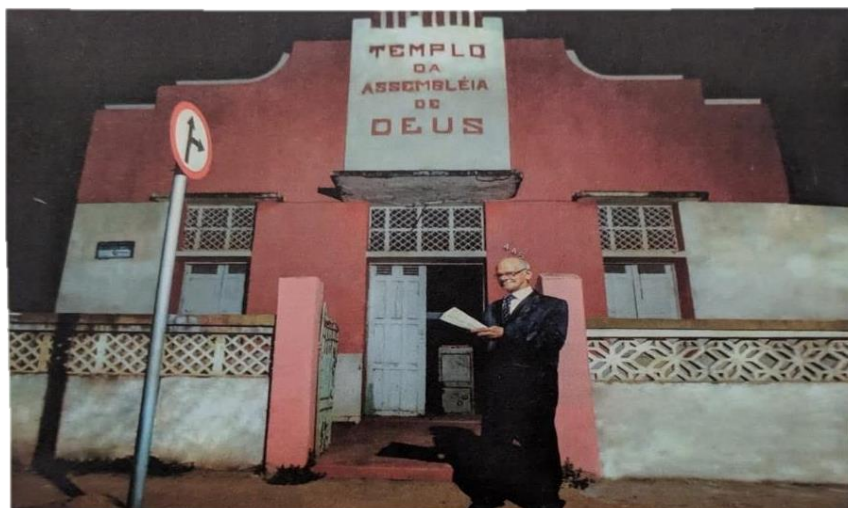
VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 33-41.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução: BARBOSA, Regis; BARBOSA, Karen Elsabe. 4. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito capitalismo**. 2. ed. rev. São Paulo: Pioneira, 2001.

WINGREN, Gustaf. **A vocação segundo Lutero**. Tradução: Martinho Lutero Hoffmann. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

**ANEXO A - BOAVENTURA NA FACHADA DO PRIMEIRO TEMPLO
CENTRAL EM BACABAL**



Fonte: Reprodução da autobiografia de Boaventura Sousa (2023)

ANEXO B - CARTA DE BOAVENTURA SOUSA AOS MEMBROS QUE HAVIAM SE AFASTADO DA IGREJA

Prezado(a) Irmã(o) Fraco Desviado ou caído

O Senhor te abençoe e tenha misericórdia de ti. Num. 6: 24-26.

Prezado(a) Irmã(o) em Cristo:

Com sinceridade e amor de Deus, desejo conscientizar-te em pontos que te ajudarão na vida espiritual; Deus pelo seu Espírito te esclareça. I Cor. 2:9-12 Jud. 3-5. Deus te ama, Jo. 3:16. Cristo resgatou tua alma. 2 Ped. 1:2-3. Ap. 1:5.

O Espírito Santo, santificou e renovou tua vida. Rm. 1:4. Tít. 3:5. Por que não conservaste naquela posição? Mt. 13:28. Deus conjuga suas forças para elevar o homem do nível natural, aos portentosos níveis da graça. Tít. 2:11-14. que muitos não souberam corresponder. O irmão sabia que a concupiscência e o deculdo te fizeram uma vítima? Heb. 3:17-19. 12:15-17. Há três agentes fortes que levam muitos à derrota. O mundo que luta contra Deus. I Jo. 2:14-17. A carne que luta contra o Espírito. Gl. 5:17. E Satã, que luta Cristo, ou a palavra. I Jo 3:8. 8:44. Porém todos são subjugados a Cristo eternamente. Ap. 1:18. Entretanto, Satã, é quase irresistível, não vencendo a Deus, procura vencer o homem, visando a sua alma. Ap. 18:13. E isto meu irmão aconteceu contigo, és um escravo dos vícios e dos hábitos, privado assim da imensa graça de Deus. Mt. 12:45. Rm. 7:8-25. Tg. 1:14-15. Tít. 3:10. Lembra-te Cristo te libertou do poder do pecado, e te salvou por graça. Ef. 2:8-10. Foste perdoado. Jo. 5:14,24. E até motivos para glória de Cristo. Is. 53:11. Heb. 2:13. Mas pelo descuido chegaste a derrota, sendo agora a tua situação lamentável. 2 Ped. 2:17-22. Meu irmão tenho uma grande notícia para ti. Está escrito "Aluda há esperança" Ecl. 10:2. Ef. 5:14. I Jo. 2:1-2. Deus te ama, e quer te libertar. está oferecendo o perdão, aprova-lo Jer.4:1. Ezeq. 18:20-23. Is. 1:18-20. Como prova disto, deu-nos o ministério da reconciliação. 2 Cor. 5:18-21. Jó. 29. bem interpreta a tua situação rememorando o teu passado ativo na casa de Deus. Olha esta frase dentre outras. "Quem me dera ser o que já fui"... É possível que até confundas a condição com as daquelas pessoas Não te detenhas, Deus te ama, e quer te libertar, apodera-te da imensurável graça, quando os teus pecados serão esquecidos, nós não fomos a Deus, Deus veio a nós. Mt. 1:23. At. 22:16. Lc. 15. Mat. 18:12-14. Irmão o teu lugar está vazio na igreja, lembra-te dos dias que fostes tão operoso, Cristo quer entrar em tua vida. Ao. 3:20. Se o aceitares o teu pecado será esquecido. Heb. 8:12. Cristo, te fala, através da igreja e do Espírito Santo Ap. 22:17. Satã quer te enganar, fazendo pensar que na igreja alguém zombará de ti, se isto está acontecendo contigo lembra-te é trabalho dele, olha o seu grande campo de ação. 2 Cor. 11:14-15. Irmão, lembra-te de que teus dias são contados por Deus, porém tu estás na obrigação de aproveitar apenas a metade. Sal. 55:23. Ecl. 8:13. E se estes forem cortados abruptamente? Dn. 5:26. Lc. 12:20-21. Cristo vem breve, e quer te levar, Satã não quer isto, para ele o ideal, é uma morte accidental, para evitar tua reconciliação com Deus, e sua igreja, cuidado ele é astuto. 2 Cor. 2:10-11. 11:3. Queres saber algumas palavras que os desviados pronunciarão após a morte? Jer. 8:20. Pv. 5:11-14, e minha defesa está em Ezeq. 3:19. Meu irmão este poderá ser o meu último aviso, Deus poderá usar outras pessoas, ou a mim mesmo, entretanto tudo depende de Deus, porém tua salvação está dependendo de ti. Esforça-te e vence os obstáculos, e apodera-te da graça de Deus, Amem. Com muita ansiedade pela tua salvação o teu amigo que ora sempre por ti.

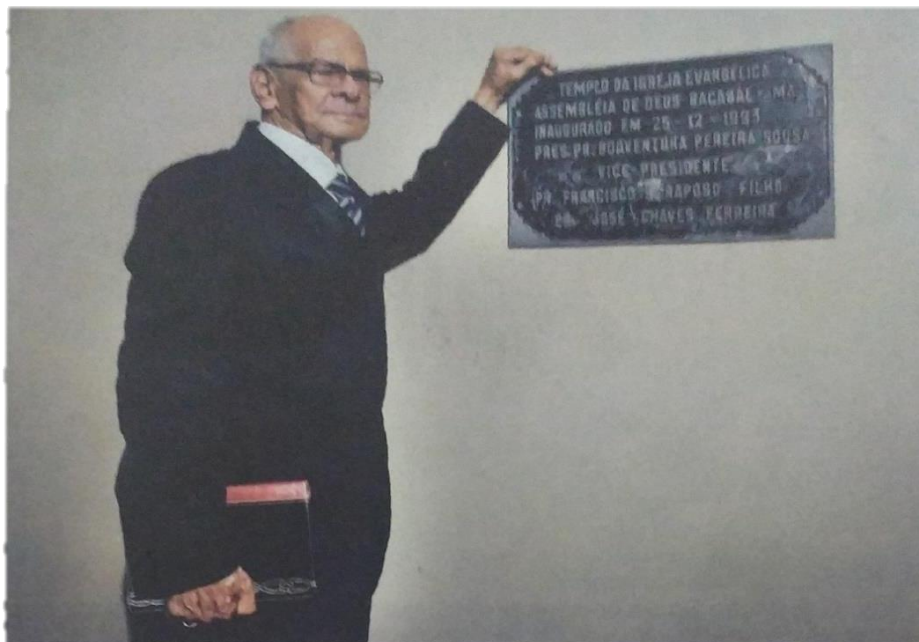
Bacabal,

/

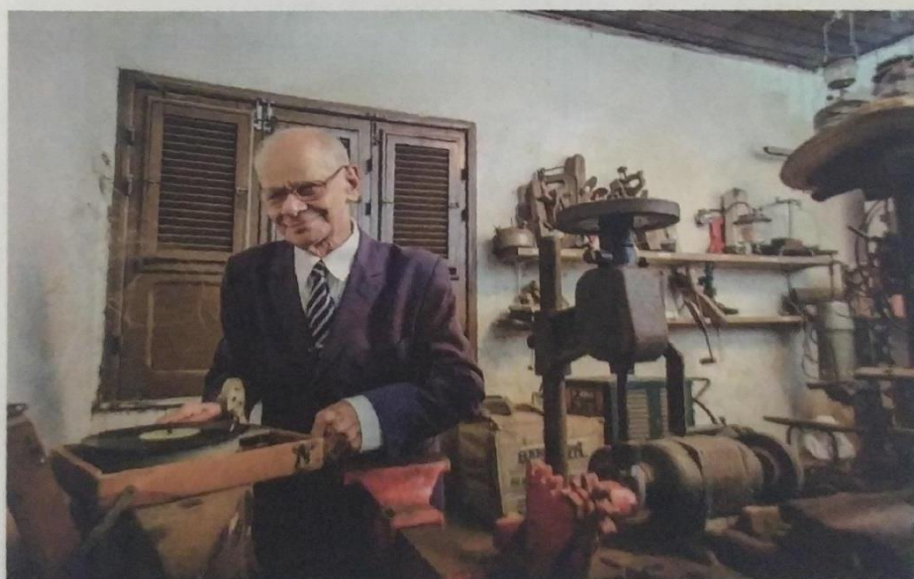
/

Pr. Boaventura Pereira Sousa

ANEXO C - FOTOGRAFIAS DO PASTOR BOAVENTURA



Pastor Boaventura ao lado da placa descritiva do ato inaugural do atual templo central de Bacabal-Ma



Pastor Boaventura exibe sua radiola a manivela, uma das ferramentas utilizadas na evangelização

Fonte: Reprodução da autobiografia de Boaventura Pereira Sousa (2023).

ANEXO D - BANNER DO PASTOR BOAVENTURA

As diversas profissões exercidas pelo pastor Boaventura abriram portas para que o evangelho fosse anunciado em locais de difícil acesso

Fonte: Reprodução da autobiografia de Boaventura Pereira Sousa (no centro da imagem destaque para Pregador do evangelho) (2023)

ANEXO E - FACHADA DA IGREJA



Fonte: Reprodução da autobiografia de Boaventura Pereira Sousa. Templo central projetado e construído por Boaventura Sousa (2023).